

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**OS SINTOMAS E HEMATOMAS DO AMOR: RELATOS DE MULHERES SOBRE A
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

MARIA LILIANE GOMES DOS SANTOS

PORTO VELHO

2013

MARIA LILIANE GOMES DOS SANTOS

**OS SINTOMAS E HEMATOMAS DO AMOR: RELATOS DE MULHERES SOBRE A
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (MAPSI) da Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais.

Orientador: Dr. José Juliano Cedaro

PORTO VELHO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

S2373s

Santos, Maria Liliâne Gomes dos

Os sintomas e hematomas do amor: relatos de mulheres sobre a violência doméstica / Maria Liliâne Gomes dos Santos. Porto Velho, Rondônia, 2013. 155f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. José Juliano Cedaro

1. Psicanálise 2. Feminilidade 3. Violência Doméstica 4. Amor I. Cedaro, José Juliano II. Título.

CDU: 159.964.2: 343.6-055.2

**OS SINTOMAS E HEMATOMAS DO AMOR: RELATOS DE MULHERES SOBRE A
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

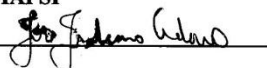
MARIA LILIANE GOMES DOS SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Dr. José Juliano Cedaro (Orientador)

Instituição: Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR


Programa: MAPSI

Assinatura: 

Dra. Melissa Andréa Vieira de Medeiros

Instituição: Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Programa: MAPSI

Assinatura: 

Dra. Ana Maria Loffredo

Instituição: Universidade de São Paulo - USP

Programa: Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Assinatura: 

Dissertação aprovada em 02 de setembro de 2013.

Aos meus pais, irmão e sobrinhos, sem o amor deles não haveria saber possível

A Regis Albuquerque Henrique, pois não há saber sem amor

A vocês eu dedico

Agradecimentos:

Aos meus pais Fátima e Expedito, por me apoiar e sempre acreditar em mim

Ao meu querido orientador Juliano Cedaro, pelo exemplo, dedicação, amizade e escolha

Ao meu namorado Regis, por segurar minha mão nessa caminhada de sorrisos e lágrimas

À Helena, Daiana, Carla, Laura e Patrícia, por compartilharem sua dor

À Lenira Pontes, Graça Lopes, Rosali Scalabrin, Vanessa Mota e toda a equipe da Casa Rosa Mulher, que sempre me recebeu de portas abertas com um sorriso no rosto

À Ana Loffredo e Melissa Medeiros pelo gesto de sabedoria e respeito presente em cada contribuição

À minha grande amiga Nayra Souza, que sempre me sustentou nos momentos de desamparo

À Fabiane Melo e Madge Porto, pelo incentivo e parceria nesses anos de estudo

À Maria Freire, Taís Pacheco, Locimar Massalai, Silvana Andrade, Anélia Monteiro, Aline Miklos, Jane Santos e Sérgio Souza, pela alegria da amizade construída nessa jornada longe de casa

À Loana Costa, Vanderlei Thomas e Emilson Farias pelo apoio na instituição Polícia Civil

A UNIR pela oportunidade de crescimento

Ao todos os professores do MAPSI, em particular Juliano, Vanessa, Luís e Marli, pela forma especial com que se dispuseram a ensinar

À Leny Sato, Marilene Proença, Isabel Gomes e Christian Dunker, docentes que me acolheram na Universidade de São Paulo

A Capes, por tornar o sonho de estudar na USP possível

Do amor conheço os sintomas e os hematomas
Paulo Leminski

RESUMO

SANTOS, Maria Liliane Gomes dos. *Os sintomas e hematomas do amor: relatos de mulheres sobre a violência doméstica*. s.n. 2013. 155p. Porto Velho, Rondônia, 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

Esse trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de mulheres com histórico de violência doméstica, tendo como alicerce para leitura desse fenômeno os conceitos psicanalíticos de *desamparo*, *narcisismo* e *ideal do Eu*, permitindo o estabelecimento da interface amor e violência. O referencial psicanalítico é utilizado como aporte teórico-metodológico da pesquisa, cuja proposta pressupõe o estabelecimento de um diálogo produtivo com a clínica, no desígnio de tentar compreender a violência conjugal pela ótica do feminino. O método psicanalítico possibilitou identificar os componentes subjetivos presentes na vida amorosa de cinco mulheres submersas em relações abusivas, cujas falas foram obtidas por meio da escuta analítica em uma instituição pública de referência no enfrentamento a esse tipo de violência. Destacam-se os conflitos edípicos e a busca por suporte emocional na relação com o cônjuge como forma de enfrentar a experiência de desamparo. Prevalece a busca pela realização amorosa em um casamento institucionalizado, mesmo quando tal condição é referida a partir de muitas queixas a respeito de sofrimentos decorrentes do comportamento do cônjuge. As esperanças de felicidade depositadas no matrimônio encontram correspondência no desejo narcísico de serem amadas e reconhecidas pelo parceiro. Quando não há satisfação na relação conjugal, sobressai o amor ao ideal firmado sobre o casamento como valor que direciona o feminino, afetando seus desejos e suas escolhas. Nesses casos, a manutenção desse ideal como retorno narcísico colabora para perpetuação dos vínculos.

Palavras-chave: Psicanálise. Feminilidade. Violência Doméstica. Amor.

ABSTRACT

SANTOS, Maria Liliane Gomes dos. *Symptoms and bruises of love: Women's reports of domestic violence*. s.n. 2013. 155p. Porto Velho, Rondônia, 2013. Dissertation (Master's in Psychology), Fundação Universidade Federal de Rondônia, Brazil, 2013.

The aim of the present study was to describe the experience of female victims of domestic violence based on the psychoanalytical concepts of helplessness, narcissism and the ideal self to understand the interface between love and violence. The psychoanalytical reference is used as the theoretical-methodological basis of the study, which presupposes the establishment of a productive dialog with the therapist in an attempt to understand domestic violence from the standpoint of the female victim. The psychoanalytical method allowed the identification of subjective components in the love life of five women in abusive relationships, whose discourse was obtained through analytical listening at a public reference institution for this type of violence. The findings reveal oedipal conflicts and the search for emotional support in the relationship with the conjugal partner as a way to cope with the experience of helplessness. There prevails a striving for loving fulfillment in the institution of marriage even in the presence of numerous complaints of suffering stemming from the behavior of one's husband. The hope of happiness deposited in marriage corresponds to the narcissistic desire to be loved and recognized by one's partner. When no satisfaction is derived from the conjugal relationship, the love of an ideal concept of marriage guides the desire and choices of such women. The maintenance of this ideal as a narcissistic return contributes to the perpetuation of ties to the relationship.

Key words: Psychoanalysis. Femininity. Domestic Violence. Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
A PESQUISA PSICANALÍTICA	14
O Método	16
Participantes	19
Campo	20
Procedimentos	21
LEITURAS PSICANALÍTICAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	24
Leituras Freudianas: Masoquismo e Compulsão à Repetição	25
Leituras Lacanianas: Devastação e Gozo	31
O AMOR	37
Um breve passeio na literatura e na cultura	37
Um breve passeio pela psicanálise	45
AS “ESCOLHAS” AMOROSAS	53
Toda escolha amorosa é uma escolha narcísica	63
APRESENTAÇÃO DOS RELATOS	69
Helena	71
Das implicações subjetivas à escolha amorosa.....	75
Daiana	81
Das implicações subjetivas à escolha amorosa	85
Carla	88
Das implicações subjetivas à escolha amorosa	92
Patrícia	98
Das implicações subjetivas à escolha amorosa	101
Laura	105
Das implicações subjetivas à escolha amorosa	109
CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR	112

Sobre a experiência do desamparo na esfera do amor	115
Sobre o tipo de escolha de objeto feita <i>por essas mulheres</i>	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS	148

INTRODUÇÃO

Segundo dados levantados na última pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (ABRAMO, 2010), a cada vinte e quatro segundos uma mulher é agredida no Brasil. Embora não se trate de um fato novo, dada a sua verificação em diferentes épocas e contextos culturais (CÔRTEZ, 2012), esses números questionam a sociedade e provocam inquietações no meio científico, produzindo movimentos em busca de uma resposta para o problema.

Podem-se elencar inúmeros prejuízos decorrentes da violência contra a mulher, que vão desde perdas materiais, como a destruição de objetos pessoais e outros bens, até a perda concreta da própria vida, passando por danos emocionais incalculáveis. Trata-se, portanto, de um tema complexo atravessado por questões de diferentes ordens, que afeta milhares de mulheres e independe de classe social, mostrando-se presente principalmente no âmbito doméstico.

Quando se fala de violência doméstica contra a mulher, fala-se de um tipo de agressão que se manifesta no espaço privado e que tem entre suas características a relação de afetividade estabelecida entre os envolvidos, permitindo a perpetração de dano físico, psicológico, moral e sexual, por um longo período de tempo, uma vez que romper a situação de violência pode implicar o rompimento do vínculo conjugal.

Pauta central em muitas discussões empreendidas pelos organismos internacionais, ocupa espaço nos debates realizados pelos movimentos sociais e na construção das políticas públicas para mulheres. Destaca-se o forte empenho do movimento feminista, como precursor das ações que permitiram ao fenômeno sair do âmbito privado para se tornar uma questão pública, concedendo à violência visibilidade e a possibilidade de ser debatida e questionada.

A Lei Maria da Penha – Lei 11.340/2006 – (BRASIL, 2006a) é um dos grandes avanços nesse cenário, refletindo ações em diferentes âmbitos e possibilitando que a sociedade passasse a olhar para uma questão que por muitos anos permanecia latente. Contudo, ela também possui limitações diante da complexidade do tema tratado, as quais muitas vezes embocam na natureza subjetiva que sustenta a manutenção da violência.

A constatação quanto à presença de questões subjetivas junto a essa problemática permite lograr para uma leitura psicanalítica da subjetividade, desvelando aspectos importantes sobre a feminilidade e o desejo que sustenta uma escolha amorosa nesses

moldes, cujas variantes permitem a uma mulher submeter-se à violência e ao desamor, tornando o sofrimento uma forma de expressão da própria existência.

Partindo de uma compreensão psicanalítica sobre a definição da parceria amorosa, pergunta-se: o que dizer quando a escolha amorosa recai sobre um objeto que confisca o desejo da mulher e a violenta? O que dizer de uma relação perversa que mortifica as possibilidades de expressão de vida do outro? Seriam todas elas, expressões de um gozo desmedido? Ou a própria cultura, ao fazer do amor um imperativo de felicidade, daria conta de explicar uma escolha de objeto nesses moldes?

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905a/1996) alertava sobre a necessidade de olhar para a sexualidade infantil, como tarefa fundamental quando se quer entender as vicissitudes e escolhas efetuadas na idade adulta. Considerando que as escolhas amorosas têm como base um modelo vivenciado na infância, que elementos encontram-se implicados nesta relação que serve de molde para uma escolha que causa sofrimento? Existiria nas relações primevas algo que daria base para a sua compreensão?

São muitas as questões inerentes a uma relação conjugal violenta, das quais a psicanálise não pode se furtar de interrogar. A partir desses questionamentos surgiu o interesse por compreender a experiência de mulheres com história de violência doméstica a partir de uma leitura psicanalítica que ofereça centralidade ao amor – significante capaz de desvelar o que há de mais íntimo no processo de escolha do parceiro amoroso e sustentação do elo conjugal.

O amor constitui um falar inesgotável para a clínica psicanalítica e um tema que *não cansa de não se inscrever para a Psicanálise* (LACAN, 1973b/1993). Tomado emprestado o aforismo lacaniano, o amor é aquilo que se repete e que não cansa de figurar um permanente retorno. Fonte de prazer e sofrimento, mostra-se uma experiência ambígua, a qual a psicanálise propõe problematizar. Questiona-se: o que a psicanálise tem a dizer sobre o amor? Qual o lugar do amor na psicanálise? Que discursos podem ser encontrados na literatura freudo-lacaniana que possibilitariam uma maior imersão sobre o tema?

Um dos principais atributos que definem o fenômeno da violência contra a mulher é o espaço doméstico, pressupondo a existência de um vínculo amoroso, um laço afetivo-sexual que perpassa a relação violenta. Portanto, torna-se importante considerar a história das escolhas amorosas alinhada à história familiar dessas mulheres, cuja narrativa permite desvelar as implicações subjetivas latentes.

Nesse intuito, buscam-se identificar os componentes subjetivos presentes na escolha amorosa de mulheres em uma relação conjugal violenta e, ainda, viabilizar o estabelecimento

de uma interface entre a relação amorosa e a violência, cujo diálogo é subsidiado pelos conceitos psicanalíticos de *desamparo*, *narcisismo* e *ideal do Eu*, referidos como experiências fundamentais no campo da constituição e expressão da subjetividade.

Para Soler (1995, p. 90), “se existe alguma coisa que causa curto-circuito no equilíbrio dos significados de um sujeito é sua escolha amorosa, que pode se impor em contradição, em objeção com suas opções na vida”. Daí decorre ser proposital abordar cada caso na sua singularidade, no intuito de uma discussão sobre a temática, tendo nas bases conceituais psicanalíticas a possibilidade de tecer novas contribuições sobre essa matéria.

A proposta de pesquisa aqui apresentada tem como intuito primeiro a realização de um trabalho clínico, apoiado no método interpretativo da psicanálise. A intenção de compreender a experiência de mulheres com história de violência conjugal parte da possibilidade de o analista se inserir no campo dos desejos, sentimentos, identificações e demais elementos que constituem a subjetividade. Nesses termos, entende-se por implicações subjetivas a forma como esses elementos compõem o sujeito e se apresentam, favorecendo ou não determinadas escolhas.

A Psicanálise, que há muito se debruçou sobre o tema do amor e das escolhas amorosas, reconhece que “os determinantes da escolha objetal da mulher são muitas vezes tornados irreconhecíveis pelas circunstâncias sociais” (FREUD, 1933a/2010, p. 290). Contudo, isso não impede uma leitura do seu discurso na clínica, no intuito de pensar como emergem essas singularidades na relação analítica.

As seções que seguem são uma tentativa de responder algumas das questões aqui apresentadas. A primeira seção traz o método psicanalítico e as características que o definem na clínica, como modelo de investigação para o desenvolvimento da psicanálise. A seguir são apresentados os critérios de escolha das participantes, campo de investigação, principais procedimentos adotados e dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da pesquisa.

A segunda seção é resultado de uma revisão de literatura a respeito de publicações psicanalíticas sobre a violência contra a mulher, especificamente aquelas fundamentadas por obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan. O objetivo foi verificar quais os conceitos psicanalíticos têm servido de base para a discussão desse fenômeno social, permitindo o amadurecimento dessa proposta a partir da problematização desses termos.

Sem desconsiderar a importância das várias teorias e conceitos psicanalíticos que podem se articular com o fenômeno em estudo, justifica-se a opção por dar centralidade ao amor, por se tratar de um elemento importante que atravessa a relação conjugal violenta. Adotado como alicerce e ferramenta de leitura, funciona como unificador da rede conceitual

que sustenta esse trabalho, sendo o amor tema pouco explorado nos textos que tratam da violência contra a mulher, conforme observado na revisão da literatura levantada sobre o assunto.

Nesse desígnio, abre-se a segunda seção com uma breve revisão sobre o amor na literatura e na cultura. A partir da erótica platônica, discute-se a centralidade concedida ao amor como ideal de felicidade que permanece dominante no panorama da contemporaneidade, manifesto na arte, na cultura e na própria psicanálise. A seguir, o passeio é conduzido nos caminhos da psicanálise freudo-lacaniana, abordando o amor enquanto energia libidinal, assinalado pela ambivalência e suas contradições.

A terceira seção é uma sequência das proposições apresentadas na segunda, pois esboça uma revisão teórica sobre as “escolhas” amorosas, com o destaque para o amor edípico e o processo de desenvolvimento da libido, permitindo discorrer sobre a predominância do amor enquanto libido narcísica e o ideal do Eu como correspondente para a experiência de narcisismo secundário, a se manifestar nos encontros amorosos.

A apresentação dos relatos demarca seu caráter metapsicológico, ocasião em que são apresentadas as falas, articuladas ao tema proposto, no intuito de destacar as implicações subjetivas presentes na escolha amorosa de mulheres que se mantêm numa relação conjugal violenta. A última seção propõe uma discussão mais geral sobre os relatos, no intuito de viabilizar o estabelecimento de uma interface entre a relação amorosa e a violência, proposta que abre caminho para novas teorizações e contribuições à psicologia do amor.

Ao pensar essas questões, torna-se possível visualizar algumas características que estariam presentes *no tipo de escolha de objeto feita por essas mulheres*, conforme retomado nas considerações finais do trabalho, ocasião em que se ressalta a importância da psicanálise como aporte para pensar os diferentes dramas humanos, dentre eles, aqueles que tratam das relações amorosas marcadas pela violência.

A PESQUISA PSICANALÍTICA

*Para nós, ciência é um dos vínculos no caminho do homem em busca de si mesmo,
conhecimento de ser que jamais se encontra,
mas que tampouco desiste de procurar.*

Fábio Herrmann

A psicanálise tem seu momento inaugural em 1900, ano em que se registra a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, com uma lógica sistematizada para a compreensão da *psique* humana. Neste famoso livro, escrito na última década do século XIX, Freud apresenta uma nova disciplina científica, trazendo em seu bojo elementos que a caracterizavam de modo evidente como um processo investigativo.

Partindo de uma lógica e de uma ética diferenciadas, a psicanálise pensa o homem como um ser de linguagem, criador de significações e valores, que não se deixa enquadrar dentro de preceitos, principalmente se estes se mostram incapazes de considerar suas singularidades (KEHL, 2002). Ela se consolida como disciplina ao reunir sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos em contato direto com as suas inquietações.

Definida como teoria, modalidade de tratamento para as neuroses e método de investigação da mente humana e seus processos inconscientes (FREUD, 1923a/1996), a psicanálise concede ao método um lugar de destaque, pois é a partir dele que se efetiva a formulação das teorias e, conseqüentemente, se avaliza a eficácia do tratamento. Nesse sentido, afirma-se que o “*método é, sobretudo, relação, sendo indissociável do objeto, do objetivo e da teoria*” (LOWENKRON, 2006, p. 173).

No texto *Uma dificuldade no caminho da Psicanálise*, Freud (1917a/1996) afirma que suas proposições acerca do inconsciente configurariam um dos três golpes narcísicos sofridos pela vaidade humana. Primeiro, percebeu-se que não moramos no centro do universo, graças à revolução copernicana a terra foi destituída desse lugar principal; depois, que não somos anjos decaídos, em função das descobertas darwinianas, o homem deixa de se ver como superior em relação às outras espécies; e por fim, descobrimos que nossas emoções e ações são motivadas por forças para além da nossa consciência.

Para Freud (1917a/1996, p. 150), “o terceiro golpe, que é de natureza psicológica, talvez seja o que mais fere”, exigindo-nos um novo posicionamento diante da vida. A partir do terceiro abalo narcísico é preciso considerar questões que escapam à razão, como a lógica

do desejo do sujeito e todas as suas idiossincrasias, realçadas quando se deixa de ser o senhor da sua própria casa.

Nesse sentido, o papel da pesquisa em psicanálise é ajudar a humanidade a desvelar os segredos sobre si, em busca de uma resposta sobre o funcionamento da mente humana. Apresentada como uma crítica ao racionalismo preponderante no modelo cartesiano de fazer ciência, ela se faz numa relação próxima com o outro, permitindo que os lapsos, sonhos, os sintomas, possam comunicar e desvelar aquilo que não está posto aos olhos do pesquisador.

Nesta busca pela verdade do sujeito, por aquilo que poderíamos chamar essência da alma humana, o método psicanalítico traz consigo um componente heurístico que imprime um caráter artístico ao seu saber-fazer. Oferece, assim, um modelo científico como possibilidade de fazer emergir o sujeito do inconsciente, como o lugar da verdade, das realidades subjetivas, fazendo com se aproxime dos princípios da arte como subversão, inovação e renovação.

Não é difícil encontrar ao longo dos textos freudianos essa propriedade, pois foi sua mente subversiva e inovadora que permitiu a construção e, em muitos momentos, a reformulação das teorias que compõem essa disciplina, permitindo os avanços e reconhecimento pelas suas contribuições em vários campos da vida humana.

Essa capacidade heurística do método psicanalítico só é possível porque a psicanálise, enquanto disciplina científica, “acha-se sempre incompleta e sempre apta a corrigir ou modificar suas teorias” (FREUD, 1923a/1996, p. 269). Nesse sentido é que se torna possível propor a realização de uma pesquisa aberta aos elementos vivos e pulsantes que surgem na clínica, enquanto forma de entrar em contato com a realidade que instiga a própria teoria.

Sendo um método, a psicanálise se recria a partir do contato com os fenômenos que se põem a estudar e é também dentro dessa condição que se formula como um arcabouço teórico, marcado pela possibilidade de abrir sempre novas questões e problematizar seus conceitos, permanecendo viva, como teoria que tem servido de aporte para pensar os diferentes dramas humanos, em especial aqueles que permanecem pulsando, tal qual o amor, a morte e as idiossincrasias do desejo.

Em relação à investigação em psicanálise, Herrmann (2004) define três gêneros possíveis de pesquisa: teórica, empírica e clínica. A pesquisa teórica é descrita como a revisão e a problematização da literatura psicanalítica a partir da hermenêutica de textos clássicos. A pesquisa empírica tem suas bases na investigação da realidade concreta por meio de uma verificação objetiva e um maior controle sobre os resultados, que se aproxima do modelo naturalista experimental. A pesquisa clínica, considerada pelo mesmo autor como uma das

formas mais elevadas de investigação para a psicanálise, é o próprio método da psicanálise em ação, que será tomado como foco nesta parte do trabalho.

O método

De sua pesquisa no divã o analisante pode se fazer letra de uma outra pesquisa: a psicanalítica.

Isac Iribarry

O método psicanalítico na clínica refere-se ao caminho utilizado pelo par analista/analizando na busca de um conhecimento que se mantém para além da consciência. A partir dessa relação o analista passa a ser destinatário das demandas de saber e amor do seu paciente. Esse contato direto com o outro e seus processos inconscientes, oferece condições para o surgimento dos conteúdos transferenciais, por meio dos quais se analisam os fenômenos psíquicos em exposição.

Pode-se afirmar ainda, que a psicanálise “é um método que faz falar o seu objeto, nas condições precisas e codificadas da situação analítica” (MEZAN, 1993, p. 57). Assim, a realização de um trabalho clínico, apoiado na transferência e no método interpretativo tem como ponto de partida o atendimento clínico individual¹, cuja técnica visa favorecer condições que possibilitem a análise dos processos inconscientes, desvelando o latente como indício da existência de conteúdos recalçados.

A transferência assume lugar de destaque enquanto elemento fundamental quando se pretende realizar uma pesquisa nesses moldes, pois é a partir dela que se pode vislumbrar a emergência de sentidos possíveis para a palavra: “Com simplicidade, dir-se-á que, na situação analítica inconsciente é a condição de ser interpretado, enquanto transferência, condição de interpretar” (HERRMANN, 1991, p. 88).

Interpretar em psicanálise é ir além do que está posto. Um processo de redescobrimento e invenção do inconsciente. Desvela afetos presentes no discurso e nos sintomas do analisando e, por sua vez, possibilita a evolução do processo psicoterápico. “Há algo no método psicanalítico que quando opera, traz luz, revela; ele possui um efeito disruptor

¹ Embora o atendimento clínico individual seja mais usado na pesquisa clínica, estudos como o de Nery e Costa (2008) também defendem a possibilidade da pesquisa psicanalítica na clínica grupal.

no campo do sentido comum, possibilitando novas significações, resgatando a polissemia da linguagem e das experiências emocionais” (TANIS, 2004, p.86).

O ato de interpretar pressupõe a necessidade de um contato genuíno com o outro de modo a permitir que ele se mostre. Este também exige habilidade técnica do analista pesquisador, que precisa fazer uso correto da interpretação, como elo que se estabelece entre dois pontos aparentemente soltos, que questiona o sujeito e provoca mudanças em relação ao seu desejo. Interpretar é, sobretudo, promover uma exegese acerca das verdades do paciente - um processo que ocorre por meio da relação transferencial.

A transferência aparece como um consenso entre os autores que discorrem sobre esse tema (MOURA; NIKOS, 2000/2001; IRIBARRY, 2003; HERRMANN, 2004; GUIMARÃES; BENTO, 2008), como parte primordial a sustentar a clínica, tanto para fins de tratamento, quanto para fins de pesquisa. Porém, enquanto na clínica, é manejada exclusivamente para fins terapêuticos; na pesquisa, a transferência é identificada e instrumentalizada a partir dos procedimentos próprios pesquisa psicanalítica (CAON, 1997).

O objeto de estudo do método psicanalítico é por excelência o inconsciente, ou melhor, as suas manifestações. Há da parte do pesquisador a necessidade de produzir novos conhecimentos sobre esse objeto, capazes de apreender os múltiplos níveis de determinação para as relações humanas. “Como um demônio invocado, o inconsciente psicanalítico não pode repousar e nem dá descanso aos seus; ou a teoria do inconsciente está em processo de criação constante, gerando novos diabretes e diabruras, ou rigorosamente falando, não quer dizer nada” (HERRMANN, 1991, p.113).

Ao apresentar um pensamento psicanalítico original, Herrmann (1993) amplia o conceito de inconsciente na pesquisa, que passa a ser nomeado como inconsciente relativo – o inconsciente da relação –, exigindo uma nova atividade de pensamento do pesquisador, capaz de responder às demandas sociais que surgem com a pesquisa e que fazem parte do compromisso ético que sustenta a atividade de produção do conhecimento.

O inconsciente relativo recupera o sentido social e aproxima o pesquisador do palco onde ocorrem os dramas humanos, no intuito de buscar a verdade de cada sujeito. Assim, Herrmann (2001) propõe uma teorização a partir do campo, que passa a ser considerado um conceito necessário à conversão do método psicanalítico à pesquisa, sem o qual a pesquisa psicanalítica pode se tornar tautológica, estando sempre fadada a um recomeço.

Esta forma de compreensão sobre os fenômenos chama atenção para a relação intrínseca existente entre método e realidade, permitindo ao pesquisador apreender outras formas de expressão, as quais só fazem sentido quando relacionadas ao seu contexto. Partindo

de uma compreensão mais ampla sobre o material que emerge na clínica, o pesquisador poderá se deixar guiar pelo espírito interpretativo, na busca por significantes que possam vir à tona a partir do método.

Em função das peculiaridades acerca de uma pesquisa que tem na psicanálise seu ponto de ancoragem, precisa-se registrar que não se trata de um método neutro, em que se suspenderiam os valores e desejos do pesquisador, tampouco se imagina que isso ocorra com qualquer outro método, sobretudo os que visam a construir um saber marcado pela subjetividade e pela singularidade.

Entender a atividade clínica como indissociável da produção de um saber e de uma atividade de pesquisa envolve a renúncia ao mito da neutralidade analítica, à ilusão empirista de que o objeto se oferece como dado, como evidência, pois não existe investigação sem construção do objeto, sem instauração das condições metodológicas mais adequadas para a abordagem deste. Portanto, a análise deve ser pensada como esforço de construção de um campo específico e o analista como implicado nesse processo (LOWENKRON, 2006, p. 176).

Fazer investigação em psicanálise é antes de tudo relacionar-se com o objeto e oferecer como recurso sua própria personalidade, munida da instância inconsciente, enquanto elemento mobilizador que se faz presente também nas escolhas daquele que pesquisa. Dito isto, cabe lembrar que a clínica psicanalítica não se limita a constructos teóricos, mas se sustenta pelo tripé teoria, supervisão e análise pessoal - elementos indispensáveis também numa pesquisa acadêmica que recorra a tal método.

O processo de investigação e interpretação exige que se coloque em ação o próprio inconsciente do pesquisador, como um instrumento ativo no processo de vinculação e comunicação com a subjetividade do outro. É a partir dessa dimensão inconsciente que o pesquisador poderá incrementar sua leitura sobre os fenômenos observados, podendo ainda servir-se dela para o manejo de aspectos contratransferenciais que possam prejudicar o desenvolvimento do trabalho de pesquisa.

O pesquisador tem um papel importante na formulação da clínica, pois “os objetos de investigação fazem parte da vida do pesquisador e podem ter como consequência tanto a elucidação do caso, como seu ocultamento” (GUIMARÃES; BENTO, 2008, p. 97), por isso mesmo, caberá a ele desconfiar daquilo que sabe e que, muitas vezes, mascara o principal, fazendo com pareça trivial aos seus sentidos.

Essas implicações, por sua vez, não devem ser tomadas como um empecilho no caminho científico da psicanálise, mas como um elemento enriquecedor que permite a construção de um saber marcado também pelas experiências daquele que pesquisa. Neste

sentido, pesquisar a clínica será sempre uma atividade singular e reveladora que não se pauta por medidas e generalizações, mas pela capacidade de retratar o idiossincrático.

Participantes

As participantes dessa pesquisa são mulheres que vivenciaram a violência conjugal e em algum momento tenham permanecido ligadas a um parceiro violento, sem que seja necessário delimitar o tempo para essa experiência. Também não há uma demarcação quanto ao tipo de violência sofrida, podendo ser caracterizada de diferentes formas, contemplando tanto as agressões físicas, quanto as ofensas morais e psicológicas.

Optou-se por convidar mulheres com idade igual ou superior a dezoito anos, considerando que nesta faixa etária as pessoas são juridicamente adultas e podem decidir sobre os próprios atos, o que pressupõe autonomia para deliberar quanto à participação voluntária na pesquisa, podendo assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sem a obrigação de ter o aval de um responsável legal.

Não foram consideradas questões como nível educacional, renda ou o fato de terem sido casadas com registro no cartório ou em alguma ordem religiosa. Bastava terem vivido numa condição marital, a qual tenha implicado em situações de violência constante ou com repetições frequentes.

Pelos critérios citados, foi possível atender a doze mulheres, das quais foram selecionadas cinco, no intuito de apresentar uma discussão que pudesse responder aos objetivos da pesquisa. As suas experiências foram tomadas como referência para a apresentação dos relatos, cujas falas durante as sessões serviram de base para a análise.

O critério de seleção para a escolha dos relatos está relacionado à quantidade de sessões e à relevância do seu teor para a realização das discussões propostas. Considerando o método apresentado, deu-se preferência às mulheres que se dispuseram ao processo analítico, comparecendo com frequência semanal às sessões e, ainda, àquelas que, respondendo à técnica da associação livre, demonstraram ter na relação com o parceiro amoroso um ponto central do seu discurso.

Campo

O campo escolhido para a realização dessa pesquisa é um Centro de Referência para Mulheres em Situação de Violência, criado com o objetivo oferecer atendimento psicológico, social, orientação e encaminhamento jurídico às mulheres em situação de violência. Suas ações são pautadas pela política nacional de proteção e também de enfrentamento a esse tipo de violência.

A Casa, como costuma ser referida, é vinculada à Prefeitura de uma capital da região norte do Brasil e está situada num bairro periférico. Sua estrutura física passou por quatro reformas e duas ampliações desde a fundação, ocorrida em 1994. Atualmente o serviço conta com um espaço amplo, mobiliário adequado e arquitetura acolhedora.

As ações desenvolvidas no local têm como base a perspectiva de Direitos, garantindo a ampliação dos espaços de cidadania, por meio de ações que permitam a transformação da situação da mulher na sociedade e garantam o respeito aos Direitos Humanos das mulheres (FARAH, 2004). De acordo com a norma técnica que orienta esse serviço,

os centros de referência são estruturas essenciais do programa de prevenção e enfrentamento à violência contra a mulher, uma vez que visa promover a ruptura da situação de violência e a construção da cidadania por meio de ações globais e de atendimento interdisciplinar (psicológico, social, jurídico, de orientação e informação) à mulher em situação de violência. Devem exercer o papel de articuladores dos serviços organismos governamentais e não governamentais que integram a rede de atendimento às mulheres em situação de vulnerabilidade social, em função da violência de gênero (BRASIL, 2006b, p. 11).

Além do atendimento social, psicológico e jurídico, são oferecidas oficinas de sensibilização em gênero, violência doméstica, saúde e economia solidária, além de cursos profissionalizantes como de manicure, cabeleireiro, corte e costura, pintura em tecido, bordado em ponto cruz, barbantes, customização, depilação, jardinagem e empreendedorismo, de modo a favorecer a autonomia financeira das mulheres.

Embora seu público-alvo fosse mulheres em situação de violência doméstica, este fator não direcionava a procura por seus serviços. A maioria das mulheres que procurava a Casa estava em busca de cursos profissionalizantes e não trazia como queixa a violência doméstica. Assim, ainda que fosse reconhecida por sua política de atenção à mulher em situação de violência, predominava a procura por auxílio social e econômico.

Quando chegavam a essa instituição, as mulheres eram convidadas a preencher o cadastro inicial que fazia parte do controle burocrático. Na ocasião também era apresentado a elas um questionário com perguntas sobre violência doméstica, por meio do qual se buscava identificar se a mulher vivenciava algum tipo de violência, bem como possibilitava ao serviço social fazer os devidos encaminhamentos, quando necessário.

Contudo, o fato de um terceiro identificar a situação de violência não implicava a mulher frente a sua queixa, tampouco gerava demanda para os demais atendimentos disponíveis na Casa, principalmente quando se trabalha com uma proposta de atendimento orientada pela abordagem psicanalítica, cujas dificuldades serão expostas a seguir.

Procedimentos

Com a entrada na referida instituição, planejou-se inicialmente a realização de uma triagem a partir dos cadastros, cujo *screening*² apontava para uma possível situação de violência. Em seguida, identificada a mulher que contemplasse o perfil procurado, era estabelecido um primeiro contato por telefone, na tentativa de marcar um primeiro atendimento.

Não foi necessário muito tempo para perceber que essa estratégia não daria certo, pois a escuta psicanalítica requer uma demanda, uma queixa, algo da ordem de um sintoma que gere incômodo e que mobilize o sujeito. Assim, marcado o primeiro atendimento, a maioria dessas mulheres não comparecia, ou quando alguma delas aceitava participar, sua motivação não sustentava um segundo atendimento.

A decisão quanto a participar de uma pesquisa, nesses termos, não passa apenas pela ética em pesquisa, mas pela ética da psicanálise, pois a aquiescência em assinar um termo de consentimento, por exemplo, não é suficiente para sustentar o desejo de participar do processo analítico. Na realidade, pode ser exatamente o contrário e afastar o sujeito da relação analítica, pois o colocará na condição de objeto, de investigado.

Nesse período foram encaminhados alguns cadastros pela psicóloga, pela assistente social e pela advogada, referente às mulheres que elas haviam atendido na Casa e consideravam a necessidade de acompanhamento. Ainda assim, essas mulheres não se

² Questionário com perguntas sobre violência doméstica, por meio do qual se busca identificar se a mulher vivencia ou vivenciou algum tipo de violência.

mostravam interessadas no atendimento, o que em muitos momentos gerou ansiedade e dúvidas quanto à viabilidade dessa proposta de pesquisa.

Concomitante a isso, chegavam outras poucas mulheres que procuravam o serviço psicológico da Casa, das quais ainda era necessário fazer uma seleção, pois a maioria não trazia em sua queixa a situação de violência. Feita mais essa triagem, foi possível evidenciar a necessidade de um movimento dessas mulheres em direção ao serviço, pois foram apenas essas que procuraram por auxílio psicológico que permaneceram em atendimento.

Essa situação obrigou-me a lidar com dois fatores paradoxais relacionados diretamente ao meu papel enquanto psicóloga e pesquisadora. Se de um lado existia o meu desejo de pesquisadora de ir ao encontro dessas mulheres no período que me restava destinado à realização da pesquisa, do outro repousava o tempo dessas mulheres para chegar até o serviço de psicologia e o desejo de lidar com as próprias questões.

Eis o grande desafio a ser superado frente às limitações que o tempo impõe quando se escolhe levar a psicanálise para outros espaços, pois diferente do que se tem estabelecido como tempo cronológico que regula as convenções, responde-se, em psicanálise, a outro tempo, ou melhor, à atemporalidade do inconsciente.

Contudo, se o modo como eu estava chegando até essas mulheres não se mostrava satisfatório, era então necessário fazer algo, algo que pudesse sustentar e dar prosseguimento ao trabalho. Caberia a mim, como pesquisadora, buscar essas mulheres em outros espaços? Deveria esperar que elas chegassem até mim movidas pelo próprio desejo? Ou, talvez, fosse o caso assumir outras alternativas de pesquisa?

Diante desse impasse, optei por esperar pela demanda dessas mulheres por auxílio psicológico, mobilizando os profissionais que trabalham com esse público para que pudessem estar cientes dessa proposta e encaminhá-las, sempre que possível. Com a divulgação da pesquisa foi possível ampliar o campo e construir uma rede com vários colaboradores que foram criando condições para que mulheres interessadas nesse atendimento chegassem até o serviço.

Os atendimentos eram oferecidos em dois dias da semana, tanto na sala de atendimento psicológico, quanto na sala de atendimento jurídico, seguindo a lógica de divisão de espaço na instituição, conforme as demandas e as situações cotidianas. Igualmente, psicóloga e advogada se prontificaram em ceder o seu espaço no intuito de colaborar com o meu trabalho.

O principal procedimento adotado foi a escuta analítica – ouvir a demanda dessas mulheres livremente, sem roteiro ou quaisquer questões prévias – partindo de uma proposta

clínica que permitiu a realização de um trabalho comprometido com o desnudamento das questões subjetivas trazidas para o *setting* analítico. As sessões ocorriam com frequência semanal.

No caso da necessidade de dar prosseguimento aos atendimentos após o término da pesquisa, foi levado em conta o desejo da mulher em continuar o processo psicoterápico e a viabilidade de encaminhamento para o serviço de psicologia que funciona no centro de referência onde foi realizada a pesquisa, proposta prevista no TCLE e acordada no início dos atendimentos como uma forma de responder à demanda gerada com a pesquisa e a não causar prejuízos à mulher atendida.

LEITURAS PSICANALÍTICAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Quando, porém, é o amor casado com a violência que se torna mais forte nas estações do ano, muitos estragos ele faz, e ofensas.

Platão

A experiência no atendimento a mulheres que vivenciam a violência conjugal permite entrever o quanto é difícil lidar com essa problemática, principalmente se consideradas as diferentes facetas e itinerários singulares adotados pelas mulheres no seu enfrentamento, constatação que vai ao encontro do grande número de publicações voltadas para essa temática, oferecendo diferentes modos de olhar e pensar a questão.

No meio acadêmico prevalecem duas formas de busca por compreensão para este fenômeno (OLIVEIRA, 2004). A primeira delas é pautada por uma explicação histórico-cultural a partir de um viés de gênero que compreende as relações entre homens e mulheres como relações de poder e notória dominação do masculino. A segunda está relacionada à dinâmica psíquica do casal, implicando aspectos subjetivos e outras questões de ordem psicossocial como elementos que influenciam os rumos das relações entre homens e mulheres.

Parece evidente que, diante da magnitude do problema, tais proposições não são autoexcludentes, mas complementares. Não obstante, as mudanças frequentes vivenciadas no âmbito das relações, da sexualidade, da procriação, da organização familiar e do mercado de trabalho, apontam a necessidade de repensar a violência doméstica contra a mulher, como um fenômeno que persiste e requer novos caminhos de compreensão.

A mulher, que por muito tempo esteve à margem da História (SAFFIOTI, 2001), tem convivido com um universo imaginário cheio de prescrições e contradições, que ora a convidam a ser sujeito, a partir de um discurso legal de direito à cidadania, e ora a convidam a ser objeto, capaz de responder aos estereótipos que recaem sobre a sua feminilidade, construídos a partir do discurso masculino.

Se o desejo da mulher não é desvelado e permanece como uma incógnita, o homem tira proveito e o direciona pela palavra (ANDRÉ, 2011). A palavra masculina é, pois, o verbo que se fez carne e que tem definido o lugar das mulheres na sociedade, fazendo com que estas ocupem ao longo dos tempos um lugar inferior na História.

Se o lugar de sujeição delegado às mulheres permite pensar a violência como resultado da cultura e do jogo de poderes entre os sexos (SAFFIOTI, 2001), também é possível

questionar os argumentos que sustentam o vínculo e consentem a sua manutenção. Denunciante da existência de aspectos subjetivos, esses argumentos chamam atenção para as singularidades de cada caso, sem perder de vista a história e o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade.

As leituras psicanalíticas apresentadas para o fenômeno da violência contra a mulher trazem importantes contribuições para pensá-la a partir realidade psíquica dessas mulheres e da sua dimensão subjetiva. Para tanto não é necessário desconsiderar a história das mulheres na sociedade, nem adotar um viés essencialista, pressupondo uma natureza feminina, cabendo à psicanálise o dever de superar esse modo de compreensão (KEHL, 2008).

Se ainda são predominantes as publicações sobre o tema na perspectiva de gênero, a psicanálise tem deixado entrever a relevância de outros olhares, que possam colaborar com a abordagem do problema tratado, colocando em evidência as insígnias da feminilidade, nesse caso, uma feminilidade marcada pela violência.

A lógica adotada pela psicanálise é diferente daquela que regula o direito e as próprias políticas públicas para mulheres, por tratar do sujeito do inconsciente. Dessa forma, antes de serem convidadas à cidadania, questão que ganha força na sociedade pós-moderna e que se encontra atrelada a uma perspectiva de direitos, estas são convidadas a serem sujeitos de desejo a partir do olhar da psicanálise.

Para Minerbo (2004, p. 140), “dependendo da concepção de psique e de mundo que se adota como ponto de partida (do recorte), encontram-se respostas – versões – diferentes para a mesma questão”. Nestes termos, segue a intenção de revisar as leituras psicanalíticas apresentadas para o fenômeno, com o objetivo de desvelar que explicações têm sido oferecidas pela psicanálise, quais leituras tem sido possíveis nesse contexto e, ainda, que conceitos dessa disciplina têm servido de base para a discussão desses casos.

Leituras Freudianas: Masoquismo e Compulsão à Repetição

*Mas eu o amo. Eu não sei por que eu deveria. Ele não é verdadeiro.
Ele me bate também. O que posso fazer?
Billie Holiday*

Nas publicações freudianas sobre a violência contra a mulher, priorizam-se os conceitos de masoquismo e compulsão à repetição como pontos de sustentação na análise

dessa temática. Dentre as produções mais recentes, destaca-se o estudo realizado por Cerruti e Rosa (2008), cuja proposta tem o intuito de questionar os fundamentos das políticas para mulheres e o próprio ordenamento jurídico, apontando a importância de uma leitura que considere o caráter enigmático do desejo e a realidade psíquica, como fatores implicados em um processo que não se limita a uma lógica binária vítima/agressor.

A partir da experiência no atendimento a mulheres em situação de violência, em um contexto bastante semelhante ao da proposta de pesquisa aqui apresentada, as autoras constataam um grande índice de evasão nos atendimentos oferecidos a essas mulheres, tanto por se manterem na relação violenta e desistirem do processo judicial, quanto por repetirem esses modelos relacionais com novos parceiros, o que torna evidente as limitações do Direito e a importância de uma abordagem interdisciplinar no lidar com essa questão.

Cerruti e Rosa (2008) trazem em seu texto duas constatações que não podem ser desconsideradas. Primeiro, a comprovação de que para uma grande maioria das mulheres a condição de opressão não se modifica pela via da conscientização, como era de se esperar. Logo, as propostas educativas não conseguem modificar uma dinâmica psíquica cristalizada. Segundo, as mulheres vivem das mais variadas formas o fato de serem oprimidas, e por isso mesmo, precisam ser pensadas a partir das suas singularidades.

Ao sugerir uma leitura psicanalítica do fenômeno, as autoras buscam destacar exatamente os aspectos subjetivos presentes na dinâmica conjugal violenta. A partir de conceitos como masoquismo fundamental e repetição, fazem um aprofundamento do assunto para além da queixa feminina, questionando a forma como o seu discurso se ajusta a esse lugar de sujeição, limitando as mulheres em sua capacidade de agir.

Muitas dessas mulheres se valem de sacrifícios como uma falsa garantia, uma vez que todas essas renúncias não são suficientes para mudar o marido, não servem à sua transformação, de forma que deixe de ser violento, tampouco garantem que estes venham a correspondê-las no futuro, gerando um profundo descontentamento e uma queixa infinita. Trata-se de um discurso cheio de sofrimento e muitas repetições, se aproximando da ideia de masoquismo como um fenômeno estruturante, como observa Cerruti e Rosa (2008, p. 1066):

É a partir do entendimento de sua condição estruturante que podemos compreender como o gozo masoquista opera uma forte resistência ao processo analítico, tal como descrito por Freud sob a denominação de "reação terapêutica negativa". Analogamente, podemos evocar o apego da vítima ao seu sofrimento, suas reiteradas acusações e queixas contra quem a fez sofrer, e sua relação monótona com a queixa, como uma expressão dessa resistência.

Nesses termos, o masoquismo assume um *status* semelhante àquele concedido à bissexualidade, uma característica universal, contemplada nos quadros neuróticos e presente em homens e mulheres, um masoquismo que não se define pelo sexo ou pela experiência de violência, mas pela forma como se liga à queixa dirigida ao psicanalista.

A questão do masoquismo também é abordada por Narvaz (2010), nesse caso, como uma crítica às leituras simplistas e descontextualizadas de alguns postulados freudianos. No que se refere ao masoquismo, é possível observar um conjunto de saberes produzidos no intuito de culpabilizar a mulher pela violência. Apropriando-se de forma equivocada de conceitos psicanalíticos, eles reproduzem preconceitos veiculados no senso comum, como se de fato as mulheres gostassem de apanhar.

A crítica apresentada acaba sendo dirigida de forma indiscriminada à psicanálise que, segundo a autora, seria responsável por sustentar um discurso normativo sobre o feminino, colaborando para uma compreensão equivocada do fenômeno da violência. Sobre isso, convém discordar, uma vez que é exatamente pela historicidade do sujeito que se pauta o saber psicanalítico.

O conceito de masoquismo em Freud aparece inicialmente nos *Três ensaios*, cuja definição faz contraponto ao sadismo, em referência às perversões sexuais. Nesse texto, “o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, o lugar de objeto sexual” (FREUD, 1905a/1996, p. 150).

Em *Uma criança é espancada* a questão do masoquismo é retomada, como uma fantasia que se esconde por trás da cena incestuosa, ligando-se a um sentimento de culpa e necessidade de punição. Origina-se de uma convergência do amor sexual em sentimento de culpa, capaz de conduzir os sujeitos ao sofrimento. Para Freud (1919/1996, p. 204), “um sentimento de culpa é invariavelmente o fator que converte o sadismo em masoquismo”.

Nesse texto, encontra-se uma relação direta entre o amor e a agressão, na qual a criança que é maltratada é a mesma que é amada. Alimenta-se a nostalgia do pai nessa posição, ao qual se submete para aplacar a angústia. Assim parecem ser as referências do masoquista, “capaz de suportar qualquer dor provocada pelo outro, sem romper o laço que estabelece com este de maneira espantosa e surreal para quem assiste a cena” (BIRMAN, 1999, p. 14).

No texto *O problema econômico do masoquismo*, observa-se o aprofundamento e a ampliação desse conceito. Nesse trabalho, o masoquismo apresenta-se como um componente erógeno que conduz a duas outras formas: masoquismo moral e masoquismo feminino. Esse

último, definido como resultado da identificação narcísica com a posição de objeto. Contudo, convém lembrar que para a psicanálise o masoquismo está associado à posição feminina e não à mulher, pois tanto homens quanto mulheres podem vir a se identificar com a dor e o sofrimento, desde que “sejam causados pela pessoa amada e suportados somente porque dela emanam” (FREUD, 1924a/2007, p. 111).

De acordo com Soler (2005), tanto a posição feminina quanto a masoquista têm em comum o fato de se colocarem na condição de objeto perante a demanda do outro, mas não é possível supor que ambas sejam sempre sustentadas pelo mesmo desejo, sem considerar a essência de cada discurso, de cada lugar, de cada sintoma, cabendo aqui uma maior aproximação sobre a questão, pois o fato de existir uma fantasia masoquista no inconsciente não permite uma relação direta com a violência doméstica.

Para a autora, a mulher, o masoquista e o analista assumem o lugar de objeto, tornando-se arbitrário classificá-los dentro de uma mesma ordem, pois o discurso psicanalítico comporta o desejo da mulher, o desejo do masoquista e o desejo do analista. Se em alguns momentos uma determinada mulher vem a se identificar com esse lugar masoquista, nada mais é que uma das possibilidades de fazer frente à própria castração, não havendo para isso, necessariamente, um elo entre o gozo e a vontade (SOLER, 2005).

Para Serge André (2011, p. 284), há um equívoco ao associar a posição masoquista com um suposto prazer que se faria presente no sofrimento: “como se as mulheres gostassem particularmente de sofrer e ser humilhadas”. Muitas vezes apontado como explicativo para as relações de violência doméstica conjugal e tomado como um significante a definir as mulheres em situação de violência, o masoquismo precisa ser problematizado como conceito que dialoga com a realidade, mas que jamais será capaz de abarcá-la por completo.

Dessa forma, “deslocamos a banalização de tomar o ato de apanhar como masoquismo, no sentido popular do termo, para focar no discurso sobre o ato: o discurso da vítima como alienante e perversor da condição desejante” (CERRUTI; ROSA, 2008, p. 1067). Por essa nova ótica, o que classifica o masoquismo é a repetição de um discurso marcado pelo gozo e não o ato violento interpretado isoladamente e fora dessa compreensão.

Tais constatações colocam à frente o desafio de examinar com maior acuidade a história de cada mulher, antes de partir para uma classificação apressada e equivocada. Se na teoria freudiana o feminino estaria associado ao lugar passivo de objeto, entende-se que esta posição não é necessariamente um atributo das mulheres, estando presente em ambos os sexos, com manifestações flutuantes, como se observa no masoquismo (FREUD, 1924a/2007).

A proposta de compreender a relação violenta a partir do conceito de masoquismo também comparece no trabalho de Schaeffer (2009, p. 113). Desta vez com destaque para a concepção de masoquismo erógeno e sua ligação íntima com o gozo sexual. Para a autora, “a violência não se situa somente do lado do ódio ou da destruição. Uma relação erótica precisa – a intricação das pulsões obriga! – tanto de violência, e mesmo de crueldade, quanto de desejo ou de ternura”.

Nesse caso, vê-se que o desejo sexual se alimenta não só da libido proveniente de Eros, mas ainda dos componentes destrutivos presentes na libido agressiva, permitindo uma leitura complexa da violência a partir da não dissociação das pulsões. A autora qualifica o substantivo violência com o adjetivo pulsional. Nesse caso, usa o termo violência pulsional para falar de um masoquismo que em si não é perverso, nem precisa ser marcado pela passagem ao ato violento.

Mas por que a violência pulsional? Simplesmente porque o escândalo do feminino é o masoquismo erótico. Ele faz a menina edípica dizer: “Papai me faça mal, me bata, me violente!” (segundo tempo fortemente recalcado da fantasia “Uma criança é espancada”, teorizado por Freud, em 1919). É a mulher amorosa, que diz para seu amante: “Faça de mim o que você quiser, me possua, me vença!”. Tudo isso, insuportável para o ego e para o superego, pode contribuir com o gozo sexual. Ao preço de que o ego de uma mulher, como o de um homem, possa consentir em livrar-se de suas defesas diante da genitalidade (SCHAEFFER, 2009, p. 114-115).

Nesse ponto, é possível estabelecer uma analogia com as ideias desenvolvidas por Oliveira (2004), cuja discussão central se pauta na teoria do duplo vínculo, segundo a qual a relação violenta se mantém em meio a comunicações contraditórias que coexistem numa mesma mensagem. Assim como as pulsões contrárias se unem no intuito de permitir a união afetivo-sexual do casal, o desejo de amor e destruição se expressa nos pactos de silêncio e nas palavras proferidas na relação conjugal.

Essas comunicações estariam presentes nos momentos de carinho, nas crises de ciúme e nos comportamentos violentos. Pois a incompreensão, o controle e a agressão são marca não só do desrespeito, mas do cuidado e do amor pelo outro. Nesse sentido, uma reação de ciúme exagerada e sem motivos aparentes pode ser também interpretada como um amor intenso direcionado ao parceiro, sem que esse se perceba como sofrendo qualquer tipo de abuso.

Nesse caso, a violência, o abuso e a submissão nunca estão completamente dissociados de seu componente erótico, exercendo um papel importante no psiquismo. Enquanto o masoquismo moral teria uma relação direta com o desejo inconsciente de punição, o masoquismo erógeno se apresenta como outra face do fenômeno, nem sempre atrelado à ideia

de castigo, podendo ainda apontar para a vivência de prazer no inconsciente, como ocorre na compulsão à repetição.

Freud (1920/2006) reformula a teoria construída sobre o funcionamento psíquico ao chegar à explicação do fenômeno que conceitua como compulsão à repetição. Dessa forma, não há mais que se distinguir a energia pulsional entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, estabelecida agora a atuação conjunta de duas forças pulsionais denominadas pulsão de vida e pulsão de morte.

Se essa forma de funcionamento psíquico não contradiz o princípio do prazer, ela, por sua feita, ultrapassa-o, pois se encontra para além desse princípio. Quando se fala em pulsão de morte, trata-se mesmo de uma pulsão sem representação que retira Freud de seu percurso, obrigando-o a reformular sua teoria, atentando para algo que se mostra claramente, através da transferência.

Movido pela experiência de um prazer inconsciente, que pode ser sentido como desprazer, o sujeito freudiano atende a um movimento pulsional que busca restabelecer um estado anterior no tempo, o qual pode referir-se a uma experiência prazerosa, vivida nas primeiras relações com os pais, como ocorre com as pulsões de vida, ou ainda, o retorno ao estado inanimado da matéria, como predomina na pulsão de morte. A esse movimento pulsional que figura um eterno retorno Freud nomeou de compulsão à repetição.

A compulsão à repetição é um fenômeno que leva o sujeito retornar a situações penosas, impressionantes e geradoras de sofrimento, sem que o mesmo se veja repetindo uma experiência anterior (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Trata-se ainda de um conceito psicanalítico utilizado para pensar a problemática em questão, na maioria das vezes atrelado às enigmáticas tendências masoquistas do Eu.

É claro que quase tudo que a compulsão à repetição consegue fazer o paciente reviver outra vez causa muito desprazer ao Eu, pois nesse processo as atividades de moções pulsionais recalcadas são expostas. Mas, como já mostramos, trata-se de um desprazer que não contradiz o princípio de prazer, pois é ao mesmo tempo desprazer para um sistema e prazer para outro. O fato novo e impressionante que iremos descrever em seguida é que a compulsão à repetição também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalcadas naquela ocasião do passado (FREUD, 1920/2006, p.145-6).

Dentre as leituras psicanalíticas que dão destaque a esse conceito, cabe citar a da transgeracionalidade da violência e seu papel na perpetuação de vínculos marcados pela agressividade. Ao considerar a dimensão intersubjetiva, essa concepção implica cada cônjuge

em sua dinâmica perversa, relativizando o conceito de vítima e ampliando a compreensão do fenômeno dentro de um campo relacional.

Por herança transgeracional entendem-se os mitos, tabus e padrões relacionais que são passados de geração em geração como herança familiar, sem que sejam percebidos como tal. Há, portanto, nesses eventos, algo da ordem do traumático que não foi elaborado e que muitas vezes se repete numa tentativa de encontrar uma ressignificação. Como na maioria das vezes são atualizados sem que haja um espaço para pensar essa experiência, assiste-se a um eterno retorno que se perpetua a cada nova geração.

Ao se referir à herança transgeracional da violência, Gomes³ (2005), traz como aporte psicanalítico o mecanismo da repetição – um imperativo que regula as escolhas amorosas inconscientes e que permite conceber a violência conjugal como um fenômeno muitas vezes herdado, uma experiência que se repete por várias gerações e que, por isso mesmo, pode ser pensada como uma herança transgeracional, observada por ela no contexto da terapia de casal.

Atrelada às fantasias masoquistas, a experiência de violência é revivida repetidas vezes, sem possibilidade de ser questionada como repetição de uma história pregressa, configurando dessa forma o que vem a ser denominado como uma psicopatologia dos vínculos conjugais, uma expressão relacional e comunicacional doentia que se manifesta de forma impensada na intimidade do casal.

A teoria da transgeracionalidade chama atenção para esses padrões repetitivos de relacionamento, numa tentativa de encontrar um furo que sirva de caminho à contestação dos sintomas conjugais expressos em forma de violência. Trata-se da possibilidade de rever toda uma lógica perversa que se repete, sem espaço para a expressão de novas formas de subjetivação, o que possibilitaria a elaboração e não a repetição de um modelo conjugal violento.

Leituras Lacanianas: Devastação e Gozo

O homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior do que um sintoma [...] trata-se mesmo de uma devastação.
Jaques Lacan

³ A experiência de atendimento a que se refere tem como base o referencial winnicottiano, contudo, a autora apresenta o material clínico à luz do conceito de repetição, o que vem a colaborar com a discussão empreendida.

A questão da violência contra a mulher também tem sido pensada a partir de conceitos lacanianos, como devastação e gozo, os quais têm ganhado espaço nas produções científicas sobre o assunto, ao sustentar importantes debates e oportunizar uma melhor compreensão quanto à experiência de violência vivida pelas mulheres no âmbito conjugal.

Prevalecem as discussões em torno desses conceitos, no intuito de investigar as cicatrizes narcísicas geradas na pré-história edípica e de compreender a rima de amor e dor que apoia as vinculações perversas, capazes de promover a dissimetria e a aniquilação do outro, proposta que encontra similaridade epistemológica em Freud, possibilitando ao leitor estabelecer um diálogo entre essas diferentes abordagens, permitindo uma ampla compreensão sobre a questão.

O termo devastação aparece na obra de Lacan *O Aturdido* (1973a/2003) para se referir à relação da mulher com a sua mãe. Ele põe em xeque a cena edípica feminina apresentada por Freud para dar centralidade à relação que a menina estabelece com a genitora. Esse é o ponto central dessa teoria, que tem na mãe a figura de um grande Outro para a menina, para quem ela continua a dirigir sua demanda de amor.

[...] a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo nessa devastação (LACAN, 1973a/2003, p. 465).

A devastação como experiência originária de amor e ódio na relação com a mãe cede à relação amorosa seu componente anímico marcado por abolições subjetivas e aniquilamentos em favor do grande Outro. Usado tanto para se referir à relação mãe-filha, quanto à relação da mulher com o homem, a devastação fala da destruição de um lugar, “destruição do lugar onde um sujeito pode fazer valer seu desejo como único” (GRANT, 2002, p.141). Esse desejo passa a ser negligenciado por meio de um grande número de concessões e renúncias em prol do desejo do Outro.

Se o objeto amado é, na verdade, a nostalgia de um objeto primeiro, é na idade adulta que a menina, agora mulher, pode então se reencontrar com o objeto perdido. Nesta fase, não será mais a mãe a destinatária da sua demanda de amor, mas o homem, ou o seu representante que – ao ser escolhido como objeto desse amor – acaba sendo signatário das censuras e reivindicações um dia direcionadas à mãe.

A questão, a respeito da menina, apontada por Lacan em *O avesso da psicanálise* (1970a/1992), é que a mãe – no exercício de seu papel e de seus desejos – sempre lhe fará estragos. Tal qual um crocodilo, esta relação deixará marcas que permanecerão por toda a vida, uma vez que a mãe nunca será substituída completamente, nem pelo pai, tampouco pelo marido.

Na devastação, a menina se depararia com aquilo que há de irrepresentável no gozo materno. Neste caso, a questão do gozo entra em cena, não como experiência de prazer, mas como busca incessante de repetição, como um traço da vida amorosa que transborda e se mantém como algo da ordem do excesso (DRUMMOND, 2011). O conceito de gozo em Lacan é exatamente essa experiência referida pelo excesso e ligada intimamente à ideia freudiana de repetição.

Existem variações na teoria lacaniana quanto aos tipos de gozo que não convêm explorar nesse trabalho, o que é comum quando se refere ao gozo é a concepção de algo que coaduna as pulsões de vida e de morte, capaz de reunir prazer e desprazer. No Seminário V – *As formações do inconsciente* (1958/1999) – prevalece a concepção de gozo que se pretende abordar, referindo a uma relação dual entre amo e escravo, na qual o sujeito goza por satisfazer ao Outro, goza enquanto opera como gozo do Outro.

Essa forma de gozo se encontra situada no real e, por isso mesmo, escapa ao simbólico. Nela “gozar tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro. Mas esta parte também goza – aquilo agrada ao Outro mais, ou menos, mas é fato que ele não pode ficar indiferente” (LACAN, 1973b/1993, p. 35). É pela satisfação do desejo do Outro que se garante o próprio gozo.

Prevalece aqui a ideia de um gozo do Outro na relação com a mãe: “É este primeiro Outro ao qual a criança se encontra mais ligada do que a si mesma, este Outro íntimo e estrangeiro que determina o sujeito em sua alienação primordial e do qual é preciso se separar, como a menina se separa da mãe?” (MARCOS, 2011, p. 270). Eis a grande questão: se não há uma lei capaz de separar a filha do desejo materno, resta para ela a condição de objeto fetiche ou objeto dejetivo nessa relação, pois é quando falha a metáfora paterna que advém a devastação.

Se a mãe permanece *toda mãe* e não dividida pelo gozo fálico de um homem, a filha permanece como objeto de gozo materno, sendo atravessada por esse gozo do Outro que a devasta: é para a mãe um fetiche ou um dejetivo. Fetiche quando a criança se torna o “refém fálico” da mãe totalmente ocupada com ela. Dejetivo quando a mãe está em nada ocupada com a criança, nomeando-a enquanto injúria, insulto (SOUZA, 2011, p. 88).

A menina, inicialmente atrelada ao desejo materno na incumbência de ser o falo, não consegue se desvencilhar desse lugar de objeto, repetindo essa posição nas relações estabelecidas ao longo da vida. A relação amorosa se apresenta nesse caso, como o modelo ideal para reportar-se a essa experiência, podendo ser representada pelas marcas da violência, como esclarece Souza (2011, p. 85):

A problemática da violência doméstica contra a mulher se apresenta de modo inquietante quando as relações amorosas por ela marcadas revelam um tipo particular de gozo, onde o Outro é tudo. Mulheres se submetem a homens violentos e não conseguem romper o ciclo interminável de renúncia em prol do Outro. Para algumas mulheres, a busca insaciável pelo Outro é deslocada metonimicamente da mãe para o homem, perpetuando assim seu lugar de objeto rebotalho, desprezível. Neste lugar, a violência assume conotações de amor, um amor ao avesso, fazendo a mulher gozar da devastação.

A partir dos conceitos lacanianos de gozo e devastação, a experiência de violência perpetuada em uma relação amorosa passa a adquirir novos sentidos junto à história de vida dessas mulheres. As relações estabelecidas na pré-história edípica seriam portadoras de um saber desmedido que se mantém no domínio do real, fazendo com que as mulheres se coloquem numa posição arriscada frente à demanda do Outro. Para Kehl (2008, p. 269),

as mulheres se encarregam, frequentemente, de levar o amor um pouquinho além dos limites estabelecidos pelo falo; elas são portadoras de uma certa desmedida, de um saber que informa que, diante de certos prazeres, a dor pode valer a pena – o que não equivale em absoluto a dizer que a dor seja condição do prazer, mas a sustentar seu prazer apesar dos riscos da dor.

Ao que parece, no contexto mortífero marcado pela violência conjugal o desejo da mulher permanece como o desejo do Outro, configurando uma relação de desmedidos em que o homem corresponde aquilo que Lacan nomeou como a devastação da mulher. Sendo herdeiro da relação que a mulher estabeleceu com a mãe na fase pré-edípica: “o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior do que um sintoma [...] trata-se mesmo de uma devastação” (LACAN, 1976/2007, p. 98).

A relação violenta aparentemente comporta um nó de significantes a ser desatado, cuja experiência é marcada pela angústia que sinaliza o encontro com aquele que seria o substituto fálico e que, por isso mesmo, confronta o outro com esse lugar de falta. Quando a mulher se põe na condição de amada e desejada, está sendo o objeto do gozo fálico do seu homem, assim como desejou um dia ser o falo de sua mãe. Portanto, ser objeto do gozo do Outro é

retornar à relação com a mãe – à fase pré-edipiana – lugar que tem uma importância *sine qua non* para se entender a alma feminina.

A metonímia da devastação faz com que as escolhas amorosas da filha sigam o padrão de seu relacionamento com a mãe. Na ausência do amor, existe a devastação. O homem-devastação é aquele que a ilude com o engodo de ser tudo aquilo que ela precisa para existir como objeto, mesmo que sendo um objeto rebotinho. Ao marcar o corpo da mulher com a violência, goza perversamente e a faz gozar a devastação. Para ela, a violência assume um significado de amor (SOUZA, 2011, p. 88).

Em histórias de violência contra a mulher nota-se ainda uma devastação bem maior do que alheamento de uma posição subjetiva. Trata-se de uma destruição no real da carne, somada ao impedimento, em certas circunstâncias, do exercício de gozos que marcam a feminilidade. A posição de objeto comparece como uma forte expressão da posição feminina, como um lugar imposto pela ordem do discurso que se institui sempre que a agressividade do parceiro rompe em ato.

Ao estabelecer um diálogo proveitoso com a clínica, Campanário (2010) procura mostrar como pode ser devastadora a relação mãe-filha e como é capaz de afetar a forma com as mulheres se posicionam na relação com o parceiro amoroso. Nestes casos, a experiência de perda e desamparo vivida na idade adulta passa a ter um poder devastador de atualizar a experiência infantil, oferecendo um caminho possível de compreensão para a experiência de mulheres que sofrem violência e se mantêm neste tipo relação.

A grande variedade de situações apresentadas para um mesmo fenômeno não nos deixa esquecer que falamos de diferentes mulheres e que, como disse Lacan (1973b/1993), só podem ser tomadas uma a uma, pois, embora sejam muitas as constatações referentes ao ciclo da violência e às suas manifestações, há sempre um particular que foge à regra e à lógica adotada.

Quando Lacan diz no Seminário XX, *Mais ainda* (1973b/1993) que “não existe A mulher” é porque, de fato, não há um significante que as agrupe e uma representação simbólica que as defina, sendo capazes de se reinventar a partir de um discurso plural, marcado pelas suas singularidades. Logo, as mulheres estão para além do falo, ou qualquer outra apreensão simbólica que ambicione lhes aprisionar dentro de um conceito.

Em Lacan (1953/1998) o sujeito emerge pela via da palavra, em que pese tal afirmação, a fala, desde muito cedo, tem um papel primordial na constituição do sujeito, quando o separa do desejo do Outro, ocasião que ele passa a nomear o seu próprio desejo. A psicanálise, ao oferecer escuta, propõe-se como veículo de voz para as mulheres em situação

de violência, permitindo que o sujeito antes falado, possa falar por si mesmo, criando assim, novas alternativas e vicissitudes para o desejo.

Cada deslocamento na direção de ser sujeito promove um furo na linguagem dos discursos que têm aprisionado as mulheres, exigindo uma nova forma de pensar a diferença como propõe Arán (2006). Tal constatação permite, por sua vez, o deslizamento de um gozo do Outro para outro gozo, bem como amplia a compreensão quanto à relação feminina com o gozo suplementar.

É no seminário XX que Lacan fala de um gozo suplementar, ao qual só teriam acesso as mulheres, embora elas nada possam dizer sobre ele. Esse gozo seria responsável por fazer da mulher esse ser não-todo no que se refere ao gozo fálico, desse modo:

O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita no fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse *uma a uma* (LACAN, 1973b/1993, p. 19).

Para Guerra (2001, p. 89), “uma análise deve pretender deslocar o sujeito do discurso no qual se encontra instalado, produzindo novas formas de lidar com o gozo”. Assim, desalienar-se do desejo masculino e romper com o ciclo da violência implica apropriar-se da fala, enquanto sujeito de desejo e de linguagem, possibilitando a emergência de novos significados para a feminilidade, pela via desse mais além de gozar.

O AMOR

Um breve passeio na literatura e na cultura

*Se começo pelo amor, é que o amor é, para todos – por mais que neguem –,
a grande coisa da vida.*
Charles Baudelaire

O amor é tema recorrente na literatura, no cinema e também nos consultórios psicológicos. Protagonista de romances e tragédias, ele está presente nas diversas manifestações humanas, das mais refinadas obras de arte às redes sociais na *internet*. Suspirado pelas alcovas - em versos e trovas - ou gritado pelos botecos e mercados, como poetizou Chico Buarque⁴, o amor se revela uma linguagem que transita do singular ao universal, intimamente ligada à experiência humana e à própria existência.

Das cantigas de amor cortês aos dramas shakespereanos, o amor ganhou espaço como valor moderno que passou a orientar os comportamentos e as relações. Logo, a literatura a ser citada pede espaço pela habilidade em retratar os ideais compartilhados na sociedade e, mais ainda, por provocar a propagação desses valores na cultura, a partir da construção de uma retórica de elogio ao amor.

Destaca-se a obra clássica de Platão (380 a.C./2003) – *O banquete* – apontada por Costa (1998) como fonte do mito amoroso que sustenta o ideal de amor romântico no ocidente. Nela o amor comparece como um deus poderoso que conduz à aquisição da virtude e da felicidade. Sendo o amor um bem supremo, não restaria aos homens outro destino, que não essa busca incessante por encontrá-lo.

É o que se observa na passagem do andrógino que, dividido ao meio, terá que vagar pela terra em busca da sua outra metade (PLATÃO, 380 a.C./2003). Em sua tentativa de fazer um só de dois e curar a natureza humana, o andrógino encarna a busca pela completude. É em decorrência dessa divisão que todos se veriam condenados a vagar em busca de sua outra metade. Logo, homens e mulheres, ricos ou pobres, loucos ou sãos, peregrinam na direção de encontrar o ser amado.

⁴ BUARQUE, Chico. O que será? (A flor da terra). Álbum: Meus caros amigos, 1976.

A erótica platônica se constitui como marca da produção de um discurso que se manifesta na mitologia, nas artes e na própria psicanálise, a partir do qual a busca de existir como um todo em estado de completude dá nome ao amor. Não é de gerar surpresa que a ela recorra Freud (1921/1996) e a partir dela seja encontrada fundamentação para a concepção de amor em Lacan (1961/1992), por ora convém mencionar o lugar de importância ocupado pelo amor nessa obra.

Assim, de muitos lados se reconhece que o Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. Não sei eu, com efeito, dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado (PLATÃO, 380 a.C./2003, p.10).

Eis aí a essência de toda uma tradição romântico-burguesa, corroborada nas transformações históricas que ocorreram no meio social. Se na Antiguidade e na Idade Média a união dos casais era estabelecida em cumprimento a um acordo contratual entre as famílias, a ascensão da burguesia deu legitimidade à escolha amorosa e à noção de casamento com um lugar para a felicidade, onde o amor e o sexo são elementos fundamentais (HADDAD, 2009; ARAÚJO, 2002).

O romantismo traz consigo a possibilidade de expressão de uma subjetividade negada que se abre como manifestação das individualidades, agora tratadas como um aspecto central no plano social, econômico e literário. A valorização de um modo de vida marcado pela liberdade, pela individualidade e pela valorização do sentimento permite então a emergência do *eu literário* a retratar o amor em primeira pessoa, numa sociedade que se organiza também a partir das referências fundadas sobre a vida privada.

Nesse cenário, a satisfação alcançada na relação amorosa passa a ser um modelo de realização idealizado e almejado por um grande número de pessoas, para as quais o erotismo ocupa lugar de destaque e cuja satisfação equivale à própria felicidade. Assim, os valores propagados pelo amor romântico se tornam referência e direcionam a escolha do parceiro, o objeto amado com o qual se irá estabelecer um vínculo afetivo-sexual.

A liberdade de escolha traz consigo a ambição por um amor correspondido, exemplo de relação propagado pelo romantismo que imprime mudanças no terreno do amor. Se agora, a possibilidade de ser escolhido caminha lado a lado com a possibilidade de não sê-lo, não basta ter o objeto ao lado, pois, tão importante quanto amar, é o anseio por ser amado. Para Costa (1998, p. 145):

Queremos que a pessoa amada seja livre para nos desejar, mas sendo livre, pode escolher outro parceiro. A liberdade do outro se torna fonte de desafio, ciúme e vontade de domínio. Se o outro, no entanto, abre mão de sua autonomia, perde o atributo, por excelência, da desejabilidade, a livre decisão de nos amar.

Nas sociedades ocidentais, o poder de dissolução do casamento sempre foi assegurado ao homem, cabendo à mulher manter-se em conformidade com o imperativo *até que a morte os separe*. Para elas, o casamento mostrava-se uma instância indissolúvel, imposta pelo patriarcado como espaço de controle e garantia de descendência para o masculino, pensamento reforçado pelos valores judaico-cristãos predominantes na época (ARAÚJO, 2002).

Ao prever a consensualidade dos cônjuges e a manutenção do vínculo pelo afeto o ideal de liberdade individual que paira na sociedade burguesa conduz essa relação para o terreno das incertezas, ocasião em que o casamento deixa de ser uma instância “indissolúvel”, para figurar um espaço de liberdade para o desejo. Com o enfraquecimento da Igreja e as mudanças na sociedade, dá-se legitimidade ao divórcio, como um direito que passa a ser gozado por ambos (ARAÚJO, 2002).

Nesses termos, o amor se articula às incertezas e inseguranças da modernidade, pois atira os amantes em um mundo sem garantias, cujo caminho que conduz à felicidade é também uma porta aberta às decepções e ao desamparo, o que pode ser observado na dor originada pela perda e no desmoronamento das fantasias que alimentam a idealização do ser amado.

[...] a estética e a *Weltanschauung* romântica, se por um lado embelezam e dignificam a experiência amorosa, justificando-a por sua dimensão propriamente passional, por outro deixam emergir expectativas e enormes idealizações daquilo que se pode esperar dos vínculos amorosos, em um projeto a tal ponto elevado, que só pode levar à decepção diante dos resultados efetivamente logrados (HADDAD, 2009, p.14).

Como apresenta Haddad (2009), as exigências impostas ao amor e à aspiração por alcançar o lugar de exclusividade absoluta como objeto amado permanece tão forte quanto antes. Em um contexto social marcado pela possibilidade de escolha e pela diversidade, o objeto amado continua a reivindicar seu *status* de único e insubstituível, criando assim uma dimensão mítica do amor que em pouco condiz com a realidade.

Para essa autora, é a partir do referencial romântico inatingível que se estabelece uma verdadeira ditadura do amor, assim o amor passa a justificar não só as escolhas amorosas, além disso, sua ausência passa a constar como argumento legítimo nas separações e divórcios

cada vez mais frequente. Se antes a união dos casais era apoiada pela moral que dava centralidade à manutenção da família, hoje é o amor que ganha destaque como ideal de felicidade a ser desfrutado a todo custo.

De fato, o anseio por amar e ser amado permanece vivo no coração do sujeito moderno. É o que também evidencia Barthes (2010) quando se propõe a falar do lugar do apaixonado. Partindo da ideia de que todo episódio de amor é revestido de significado, o autor dá destaque ao amor e, pela semântica do eu, cria um retrato estruturante das emoções em *Fragmentos de um discurso amoroso*.

Nessa obra, tida como um marco literário de resgate do discurso amoroso, o adorável, a anulação, a ausência, o ciúme, a dependência, a identificação, a magia e a sedução se articulam como fragmentos, enquanto o amor se mantém como um significante capaz de unificar todos os significados, dando sentido à vida e à própria existência.

A partir de distintos referenciais, dentre eles o psicanalítico, o sujeito apaixonando vai se constituindo pela escrita bartheana, ocasião em que o amor é adotado como valor central que perpassa toda a obra, pois é como valor que o amor dá consistência à semântica construída por Barthes, exaltado nos quatro cantos do trabalho e justificado pelo eco que ressoa a partir do discurso deslumbrado que se repete.

Esse argumento, por sua vez, não se restringe ao campo literário. Consolida-se cada vez mais como uma ideia ligada à ética do bem e à estética do belo, permitindo ao amor ser pensado como um aspecto central da vida e, mais que isso, como um imperativo de felicidade que alimenta o imaginário de todo o Ocidente. A respeito disso, Costa (1998, p. 11) considera que em nossa sociedade “nada substitui a felicidade erótica; nada traz o alento do amor-paixão romântico correspondido”. Para ele,

[...] é extremamente difícil imaginar outros modos de auto-realização pessoal numa cultura em que o amor romântico se tornou sinônimo de praticamente tudo que entendemos por felicidade individual: êxtase físico-emocional socialmente aceito e recomendado, segurança afetiva, parceria confiável, consideração pelo outro, disponibilidade para a ajuda mútua, solidariedade sem limites, partilha de ideais sentimentais fortemente aprovados e admirados, como a constituição da família e a educação de filhos, enfim, satisfação sexual acompanhada de solicitude, ternura, carinho e compreensão (COSTA, 1998, p. 101).

Por outro lado, a ausência de satisfação no campo do amor cria em cada sujeito um buraco, um vazio no qual é atirada toda sorte de acusações e autorrecreminações potencializadoras de sofrimento. Se não há mais uma tradição familiar superegógica capaz de determinar as uniões entre os sujeitos, há por sua vez um indivíduo só e sem herança,

responsável pelo seu destino e sem referências que possam dar sentido aos momentos de infelicidade experimentados ao longo da vida.

Barthes (2010, p. 239) recorda que não há uma lei que regule o amor, tampouco é possível se valer de seus signos, pois “querendo provar seu amor ou esforçando-se por decifrar se o outro o ama, o sujeito apaixonado não tem ao seu dispor qualquer sistema de signos certos”. A arbitrariedade do signo confunde e seduz os amantes pela sua imprecisão. Muitos são os significados que dele podem surgir, mas nenhum deles será capaz de expressar a verdade sobre o amor.

A única confirmação presente é que o amor está para todos e dele nem o próprio *Eros* pôde escapar. Assim como ilustrado do mito de *Eros e Psiquê*, caberia a Eros a tarefa prescrita por sua mãe de fazer com que Psiquê se apaixonasse por um ser monstruoso. No entanto, é o próprio Eros, que não resiste aos seus encantos e por ela se apaixona, é o próprio deus do amor que é pego de surpresa e agora nada pode fazer a não ser entregar-se nos braços de sua amada.

O mito como representante da cultura, ilustrador do pensamento científico e manifestação de arte, permite traçar um, dentre muitos outros caminhos possíveis de compreensão para a experiência humana. Aqui, mais uma vez, o mito faz eco a todo o imaginário social segundo o qual não é possível escapar aos artifícios do amor, tamanhas são as incertezas de um verbo irregular que não se conjuga no futuro.

Para Freud (1930/2010), o amor é um dos caminhos que o homem percorre em busca da felicidade e, ainda, uma fonte de sofrimento com a qual ele deverá se haver. Sendo as possibilidades de felicidade restritas, o homem poderá ver-se infeliz em decorrência de diferentes circunstâncias. Contudo, são os relacionamentos humanos uma das fontes de sofrimento mais penosas a que Freud vai se referir, principalmente quando pensados como condição *sine qua non* ao bem-estar afetivo.

Quando não se concebe a alegria desacompanhada dos sabores e dissabores do amor, abrir mão de uma relação amorosa implica insatisfação, fracasso e infelicidade, não importa que seja esse um amor de perdição, o que predomina como queixa é a inversão da assertiva freudiana, a felicidade passa a ser regra e não a exceção, agora exigida como um direito constitucional, inalienável e sem restrições.

O amor, atrelado à ideia de felicidade é, pois, um direito de todos e todas, sem o qual não é possível dar sentido à vida. Se os relacionamentos continuam ocupando um lugar privilegiado na demanda por análise (HADDAD, 2009), não encerra com o desejo de viver o

amor em sua “plenitude” e bancar as amarguras que esse possa vir cobrar, pois amar e ser amado continua a ser uma das formas de enfrentar o sofrer.

Freud (1930/2010) classifica a felicidade como algo subjetivo e, reconhece a impossibilidade de uma definição única, que não leve em conta as diferentes percepções que cada sujeito concede a um mesmo fenômeno. Contudo, isso não impede que as experiências prazerosas encontradas nos primeiros relacionamentos se vinculem ao amor como um modelo de satisfação e felicidade, como ele mesmo observa:

[...] Estou falando, claro, daquela orientação de vida que tem o amor como centro, que espera toda satisfação do amar e ser amado. Essa atitude psíquica é familiar a todos nós; uma das formas de manifestação do amor, o amor sexual, nos proporcionou a mais forte experiência de uma satisfação de prazer avassaladora, dando-nos assim o modelo para nossa busca da felicidade (FREUD, 1930/2010, p.39).

O que pode haver de errado em buscar a felicidade no amor? Se há pecado nesse fato, não é disso que trata a psicanálise. Orientada por uma ética do desejo, a psicanálise tem na felicidade uma questão de economia libidinal, cabendo a cada sujeito encontrar uma maneira própria de ser feliz (FREUD, 1930/2010). Além disso, busca explicações nas contradições humanas, dentre elas, aquelas que fazem de uma relação amorosa infeliz um sintoma, substituto que ironicamente atende a desejos de satisfação inconscientes.

Nos casos em que o sujeito tome o amor como centro de sua vida e único caminho em busca da felicidade, o risco de sofrimento será iminente, uma vez que as frustrações causadas pelo objeto são inevitáveis. Embora tal atitude pareça comum no auge de um estado de apaixonamento, deverá ceder lugar a outras formas de satisfação que possam coexistir ao prazer gerado pelo encontro amoroso, de modo que este não venha a sucumbir ao gozo diante das perdas que se fazem necessárias ao longo da vida.

O amor se sustenta sob a promessa de um estado de completude jamais alcançado que constitui em cada ser sua fantasia primordial. O que Freud também recorda é que, apesar de vinculado à ideia de felicidade, o amor é um sentimento que desacomoda o sujeito: move, impulsiona, desaloja. Ele precipita o indivíduo rumo ao encontro com o outro e à própria falta.

Sopro de vida e de morte, nem a fantasia de completude que ampara o encontro amoroso, nem as defesas levantadas pelo Eu para protegê-lo de um possível envolvimento afetivo/sexual serão capazes de evitar o confronto dos sujeitos com suas limitações, tampouco será o parceiro capaz de suplantar a falta.

Sendo a falta representativa da castração humana, ela também se apresenta em oposição aos valores predominantes no meio social, presentes na intolerância ao sofrimento e na ideia de felicidade como um bem a ser adquirido sempre no *prêt-à-porter*, o que faz do amor uma experiência por vezes mais ameaçadora.

Ante a dificuldade em lidar com essa ameaça, muitos são aqueles que se precipitam em fazer eco a uma cultura narcísica em que prevalece o individualismo, como tentativa de proteger-se dos riscos e ansiedades inerentes ao desafio de viver junto, a contar as concessões e renúncias presentes em qualquer união que pretenda garantir o respeito à individualidade do outro.

Esse é o sujeito que serve de referência às teorizações de Bauman (2004, p. 23), homens e mulheres para os quais “a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar”. Acreditando estarem protegidos das artimanhas do amor, essa forma de se relacionar é também um reflexo das transformações que o mundo vem passando no que diz respeito às relações humanas e a organização social como um todo.

Em um contexto cheio de contradições e com poucas referências, Bauman (2003; 2004) se propõe a pensar os ajustes e desajustes sentimentais que caracterizam o homem de hoje. Atravessado pelos símbolos da tecnologia e da virtualidade, o sujeito moderno carece de um pai protetor, de uma lei que barre o seu desejo, mas ao invés disso encontra apenas um excesso de gozo, ludibriado pelas aparências do ser e pela orientação ilusória de uma vasta literatura que se classifica de autoajuda e aconselhamento.

Bauman (2004) aborda a liberdade nos relacionamentos amorosos como uma via de mão dupla que pode figurar como dádiva ou maldição, pois implica desejo e responsabilidade. Enquanto se goza de liberdade para transitar em diferentes contextos e se relacionar com outros sujeitos, há de se bancar a possibilidade de uma vida só, sem garantias de amor a toda prova, de alguém para contar ou para responsabilizar pela própria solidão.

Essas mudanças, por sua vez, deixam claras as transformações do sujeito psicanalítico. Se num primeiro momento havia um sofrimento gerado pelo conflito entre o desejo do sujeito e as suas aspirações morais e estéticas da personalidade (FREUD, 1910a/1996), o ideal de liberdade permite uma reordenação do desejo e uma nova leitura do sofrimento, agora gerado pela indeterminação simbólica e pela ausência de uma norma paterna.

Vive-se assim, uma relação conflituosa entre os apelos de liberdade e o desejo de segurança, pois se a previsibilidade e a segurança se apresentam como elementos importantes ao equilíbrio psíquico e à manutenção dos vínculos, essa mesma segurança oferecida pela

norma entra em contradição com o ideal de liberdade e felicidade dominante, impedindo outras possibilidades de satisfação no amor.

Para Bauman (2004), a insatisfação gerada a partir da superficialidade dos encontros amorosos reforça ainda mais a necessidade de se relacionar, bem como, alimenta um ideal de realização afetiva que permanece sempre a ser alcançado. Cria-se uma aura em torno desse sentimento que, quando não corresponde aos ideais propagados, passa a ser questionado em sua veracidade. Logo, o verdadeiro amor é sempre aquele que está por vir, e que certamente trará mais felicidade que o derradeiro.

Compreensão semelhante é apontada pelo também sociólogo, Enriquez (2003), a respeito da forma como o amor ganha centralidade nos dias de hoje, ora assumindo o lugar de objeto do desejo, idealizado como ponto de satisfação máxima capaz de coadunar objetivos afetivos e sexuais, ora esvaindo-se como um objeto de consumo, descartado sempre que se mostra impotente na habilidade de satisfazer às expectativas do ser amado.

Trata-se, portanto, de um contexto em que a superficialidade das relações e a fragmentação dos vínculos mobilizam a todos de maneira inquietante. Se os amantes gozam de liberdade para viver o amor não atrelado ao compromisso, concomitante a isso se percebe um movimento contrário, de busca e valorização do amor romântico, o que explicaria a proliferação do discurso amoroso, como porta voz de um desejo partilhado que se contrapõe à liquidez dos vínculos estabelecidos em sociedade.

Para Enriquez (2003, p. 14), “nunca se falou tanto de amor, porque nunca se amou tão superficialmente, e em tão pouco tempo”. A contemporaneidade, ao forjar um cenário de relações efêmeras e de laços humanos cada vez mais frágeis, é o palco perfeito que permite a propagação do amor como ideal de realização a ser concretizado, uma vez que, os valores herdados do iluminismo acabam por reiterar o amor como um valor predominante.

Em contradição ao próprio significado de iluminismo, movimento que dissemina a luz da razão sobre humanidade, o ideal de felicidade ironicamente lança sua sombra sobre o amor, à medida que este se apresenta revestido de pompas e prestígios que mascaram a instabilidade desse sentimento. A repressão de suas características mais obscuras faz com que a idealização do amor permaneça como um caminho de realização plena e sirva de referência para a demanda de felicidade que permanece dirigida à psicanálise.

Um breve passeio pela Psicanálise

Falar de amor, com efeito, não se faz outra coisa no discurso analítico.
Jaques Lacan

Em textos como *O Mal-Estar na Civilização* (1930/2010) e *Psicologia de Grupo e análise do Ego* (1921/1996), Freud reconhece o amor nas suas diferentes formas e propõe uma distinção entre o amor que se estabelece entre um homem e uma mulher e aquele direcionado aos filhos, aos amigos e aos ideais. Enquanto esse último renuncia à satisfação sexual direta e se apresenta de forma modificada, como afeição inibida em sua finalidade, o amor firmado entre um casal prevê o estabelecimento de um vínculo afetivo-sexual cuja finalidade é erótica.

As exposições sobre o amor no seu sentido mais genérico, considerada a amplitude que a palavra amor permite alcançar, são destacadas quando Freud faz referência à amizade, ao amor entre pais e filhos e outras formas “dessexualizadas”, que renunciaram seu componente sensual como forma de fazer-se possível frente aos ideais sociais. Contudo, permanece como núcleo em sua teoria o amor e seu fundo sexual - sua grande meta.

O amor como sinônimo de amor-paixão genital é aquele que se estabelece entre duas pessoas adultas, ligadas por fins sexuais e que, como tal, pressupõe o desenvolvimento da libido em torno da busca de completude - e não mais de uma satisfação marcada pela parcialidade. Ao passo que o amor, cuja afeição encontra-se inibida em sua finalidade, partilha dessa mesma origem sexual, mas abdica desta finalidade, como lembra Freud (1930/2010, p. 65-6),

[...] chama-se ‘amor’ a relação entre homem e mulher, que fundam uma família tendo por base as suas necessidades genitais; mas também são amor os sentimentos positivos entre pais e filhos, entre os irmãos numa família, embora tenhamos que descrever tal relação como amor inibido em sua meta, como ternura. O amor inibido na meta foi, na origem, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente humano.

Essa citação torna evidente que a origem do amor, nas suas diferentes manifestações, é a mesma. Convida a pensar o amor como libido, energia pulsional que, quando não inibida em sua finalidade, tem na satisfação sexual seu objetivo. Essa é a definição encontrada na teoria das pulsões (FREUD, 1915/2004), ocasião em que se observa a união de diferentes sentidos

para a palavra *trieb*, dentre eles acorda destacar a sua acepção como libido e como sentimento de amor.

Para Freud (1921/1996), libido é expressão extraída da teoria das emoções e se relaciona a tudo que pode ser compreendido dentro da palavra amor. Abordar o amor dessa perspectiva exige que se percorra o caminho de constituição do sujeito e desenvolvimento da libido, a partir do qual se torna possível vislumbrar as diferentes formas de busca de satisfação da pulsão, antes que se chegue ao amor erótico vivenciado na idade adulta.

Não faz parte dos propósitos desse trabalho discorrer sobre as diferentes formas de amor, tampouco ilustrar possíveis diferenciações existentes entre o amor e a paixão. Tomando como referência Freud (1921/1996, p. 101), “não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome ‘amor’ –, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas”.

Por hora, segue-se rumo ao amor cuja meta é erótica e que prevê o estabelecimento de um vínculo afetivo-sexual; nesse ponto, as pulsões parciais se apresentam como prévias para o amor adulto, que só vem a culminar com a organização da libido na zona genital. Assim, o amor está presente nas manifestações mais arcaicas da libido e se espera que na idade adulta alcance um estado pleno, possibilitando seu exercício efetivo. Nas palavras de Freud (1915/2004, p. 161),

[...] o amor nasce da capacidade do Eu de satisfazer uma parte de suas moções pulsionais de maneira auto-erótica, obtendo o prazer do órgão. É originalmente narcísico, depois passa para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado e expressa então os esforços motores do Eu em direção a esses objetos que são fontes de prazer. O amor se conecta estreitamente com o exercício das futuras pulsões sexuais e, quando a síntese delas tiver se completado, passará a coincidir com o todo da vertente sexual [Sexualstrebung].

A concepção do amor, a partir da qual o amor é pensado como libido, tem início com a experiência autoerótica de investimento no corpo e encontra referência no narcisismo primário⁵, momento que precede a constituição do Eu no sujeito freudiano. Guiado pelo princípio do prazer, o bebê que vem ao mundo é puro Id e se encontra centrado nele mesmo, não apresentando indícios de relações que possam demarcar uma diferenciação entre ele e os objetos (FREUD, 1923b/2007).

⁵ Não existe um consenso em Psicanálise quanto a essa fase do desenvolvimento, enquanto para autores, como Birman (2012), há uma diferenciação entre autoerotismo e narcisismo primário, Laplanche e Pontalis (2001) consideram que, a partir da segunda tópica essas fases coincidem, na sendo necessário expor tal distinção.

O infante busca satisfação e rejeita as tensões internas e externas percebidas como desprazer. Ainda nesse período, a criança vive com quem desempenha a função materna, mormente chamada de mãe, uma experiência de simbiose pela qual não há diferenciações entre ambas dentro dessa relação primeva; tampouco a mãe chega a ser percebida como um ser total, reconhecida a partir do seio.

A criança encontra nesse vínculo um estado de completude basilar que oferece segurança e permite aplacar o medo do desamparo. A condição prematura na qual se nasce faz com que essa relação seja vivida como suporte à condição de extrema dependência, ocasião em que a ausência materna representa um perigo iminente de desamparo, tanto psíquico quanto biológico.

A ideia de desamparo aparece inicialmente na obra freudiana relacionada à experiência de desamparo original, momento em que o bebê se vê totalmente dependente de um cuidador, como um ser prematuro e vulnerável que precisa de um adulto que lhe ofereça conforto, afeto e alimento. O que permite pensar a experiência de desamparo como uma compleição que define cada sujeito e põe em evidência a sua condição compassiva, carente de cuidados, afeto, do olhar e da relação com o outro para que possa desenvolver-se biológica e subjetivamente. .

Essa é a cena narrada inicialmente em *Projeto para uma psicologia científica* (1950/1996) e retomada⁶ em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926/1996), quando Freud se refere ao desamparo original dos seres humanos, cujo nascimento se constitui como modelo para experiências posteriores geradoras de ansiedade. Pensado inicialmente como um modelo biológico, a condição de vulnerabilidade do recém-nascido serve de base à constatação da experiência de desamparo psíquico, que marca a constituição do sujeito e relaciona-se ao modo prematuro como os seres humanos são lançados ao mundo.

É também a partir dessa cena que se tem a definição do termo em Laplanche e Pontalis (2001, p. 112), o qual corresponde ao “estado do lactante que, dependendo inteiramente de outrem para a satisfação das suas necessidades (sede, fome), é impotente para realizar a ação específica adequada para pôr fim à tensão interna”. Trata-se de um bebê indefeso que, se abandonado à própria sorte não terá chances de sobreviver. Logo, a ausência de um cuidador que satisfaça suas necessidades é percebida pela criança como uma situação perigosa.

A saída desse estado de total dependência passa pela diferenciação de si na dialética com o outro e pela percepção dos próprios limites corporais. Considerando a assertiva freudiana que o Eu é, sobretudo, corporal e se eleva a partir da projeção de uma superfície

⁶ O texto *Projeto para uma psicologia científica* foi escrito em 1895, embora só tenha sido publicado em 1950.

(FREUD, 1923b/2007). É somente a partir da relação com o mundo externo que a criança inicia um movimento progressivo que permite a constituição de uma imagem corporal e consolidação do Eu como instância psíquica propriamente dita.

Nesses termos, o desenvolvimento emocional do infante estará firmado no afeto e na devoção materna, por meio de uma relação que se alimenta pelo narcisismo dos adultos, supondo uma reedição desse mesmo narcisismo. Em Freud (1914/2004, p. 110) “o comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que, ao se transformar em amor objetal, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza”.

A negligência nos cuidados com a criança evidencia um empobrecimento narcísico ocasionado pela ausência de proteção nos primeiros anos de vida. De outra forma, o investimento narcísico dos pais em direção aos filhos nessa época se mostra como um indício da existência de uma fase narcísica primária, na qual a criança se mantinha como centro das atenções, ocupante do trono que concedia a ela o lugar de *sua majestade o bebê* no seio da família.

Dessa relação Lacan (1949/1998) formula o conceito de estágio do espelho como formador da função do Eu e precipitador da constituição subjetiva. A criança compõe a integralidade do Eu a partir da imagem especular que recebe pelo olhar materno, o que permite prever a existência de uma relação precursora que serve de identificação e base para a compleição de sua imagem unificada.

Diferente de Freud, Lacan não presume a ausência total de relação nessa fase, mas compreende a interiorização de uma relação intersubjetiva estabelecida entre a criança e aquele que assume a função materna. Assim, da qualidade dessa relação irão resultar vários fatores, dentre eles, aquilo que se define como autoconceito ou autoestima na idade adulta.

Para Lacan (1949/1998, p. 97), é a partir do estágio do espelho que ocorre “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. Tal fórmula vincula-se ao narcisismo primário, demarcando para o infante uma passagem. Se antes a criança era um ser fragmentado, a partir desse estágio passa a se constituir como um ser de relação que se identifica e que se orienta a partir do desejo materno.

Aos poucos a experiência de simbiose e não diferenciação precisará ser desfeita pela interferência de um terceiro, que imprimirá a marca da frustração e da castração. A forma como essa vinculação é desfeita sinaliza uma nova passagem para a criança, bem como, dá lugar a outra organização subjetiva assinalada pela lei, pela norma e pelo princípio da realidade.

Para Kehl (1987, p. 476-7) “a realidade é inimiga da satisfação absoluta do desejo, mas o princípio de realidade dentro de nós, aliado do princípio do prazer, nos ensina os caminhos para a vida e para o amor em troca do abandono do narcisismo primário”. Se o objeto que satisfaz é o mesmo que frustra, resta agora abandonar o “Éden perdido” e encaminhar-se cada vez mais rumo ao princípio de realidade.

Ferida em seu narcisismo, a criança se vê obrigada a voltar-se para outros objetos, distintos à mãe, numa tentativa de retorno a um estado de completude que jamais será alcançado. Dessa maneira, o estado de completude vivido na primeira infância convida homens e mulheres a buscarem formas de satisfação semelhantes, em que possa fazer-se um com o objeto amado, sem que haja nessa configuração a interferência de terceiros.

Freud (1930/2010) observa que não há nada mais natural do que insistirmos em procurar a felicidade do modo como a encontramos pela primeira vez. Passagem semelhante é encontrada em Lacan (1957/1995, p. 13) para se referir a essa relação e à forma como a primeira vinculação afetiva baliza a busca de satisfação amorosa.

Uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo. A primazia dessa dialética coloca, no centro da relação sujeito-objeto, uma tensão fundamental, que faz com que o que é procurado não seja procurado da mesma forma que o que será encontrado. É através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se o procura.

O amor é, pois, uma tentativa de restaurar a experiência de completude experimentada nesse primeiro momento da vida, modelo de relação que servirá de referência para muitos outros relacionamentos. Pensá-lo nesse contexto trará sempre um argumento de aproximação ao conceito de narcisismo, sendo essa uma abertura para se discorrer sobre a vida amorosa na psicanálise freudiana.

Freud propõe uma diferenciação entre narcisismo primário e secundário. Enquanto o narcisismo primário diz respeito a um estágio anobjetal, vivido no primeiro momento da vida em que não há uma diferenciação entre o sujeito e os objetos, o narcisismo secundário, por sua vez, corresponde a uma estrutura permanente do sujeito, cuja definição é marcada pela ação de retirar a libido dos objetos e direcioná-la para o próprio Eu.

Apesar de algumas objeções teóricas e ausência de uma palavra conclusiva, “o narcisismo primário diria respeito à criança e à escolha que ela faz de si como objeto de amor, numa etapa precedente à plena capacidade de se voltar para objetos externos”

(ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 531); ao passo que o narcisismo secundário reporta ao processo cujo investimento pulsional é direcionado para fora, podendo ter como alvo um ideal capaz de conceder retorno para o Eu, como encontrado no texto de freudiano de 1914.

Com o abandono do narcisismo primário e a estruturação egóica, o Eu se constitui como grande reservatório da libido. O narcisismo primário, por sua vez, é substituído por um narcisismo secundário, cuja libido é retirada dos objetos e direcionada para o próprio Eu, algo já mencionado por Freud nos seus três ensaios sobre a teoria da sexualidade.

A libido narcísica ou do ego parece-nos ser o grande reservatório de onde partem as catexias de objeto e no qual elas voltam a ser recolhidas, e a catexia libidinosa narcísica do ego se nos afigura como o estado originário realizado na primeira infância, que é apenas encoberto pelas emissões posteriores de libido, mas no fundo se conserva por trás delas (FREUD, 1905a/1996, p. 206).

Essa via admite que o amor seja pensado como energia pulsional a serviço do narcisismo, pois, uma vez direcionada a libido em favor de outros objetos, sua meta será sempre a satisfação do próprio Eu, e não do parceiro amoroso. O amor como libido e investimento narcísico é o que nos move em direção ao outro e a incessante busca por um estado de completude, nada mais é, que uma forma de encontrar satisfação e segurança para o próprio Eu.

Pode-se afirmar que a teoria do amor como energia pulsional é ampliada a partir da teoria do narcisismo enquanto fenômeno libidinal que se manifesta na constituição do sujeito em relação com o objeto. Pronunciados de maneira indissociável, sujeito e objeto se entrecruzam ao longo do desenvolvimento psicosssexual, não sendo possível supor a constituição subjetiva sem que haja relação entre ambos.

O objeto amoroso, por sua vez, faz referência a um objeto em sua totalidade, encarnando assim, uma pessoa ou um ideal que possibilite ao sujeito alcançar satisfação. “Quando a etapa puramente narcísica dá lugar à etapa objetual, prazer e desprazer passam a significar as relações do Eu com o objeto” (FREUD, 1915/2004, p. 159), e não mais aquelas vivenciadas no próprio corpo de maneira autoerótica.

A libido narcísica é, por assim dizer, o que justificaria os sacrifícios e as renúncias feitas em nome do amor, ancoradas pela esperança ser amado e gratificado. De tal modo, a energia vital de ligação permite o direcionamento dessa energia rumo a novos objetos, mas sempre amarrada à possibilidade de satisfação para o próprio Eu que, quando não gratificado se abre para o ódio e para o ressentimento.

Ao sentir-se privado do amor e ameaçado em seu narcisismo, o amante desperta sentimentos hostis para com o amado, dos quais pode vir a tornar-se consciente, quando não submetidos à barreira da repressão. Essa forma dinâmica de evidenciar o fenômeno faz parte da compreensão adotada pela psicanálise, segundo a qual a ambivalência marca os relacionamentos mais íntimos, colocando em xeque a idealização do amor, como aquele *não se exaspera, não arde em ciúmes e não se ressentido do mal*⁷.

Essa mesma compreensão permite a Lacan (1973b/1993) retratar o amor em suas contradições, quando se utiliza do termo *hainamoration* e pela sua composição cria o significante *amódio*. A partir dessa equação – haine (ódio) + amor = amódio – entende-se que todo enamoramento comporta ódio e amor, transformando qualquer relação marital em um palco potencial para as animosidades dos cônjuges.

As frustrações vivenciadas nas primeiras vinculações afetivas tornam a ambivalência a essência de toda relação amorosa, assim como a mãe frustrou o bebê, não será o ser amado capaz de atender à fantasia do amante sem frustrá-lo e confrontá-lo com a própria falta, o que vem a ser corroborado por Kehl (1987, p. 475) quando diz que “o primeiro sentimento de diferenciação criança-mundo é o ódio. Ela só vem a sentir amor por um objeto fora de si mesma depois de ter sido frustrada algumas vezes pela mãe”.

Em *Pulsões e Destinos da Pulsão*, Freud (1915/2004) apresenta o amor a partir de três polaridades. Assim como a vida psíquica seria dominada pelos opostos: sujeito-objeto; prazer-desprazer; ativo-passivo. Ao amor seriam destinadas três composições que estariam em consonância com o funcionamento psicodinâmico. Desta feita, são compostos os pares “amar *versus* odiar”; “amar *versus* ser amado”; “amor e ódio como uno, *versus* à indiferença”.

Esta formulação abre caminho para pensar a complexidade do amor na psicanálise, uma vez que aquele que ama pode estabelecer com o ser amado uma relação marcada pelo ódio, quando não correspondido; pelo amor quando há reciprocidade; ou pela indiferença. Se a natureza instintual do amor é a mesma, a contar os sentimentos de hostilidade e ambivalência que marcam essas relações, a indiferença é a única polaridade que se opõe, considerando que tanto o amor quanto o ódio se apresentam como faces de uma mesma moeda.

O ódio, por sua vez, aparece como mais antigo que o amor: “ele surge do repúdio primordial do Eu narcísico ao mundo exterior aportador de estímulos” (FREUD, 1915/2004, p. 161). Já o desejo de ser amado se expõe como a mais genuína manifestação do narcisismo,

⁷ Carta de São Paulo aos Coríntios I, capítulo 13, versículos 4-7.

agora atualizado nas relações com o parceiro sexual, o que explicaria o enredamento existente entre os sentimentos de amor e ódio e a relação que estabelecem entre si.

Nesses termos, o amor na psicanálise comporta sentimentos contraditórios que coexistem lado a lado no inconsciente. Bem diferente na ideia de amor romântico e amor cristão, o amor na psicanálise comporta ódio, devoção, cuidado, aniquilação, incorporação e toda uma gama de contradições que se manifestam na relação com um mesmo objeto.

AS “ESCOLHAS” AMOROSAS

*Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes
inconscientes.*
Jaques Lacan

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905a/1996) afirma que a escolha do objeto amoroso se daria em dois tempos. O primeiro deles remeteria à vivência do Édipo, ocasião em que a criança escolheria a figura do pai ou da mãe como alvo para suas demandas de amor. Posteriormente, esta fase sofreria contenção pelo período da latência, ressurgindo na puberdade, momento em que ocorreria o segundo tempo, agora a determinar a configuração definitiva da vida sexual.

O amor perpassa toda a obra freudiana, permanecendo como núcleo em sua teoria, as formulações a respeito do amor edípico, cujo mito, narrado na tragédia, se estabelece como fundante para a própria psicanálise. Considerando as bases antropológicas que desde muito cedo influenciaram sua teoria, Freud convida o mito a entrar em cena e fazer-se vivo no campo da ciência, como base e ancoragem para suas diferentes formulações teóricas, como pode ser observado nos textos que tratam da escolha amorosa.

Para Freud (1905a/1996), a sexualidade infantil e as implicações dos primeiros amores vividos na infância fazem parte da dinâmica que qualifica a vida amorosa e interfere na escolha objetal em todas as fases da vida. É, pois, a partir das primeiras relações objetais que Freud encontrará indícios quanto à constituição da sexualidade adulta e à escolha da parceria amorosa, cuja interdição do incesto consolida-se como característica primordial que deverá imperar sobre os instintos do amor.

Convencido da centralidade do complexo de Édipo e de que a sua ocorrência se dava de outra forma na menina, Freud passou a reformular suas proposições, atentando para as lacunas de sua teoria e para complexidade que envolve o tornar-se mulher. Tomando como ponto de partida a bissexualidade, Freud (1925/1996) constatou que tanto nos meninos quanto nas meninas a mãe é o primeiro objeto de amor. Contudo, entre elas mostra-se necessário uma mudança do objeto, por meio de um giro em direção ao pai.

Tais constatações o levaram a perceber que a descoberta da diferença anatômica entre meninos e meninas, leva ambos a adotarem posicionamentos (inconscientes) diferentes em relação às suas figuras parentais, principalmente no que diz respeito aos fantasmas edípicos. “Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas

meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (FREUD, 1925/1996, p. 285).

Isto quer dizer que para os meninos, o Édipo naufraga devido ao medo de ser castrado, como uma punição aos seus desejos incestuosos. Para as meninas, é o portal de entrada, pois constatando a falta, buscará na figura masculina (amiúde, o pai) o tamponamento para o impacto causado pela castração. Logo, para os meninos a castração é vista como uma punição e para as meninas uma precondição. Neles inibindo e limitando a masculinidade, nelas incentivando a feminilidade (FREUD, 1925/1996).

A forma de incentivo à feminilidade de que fala Freud é o fato da ausência e o sentimento de vazio marcar a mulher definitivamente, como se fosse feita a ferro e fogo. Diferente dos meninos que veem a castração como uma ameaça, uma possibilidade de ocorrência, para as meninas a falta do pênis é um fato consumado. A mulher aprende, desde cedo, a lidar com o nada e com o vazio, elas não têm o que perder e por isso podem arriscar.

Essa característica da ausência, do vazio e do buraco, é uma consequência da renúncia a ter um pênis. Contudo, essa renúncia não é tolerada sem a compensação da fantasia de ter um filho como um substituto, um objeto que virá tamponar a falta. Enfaticamente Freud acaba afirmando que ser mulher é, sobretudo, ser mãe.

Ao definir três linhas de desenvolvimento possíveis para a menina, mais que defender o papel da anatomia como destino, Freud (1933a/2010) define para a mulher o lugar da normalidade, pois para ele, tanto a negação da sexualidade, resultado de uma inibição sexual que a conduziria à neurose, quanto o complexo de masculinidade, cuja escolha do objeto permanece centrada numa mãe fálica e recai sobre pessoas do mesmo sexo, seriam saídas de pouca resolutividade para o Édipo.

Para o fundador da psicanálise, a constituição de uma feminilidade “normal” é marcada pelo desejo de ter um filho; a inveja do pênis, por sua vez, daria lugar ao desejo de ter um bebê que venha a ser o falo faltante. “Ocorre que ‘ser mãe’, coloca-se como uma resposta de ordem fálica, que não obtura a questão sobre o que é ser mulher” (GRANT, 1998, p. 257), permanecendo aí uma das grandes questões da psicanálise.

Dentre as principais contribuições da teoria freudiana na busca de compreender o universo feminino está o processo de constituição da mulher, um passo difícil e complexo, sobre o qual alertava Freud (1933a/2010), pois envolve tanto uma mudança de zona erógena quanto de objeto. Esta travessia, necessária para que a menina torne-se uma mulher, implica descolar-se primeiramente da mãe ou, melhor dizendo, do desejo daquela que desempenhou

para ela a função materna e, num segundo momento, uma mudança de zona, que vai de um gozo clitoridiano para um gozo vaginal.

Tanto para o menino quanto para a menina a mãe é o primeiro objeto de amor. No entanto, a menina precisará desligar-se desse primeiro objeto, deparando-se com uma experiência de perda e desamparo que marcará de forma incisiva e ambivalente a relação mãe-filha, o que levou Freud a inferir que não é possível entender as mulheres, sem valorizar essa fase de sua vinculação pré-edipiana à mãe (FREUD, 1933a/2010), dada a sua capacidade de influenciar a constituição do sujeito, sua subjetividade e a maneira de se relacionar com o mundo.

O encontro com o objeto amado é definido por Freud como um reencontro, por meio de uma relação que carrega as marcas de um amor vivido na infância. A isso Freud exemplifica com a presença de uma inclinação sexual por pessoas que se assemelham àqueles que exerceram a função de cuidado e proteção à criança. Daí a sua aceção do seio como protótipo de todos os relacionamentos amorosos. Para Freud (1905a/1996, p. 215),

[...] mesmo quem teve a felicidade de evitar a fixação incestuosa de sua libido não escapa inteiramente a sua influência. Observa-se um eco muito claro dessa fase do desenvolvimento quando o primeiro enamoramento sério de um rapaz, como é tão frequente, recai sobre uma mulher madura, e o da moça, sobre um homem mais velho e dotado de autoridade, já que essas figuras lhes podem revivescer as imagens da mãe e do pai. Talvez a escolha do objeto se dê, em geral, mediante um apoio mais livre nesses modelos. O homem, sobretudo, busca a imagem mnêmica da mãe, tal como essa imagem o dominou desde os primórdios da infância.

Surge aqui a primeira constatação quanto à causalidade psíquica, que poderíamos supor estar presente nas relações e na escolha amorosa. A escolha comportaria, por assim dizer, um saber que não se sabe, um resquício do romance familiar vivido com os pais, que estaria presente em tal definição, embora não se configure o único caminho de explicação para a escolha do objeto, considerando a imprevisibilidade que marca a causalidade psíquica em psicanálise.

Pensado a partir da sua relação com a experiência edípica e com o conceito psicanalítico de inconsciente, o termo “escolha” não deve ser considerado em seu sentido racional, mas sim como o que há de irreversível e de determinante, na eleição feita pelo sujeito, do seu tipo de objeto de amor (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Trata-se de uma escolha marcada predominantemente por aspectos inconscientes, logo, escapa de contestações pautadas pela racionalidade que tão amiúde caracteriza os estados de consciência.

O amor adulto passa a ser tratado como a reedição de um amor pueril, atualizado mesmo naqueles que não fixaram sua libido sobre as figuras parentais. Contudo, nos casos em que há a fixação incestuosa da libido, esta atualização se torna ainda mais nítida, podendo ser observada no sofrimento do neurótico e nas formas adotadas por ele para lidar com a própria angústia.

Freud (1905a/1996) aponta a ocorrência de adoecimento neurótico após uma experiência amorosa infeliz como um indicativo de reversão da libido para pessoas referidas na infância. Sem recursos para camuflar esses desejos, vem à tona o conflito do sujeito, a partir de uma manifestação sintomática que põe em cheque a atualidade do complexo de Édipo no psiquismo.

O desejo edípico encontra-se vivo e soberano no inconsciente, ocupando um lugar de destaque, o complexo de Édipo produz efeitos duradouros que não se apagam com o período de latência e se renovam durante a puberdade. Nesse sentido não é possível falar da destruição do complexo de Édipo, mas de uma resolutividade possível que se expressa tanto nos modelos de vida ditos normais, quanto naqueles considerados patológicos (FREUD, 1924b/1996).

A saída do Édipo coincide com o processo de identificação, quando se adotam as figuras parentais como modelos identificatórios internalizados pela criança. Nesse sentido “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (FREUD, 1921/1996, p. 115) e pode influenciar as escolhas amorosas dos sujeitos.

Em Lacan (1958/1999) tem-se ainda a ampliação do Édipo, compreendido a partir dos três tempos. Num primeiro momento a criança se identifica especularmente com aquilo que é o objeto do desejo de sua mãe, e a sua grande questão se passa entre ser ou não ser o falo. Com esse intuito, a criança assume o lugar de objeto, enquanto o Eu materno se torna o Outro para criança. Nessa configuração, o pai está presente apenas de forma velada, uma vez que a triangulação se estabelece não com a figura paterna, mas com o desejo materno.

O segundo tempo é marcado pela privação materna e pela interferência do nome do pai enquanto possuidor, aquele que detém o falo e que dita a lei. Assim, a mãe não tem o falo, mas serve de mediadora na comunicação da onipotência paterna. O desejo de ser o falo sofre interferência por aquilo que sai da boca da mãe. É pelo discurso materno que o nome do pai serve de lei e contenção aos desejos do infante e que se manifesta como marcador da privação materna. O pai se apresenta como Outro nessa relação, privando a mãe e não a criança, a partir de uma mensagem proibitiva que caminha em direção ao terceiro tempo.

No terceiro, tempo o pai desliza do lugar onipotente para ocupar o lado potente da triangulação; ele permanece como aquele que detém o falo, mas está disposto a oferecer o falo à mãe exatamente porque o detém. Esse é o momento crucial que marca a saída do Édipo. Embora a identificação com a figura paterna ocorra nos três tempos, é nesse terceiro momento que é consolidada a identificação com o ideal do Eu, ocasião em que o filho abandona o desejo de querer ser o falo.

Tanto em Freud quanto em Lacan tem-se a identificação como um processo fundamental que se consolida no psiquismo a partir da saída do complexo de Édipo. “É nessa medida que o terceiro tempo do complexo de Édipo pode ser transposto, isto é, a etapa da identificação, na qual se trata de um menino se identificar com o pai como possuidor do pênis, e de a menina reconhecer o homem como aquele que o possui” (LACAN, 1958/1999, p. 203).

A identificação nessa fase permite o abandono do desejo materno e a abertura para outras identificações que não ponham em evidência a castração e a ameaça narcísica. Quando a criança abdica do lugar de falo materno e do desejo de possuir a mãe, as catexias do objeto são abandonadas e substituídas por identificações, dessexualizadas e sublimadas (FREUD, 1924b/1996). Agora sobrevém outro desejo, o desejo de ser como o pai, o desejo de assemelhar-se com a mãe.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/1996) aponta a principal diferença entre desejar o objeto amado e identificar-se com ele. Enquanto o primeiro se assenta sobre a possibilidade de *ter* o objeto, a segunda reside no desejo de *ser* como o objeto, de ter as suas qualidades e características mais estimadas.

É fácil agora definir a diferença entre a identificação e esse desenvolvimento tão extremo do estado de estar amando, que podem ser descritos como ‘fascinação’ ou ‘servidão’. No primeiro caso, o ego enriqueceu-se com as propriedades do objeto, ‘introjetou’ o objeto em si próprio, como Ferenczi [1909] o expressa. No segundo caso, empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto (FREUD, 1921/1996, p. 123).

A identificação permite a internalização de características tanto do pai quanto da mãe, pois embora prevaleça a “eleição” de um dos genitores como objeto de amor para a criança, coexiste a essa preferência o desejo e a hostilidade na relação com ambos os pais, sentimentos esses que colaboram para a efetivação daquilo que se entende em psicanálise como Édipo completo.

Na sua forma mais simples, o complexo de Édipo é caracterizado pelo conflito entre a intensificação dos desejos sexuais com relação de um dos genitores e a percepção de que o

outro genitor é um obstáculo a esses desejos. Logo, a impossibilidade do desejo edípico pauta a experiência de amar e a escolha amorosa dos sujeitos, inibindo a pulsão sexual em sua finalidade e conduzindo os sujeitos rumo a outros objetos, que não aqueles evidenciados na primeira infância.

O que se observa então é que, tanto o menino quanto a menina, na impossibilidade de realização do desejo edípico, tomam o pai e a mãe como modelo, como ideal do Eu a ser alcançado. Essa forma de lidar com a ameaça da castração e com a falta oferece um lugar seguro para a criança e ao mesmo tempo permite a ela continuar com fantasia de que, sendo como o genitor, poderá um dia ocupar o seu lugar.

De forma ilustrativa, essa experiência assume contornos bem definidos na neurose histérica, momento em que se observa uma identificação não só com as qualidades do genitor, mas também com o seu sofrimento e sintoma. Se não é possível ter o pai como objeto de amor, adota-se como estratégia a possibilidade de assumir para si as características maternas no intuito de encontrar um objeto amado que seja correspondente ao pai.

Para Freud (1921/1996), a identificação aparece como mecanismo psíquico que permite moldar o Eu de acordo com as características daquele que foi tomado como modelo, desse modo, a autoridade paterna internalizada é resultado do processo de identificação que permite a interiorização da lei como supereu, compreensão que abre caminhos para pensar o conceito de ideal do Eu na psicanálise.

Para Laplanche e Pontalis (2001) é possível notar uma similaridade entre a instância superegógica e o ideal do Eu, mas em muitas passagens da obra freudiana é preciso demarcar uma diferenciação entre ambas, pois, enquanto o supereu, herdeiro do complexo de Édipo, figura como instância moral e reguladora, no ideal do Eu prevalece uma herança narcísica, a partir do ideal dos pais e dos valores sociais que são incorporados como modelo.

O ideal do Eu corresponde ao modelo de idealização/referência almejado pelo sujeito, ao passo que o supereu refere-se a uma estrutura mais global que tem entre suas atribuições, estabelecer esse ideal, não retirando do ideal do Eu sua autonomia, e a possibilidade de ser pensado a partir das suas singularidades, como conceito que reúne objetos ideais, estimados pelos pais e pela cultura (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

O narcisismo é a experiência subjetiva que dá contornos específicos aos ideais elevados em cada sujeito. Enquanto o narcisismo primário corresponde à constituição de um Eu ideal, o narcisismo secundário abre caminho para a edificação de um ideal do Eu, em referência à identificação com os pais e com os ideais compartilhados socialmente.

Em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum ideal inatingido de nós mesmo. “Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo” (FREUD, 1914/2004, p. 65).

À medida que internalizou o outro por meio da identificação, o sujeito enobrece o Eu pela incorporação de suas qualidades, passagem que alude à fase oral canibalística como observa Freud (1917b/2006) no texto *Luto e melancolia*. Por outro lado, a perda do objeto representa o empobrecimento do próprio Eu. Na melancolia, o objeto amoroso havia se instalado no lugar do ideal do Eu, como um substituto capaz de proporcionar retorno ao narcisismo. Com a perda há uma modificação do Eu, uma perda narcísica que pode reavivar outras perdas vividas pelo sujeito nos primeiros anos de vida, conduzindo-o aos estados melancólicos, cujo diferencial repousa nas recriminações dirigidas ao próprio Eu, mas que na verdade, têm como alvo o objeto amado.

[...] as mais graves acusações com frequência não se encaixam exatamente à própria pessoa, mas que – com insignificantes modificações – se aplicam perfeitamente a uma outra pessoa que o doente ama, amou ou deveria amar. Sempre que se examinam mais a fundo esses conteúdos, o doente acaba por confirmar essa suposição [...]. As auto-recriminações são recriminações dirigidas a um objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu (FREUD, 1917b/2006, p. 107).

Registra-se uma inversão da libido objetal, ocasião em que um investimento dessa ordem é substituído por uma identificação. Enquanto o luto mostra-se como a reação a uma perda do objeto, a melancolia põe em evidência a identificação, pois figura um processo de regressão da libido a partir de uma escolha objetal narcísica, em que o sujeito perde uma parte de si mesmo, quando perde o objeto. “No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio; na melancolia, foi o próprio Eu que se empobreceu” (FREUD, 1917b/2006, p. 105).

Em *O Eu e o Id* (1923b/2007), a identificação é citada como etapa preliminar à escolha objetal, vivida de maneira direta e imediata com as figuras parentais da pré-história pessoal, anterior a qualquer investimento no objeto. Em momento posterior, a identificação com os pais reforça a identificação primária, gerando uma marca duradoura no psiquismo que irá afetar as outras identificações ao longo da vida. O que faz da identificação um passo sedimentar ao processo de constituição do Eu e definição daquilo que se denomina por caráter.

Devemos de antemão considerar que deve haver uma escala de gradação na capacidade de resistência do caráter de uma pessoa, tanto em rechaçar as influências produzidas pela história de suas escolhas objetais eróticas, quanto em, ao final, acolher [annimmt] essas influências. No caso de mulheres que tiveram muitas experiências amorosas, acredita-se ser possível comprovar facilmente – nos seus traços de caráter – a presença de resíduos de seus investimentos objetais anteriores. Também deve ser considerada a possibilidade de ocorrer um investimento objetual concomitante a uma identificação, portanto, uma mudança de caráter antes mesmo de o objeto ter sido deixado (FREUD, 1923b/2007, p. 41).

O processo de identificação consente que o Eu carregue consigo as histórias das escolhas objetais ao longo da vida. Para além de uma explicação dos quadros ditos patológicos, Freud (1921/1996) observa a possibilidade de ampliar essa compreensão, estendendo-a para outros campos do funcionamento psíquico, como ocorre quando estamos amando e em estado de hipnose. De forma contrária às autorrecriações observadas na melancolia, a identificação também permite aos seus representantes alçarem um lugar elevado, cuja idealização falsifica o julgamento do sujeito e instala uma relação de devoção.

Com relação a essa questão de estar amando, sempre ficamos impressionados pelo fenômeno da supervalorização sexual: o fato de o objeto amado desfrutar de certa liberdade quanto à crítica, e o de todas as suas características serem mais altamente valorizadas do que as das pessoas que não são amadas, ou do que as próprias características dele numa ocasião em que não era amado (FREUD, 1921/1996, p. 122).

O processo de idealização envolve a supervalorização do parceiro sexual e a falsa percepção de suas características, que passam a ser tomadas em alta conta, ainda que por terceiros não sejam valorizadas. Trata-se mesmo da cegueira do amor apontada por Freud, que passa a operar com suas próprias definições em busca um semblante que possa tamponar a falta.

Dessa forma, o amor se apresenta em sua complexidade, munido de componentes libidinais, que não podem sustentar-se por longo tempo, sem que sejam integrados a outros artifícios, de natureza afetiva. Para isso, também conta o ato de idealização do parceiro, “processo que ocorre com o objeto e por meio do qual o objeto é psiquicamente engrandecido e exaltado, sem sofrer alteração em sua natureza” (FREUD, 1914/2004, p. 112-3).

Para que o amado permaneça nesse lugar inventado pelo amante, a idealização é parte essencial no processo que permite proporcionar a realização do ideal do Eu. O objeto amado assumirá um lugar de destaque na relação com o outro, à medida que incorporar as características almejadas por ele. Nos casos em que não é possível atender a essa demanda, o ser amado torna-se um alvo certo de projeção das características estimadas pelo Eu.

Para Lacan (1958/1999) o lugar do ideal do Eu é o lugar da criança desejada, do filho amado que se encontra na condição de objeto do desejo materno. Aquele que ocupa esse lugar é também representante do desejo do sujeito de retornar a essa condição. Ao incorporar o *objeto a*, o amado faz semblante para essa tentativa sempre frustrada de retorno a um estado de satisfação jamais alcançado.

Dessa impossibilidade, eis que emerge o termo *objeto a*, conceito formulado por Lacan (1961/1992) para se referir ao representante causa do desejo do sujeito e unificador de todas as pulsões. Aludido aqui como representante de uma das partes de compõem o encontro amoroso, o *a* aparece como uma “falha-a-ser”, à medida que o ser amado nunca conseguirá sustentar aquilo que constitui o ideal do Eu para o outro, a não ser oferecendo para ele um semblante, onde possa se agarrar.

Mesmo o amor, como sublinhei da última vez, se dirige ao semblante. E, se é verdadeiro que o Outro só se atinge agarrando-se, como disse da última vez, ao *a*, causa do desejo, é também do mesmo modo à aparência de ser que ele se dirige. Esse ser-aí não é um nada. Ele é suposto a esse objeto que é o *a* (LACAN, 1973b/1993, p. 124).

Nesses termos, o *a* significa não só o objeto causa do desejo, mas ainda o que Lacan nomeia como resto, aquilo que sobra e que é oferecido ao amante como resposta à súplica de amor a ele demandada. No amor o *a* pode assumir diferentes semblantes em busca de uma consistência que possa dar corpo à fantasia, pois um desejo dessa proporção só pode manter-se vivo à medida que estabeleça relação com a fantasia de completude, e é por intermédio da fantasia que se dá a escolha do objeto em Lacan.

Para o autor, o amor é apoiado pela capacidade que se tem de fantasiar, de não abrir os olhos ou acender as luzes para enxergar o outro. É pelo imaginário que se cria em torno do outro uma aura por intermédio da qual se vislumbra suas qualidades e se renegam os seus defeitos. Nesse aspecto, a escolha amorosa na psicanálise sofre as marcas do amor romântico, caracterizado por projeções e idealizações, e pela busca de um estado de completude jamais alcançado.

Pelo aforismo – *amar é dar o que não se tem* – vislumbra-se o impossível do amor em Lacan (1961/1992), cuja saída encontra-se na possibilidade de oferecê-lo em palavras. Amar é dar o que não se tem – é dar o que não se tem em palavras – é oferecer ao outro a própria falta. Contudo, a demanda de amor não é direcionada ao outro, mas ao que lhe falta, promovendo uma dissimetria irreduzível entre o desejo e aquilo que realmente se pode obter

como resposta a essa demanda, fazendo dessa experiência esteja intimamente relacionada à falta.

O mistério do amor corresponde ao fato de que não se sabe do *objeto a* que o causa. Os impasses da relação amorosa, de que tanto ouvimos falar na clínica e que Freud tão bem descreveu e analisou em seus textos sobre a psicologia do amor, não deixam de ter relação com o fato de que as pulsões são para sempre parciais e se manifestam pela compulsão ligada a certos apegos. Por isso mesmo a escolha do objeto amoroso nem sempre atende às considerações ligadas ao conforto e ao bem-estar (RUDGE, 2010, p.176).

É o que destaca Lacan (1958/1999) quando apresenta o amor como aquilo que vem em suplência à relação sexual, como instância que responde à impossibilidade de completude no encontro amoroso, que muito mais figura em desencontro, tão bem ilustrado na canção de Caetano Veloso, *O quereres*:

*Onde queres o ato, eu sou o espírito
E onde queres ternura, eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo, sou mulher
Onde queres prazer, sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói
[...] eu te quero (e não queres) como sou⁸
Não te quero (e não queres) como és⁸*

Quando se fala de amor, não há uma identidade única para o objeto causa do desejo. O desejo, por sua vez, não repousa sobre o outro, mas sobre a capacidade que este possui em fazer semblante para a demanda de amor. O desejo narcísico de ser amado faz com que se estabeleça uma relação não com o ser amado, mas com a fantasia de completude.

Por outro lado, a intimidade entre os amantes não consente a eles continuarem a sustentar suas fantasias por muito tempo. Quando se está disposto a conhecer o ser amado, o encontro com a intimidade do outro permite encará-lo com todas as suas limitações e impossibilidades, fazendo de toda queixa sobre o amor um gozo narcísico, na medida em que o outro frustra e deixa de ser semblante.

Nessa conjuntura, o amor em Lacan é tido como uma experiência fadada ao declínio, pois, hora ou outra, todos serão precipitados a acender as luzes como fez *Psiquê*⁹. Se num

⁸ VELOSO, Caetano. *O quereres*. Álbum: Personalidade, 1986.

⁹ No mito, a relação de *Eros* e *Psiquê* é abalada quando ela descobre a identidade do seu amado. Levada pela desconfiança e pela curiosidade, ela desobedece à ordem do marido, acende uma lâmpada e desvenda sua face.

primeiro momento o ser amado é idealizado e sofre de poucas censuras, esse mesmo semblante não dará conta de obturar a falta, pois continuamos seres faltosos enquanto amamos e essa falta é o que permite a nossa existência como seres de desejo e de linguagem.

A experiência de amar precisa garantir certa fidelidade ao próprio narcisismo enquanto mascara o encontro com a falta a partir do aconchego e da afeição encontrados no outro, aquele que se elege como ser amado. Contudo, é pela não concretização do desejo que se move em direção ao outro, a não concretização desse desejo é o que permite a ele perpetuar-se no espaço das relações, pois tudo que interdita o amor o mantém.

Toda escolha amorosa é uma escolha narcísica

Nunca amamos alguém. Amamos, tão somente, a ideia que fazemos de alguém. É a um conceito nosso – em suma, é a nós mesmos – que amamos. Isso é verdade em toda escala do amor.
Fernando Pessoa

Em seu texto sobre o narcisismo, Freud (1914/2004) realiza um grande salto qualitativo e amplia a compreensão sobre as relações a partir da constatação de uma pulsão voltada para o próprio sujeito, e que tem no Eu o primeiro objeto por excelência. Ele parte da concepção de narcisismo como algo que está presente em todos os seres humanos e que faz parte do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação, podendo manifestar-se de maneira dominante na escolha do objeto.

Como sugere Soler (2005, p. 26) “em matéria de ‘escolha objetal’, tudo começa com o narcisismo”. Fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal, o narcisismo é um conceito estruturante e permanente para a psicanálise. Trata-se de um ponto fundamental na busca de compreender as questões do amor, sob o risco de tornar-se incompleta a tarefa de pensar a escolha amorosa, sem considerá-lo.

Freud (1914/2004) apresenta uma consistente diferenciação entre a libido objetal e a libido do Eu, não mais no sentido de uma oposição quanto à qualidade dessa energia, mas a partir da constatação de um problema econômico de distribuição, a definir os investimentos, ora voltados para o Eu, ora voltados para os objetos. No primeiro caso, o Eu toma a si mesmo como objeto de amor, no segundo, ele investe sua libido sobre os objetos, para depois reorientá-la para o próprio Eu.

O amor se apresenta como uma genuína ilustração da forma como cada sujeito lida com os resquícios das fases narcísicas de seu desenvolvimento. Quanto mais se investe no objeto, mais o Eu se esvazia e empobrece; “aquele que está apaixonado fica numa postura humilde. Quem ama já sacrificou, por assim dizer, uma parcela de seu narcisismo, e o único modo pelo qual o indivíduo agora pode substituí-la é sendo amado” (FREUD, 1914/2004, p. 116).

Toda essa economia pulsional tem na libido narcísica seu grande reservatório, de onde partem as catexias objetais, ocasião em que há um “empobrecimento da libido do Eu em benefício da libido objetal” (FREUD, 1914/2004, p.108). Esse *quantum* investido ora sobre o outro, ora sobre si, é marca de uma questão *econômica*, regulada pela moeda pulsional, de modo que, quanto mais se investe sobre o objeto, mais o Eu se esvazia e gera dependência.

Por outro lado, voltar-se para si como único objeto de amor conduz o sujeito ao sofrimento, o que leva Freud (1914/2004, p. 106) a constatar que “um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar”. Nesse sentido, será necessário arriscar, voltar-se para o outro com sua parcela de investimento, cobrança que se impõe por ser esta uma necessidade tão vital ao ser humano.

Para tanto, a libido narcísica, ou libido do Eu, aos poucos permitirá a formação de afluentes que dela partem rumo ao amor objetal. O Indivíduo, profundamente marcado pela experiência narcísica, finge então renunciar ao espelho, para não sucumbir ao seu gozo mortífero, permanecendo nele e por toda sua vida o intenso anseio de recuperá-lo, e é sobre isso que se sustenta a fantasia de completude.

A partir de suas observações clínicas, Freud define então dois tipos de escolha objetal que se constituem em consonância com os objetos sexuais primordiais, a saber: o tipo de escolha narcísica e o tipo de escolha anaclítica, ambos inerentes ao funcionamento dinâmico do psiquismo, podendo apresentar-se, um ou outro, de maneira dominante na escolha objetal, ainda que o primeiro seja predominante nas mulheres e o último característico dos homens.

Conforme o tipo narcísico ama-se o que se é, o que se foi e o que se gostaria de ser. No primeiro exemplo, *o que se é*, busca-se no outro uma figura idêntica, uma alma gêmea, imagem e semelhança que possa operar como espelho para o sujeito que toma a si como objeto de amor. O Eu torna a ser o destinatário de toda a economia libidinal, assim como é ilustrado no mito de Narciso, o qual figura a experiência de um autoapaixonamento.

No segundo caso, *o que se foi*, busca-se no parceiro alguém que possa iludir a condição faltante, à medida que possibilite ao sujeito reviver a experiência de completude

experimentada na mais tenra infância, ocasião em que o bebê era o próprio ideal de si mesmo. Nesse tipo de escolha permanece a aspiração por um estado de completude supostamente vivido, a ser atualizado no desejo de fusão com o objeto amado.

No que se refere à escolha por amar *o que gostaria de ser*, entra em cena o conceito de ideal do Eu que também é marca de uma escolha narcísica em que há um deslocamento do narcisismo para o objeto, como mais uma tentativa de busca por completude. Neste caso “será amado aquilo que possui uma qualidade que falta ao Eu para chegar ao ideal” (FREUD, 1914/2004, p. 118). Mas nunca o sujeito em sua completude, tampouco, nas formas em que este pode se mostrar incoerente aos anseios de satisfação a eles demandados.

Essa forma de amar predominantemente narcísica apresenta-se dominante nas mulheres belas, as quais se mostram desfavoráveis à estruturação do amor objetal marcado pela exaltação do objeto. Para Freud (1914/2004, p. 108), “é só a si mesmas que essas mulheres amam com intensidade comparável à do homem que as ama. Elas não têm necessidade de amar, mas de ser amadas, e estão dispostas a aceitar o homem que preencher essa condição”, o que vem a ser ratificado em seu texto sobre a feminilidade.

Ao falar do desenvolvimento da menina, e da sua vinculação à mãe na fase pré-edípica, Freud (1933a/2010) constata que frente à falta as mulheres querem tudo. Tal quais as exigências de amor de uma criança, o feminino quer exclusividade e não admite a partilha. O que torna desmedida a reivindicação de amor por uma mulher, cuja demanda é infinita, diferenciando-a do que ele classifica como escolha anaclítica ou por veiculação sustentada.

Conforme o tipo anaclítico, ama-se a mulher que nutre, o homem protetor e as pessoas substitutas que venham a ocupar esses lugares. Nesse tipo de escolha predomina uma supervalorização sexual em benefício da libido objetal, solidificada na relação estabelecida com os pais na primeira infância. Enquanto a mulher que nutre faz referência à figura materna, ao pai cabe o lugar do homem protetor, podendo o parceiro ou parceira escolhido na idade adulta vir a “substituí-los” nesse lugar.

Para o criador da psicanálise, “a mais avançada fase de desenvolvimento que a libido objetal parece ser capaz de atingir é o estado de apaixonamento, que se apresenta como uma desistência da própria personalidade a favor do investimento no objeto” (FREUD, 1914/2004, p. 99). Contudo, não deixará de cobrar seu preço, ao esperar do objeto o oferecimento de um lugar onde o sujeito se reconheça amado.

O objeto, neste caso, ganha uma aparente centralidade em detrimento do Eu, que passa a ser atingido diretamente em seu autoconceito. Daí, constata-se a existência de uma ligação

própria entre o autoconceito e o componente narcísico da vida amorosa, podendo também ser afetado pelas experiências de êxito ou fracasso ao longo da vida.

Ainda que seja apontado como predominante entre os homens, Freud também considera a presença deste modelo de escolha objetal em muitas mulheres, o que parece vir a ilustrar as relações mediadas pela violência, ocasião em que se evidenciam as renúncias e um suposto abandono narcísico, em favor do objeto amado.

Na tentativa de unificar a libido objetal e a libido do Eu cada par estará, mais ou menos, propenso a desviar sua libido narcísica para o objeto, sob a promessa de uma relação amorosa feliz que ofereça retorno ao seu narcisismo. “A capacidade de amar é diretamente proporcional à capacidade de renunciar. Amam parte do próprio narcisismo ao qual renunciam para ascender à posição sexuada, amando aquilo que não tem” (JUNQUEIRA, 2012, p. 73).

Chama atenção o modo como o narcisismo de uma pessoa exerce grande atração sobre a outra, principalmente naqueles que “renunciaram” ao pleno exercício de seu próprio narcisismo e que se encontram à procura do amor objetal. Para Freud (1914/2004, p. 109) “é como se os invejássemos por conservarem um estado psíquico de felicidade, uma posição libidinal inexpugnável que nós mesmos abandonamos há muito tempo”.

Contudo, permanecem em Freud os indícios que permitem defender a existência do amor enquanto libido narcísica, que estaria presente nas relações humanas e, por sua vez, em pouco condiz com as características comumente associadas ao amor cristão tão propagado pelo senso comum. Mesmo a escolha objetal do tipo anaclítico não deixa de ser vista como uma forma de investimento sobre o próprio Eu, que “renuncia” parte do seu narcisismo em troca de segurança e de afeição.

Também em Lacan, o amor é concebido como uma experiência genuinamente narcísica que tem origem na relação especular estabelecida entre o bebê e aquela que desempenha para ele a função materna. O estágio do espelho é um momento crucial em que o bebê passa a conquistar a integralidade do Eu, a partir da imagem que é repassada a ele por meio do Outro materno.

Essa definição de si enquanto imagem unificada dá suporte ao desejo, pois sobre o imaginário repousam as faltas e, por conseguinte, a fantasia de completude. É assim que o narcisismo está presente em toda escolha do objeto, pois ao se constituir como sujeito, cada indivíduo reconhece as próprias falhas, e é somente pela percepção que tem de si que pode voltar-se para o outro em busca do que lhe falta.

Para Lacan (1973b/1993, p. 14) “a análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretensão objetual – papo furado – é de fato o que, no desejo, é resto, isto é, sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade”. O autor é enfático ao situar o amor no terreno do narcisismo, e mostra-se relutante em aceitar a ideia de um amor objetual, uma vez que amar é antes de qualquer coisa querer ser amado. É ver-se como único, desejado.

Tamanha a impossibilidade de satisfação desse desejo, o amante é obrigado a convertê-lo em demanda, cobrança de amor direcionada ao outro que só pode oferecer a ele a própria falta. “O amor demanda o amor, ele não deixa de demandá-lo, ele o demanda *mais ainda*” (LACAN, 1973b/1993, p. 12). As incongruências existentes na escolha objetual, são postas em evidência na relação pelo inacessível desejo de “fazer-se um” dos apaixonados. É a sua impossibilidade enquanto relação sexual que permite que se continue a buscá-lo.

Trata-se de uma busca nunca abandonada por completo, uma vez que o direcionamento da libido rumo aos objetos e aos ideais também é uma forma de investimento narcísico que intenciona reaver o que foi investido. Tendo no Eu o destino narcísico por excelência, encontra-se nos objetos e no ideal do Eu apenas um desvio pela exteriorização da libido, cujo fim correspondente é o mesmo.

Assim como no mito do andrógino que, antes de ser dividido ao meio, um dia foi completo (PLATÃO, 380 a.C./2003), permanece a fantasia de completude à espera de alguém que possa tamponar a falta inscrita no psiquismo, seja como forma de compensá-la ou mascará-la, negando a própria condição faltante. Aquilo que se vê no parceiro não é o outro, mas o reflexo do que está contido na essência do próprio sujeito.

No amor, antes de voltar-se para o outro, cada indivíduo carrega o selo da libido ligada ao próprio Eu. Nessa tendência explicativa encontramos em Freud e Lacan um amor interesseiro, que espera gratificações e recompensas pelo que investiu. Assim, seja o amor da supremacia dos investimentos narcísicos ou camuflados pelos investimentos objetuais, é do narcisismo originário que partem os instintos amorosos que sustentam a promessa de um estado de completude e o intenso anseio por recuperá-lo.

Sabe-se ainda dos limites dessa compreensão, à medida que a escolha amorosa não é predestinada unicamente pelas forças internas do autoerotismo, mas sofre influências diretas das experiências ao longo da vida. Acredita-se que a escolha objetual investigada à luz do narcisismo vai muito além da retirada da libido do objeto. Cabe nesses casos uma investigação mais profunda sobre a cadeia geracional que oferece base ao narcisismo primário e sobre as experiências externas que moldaram o amor objetual. Quando a questão *econômica*

sai de cena, restam-nos muitas outras que precisam ser aprofundadas no contato com esta problemática.

APRESENTAÇÃO DOS RELATOS

*Por favor, não me analise
 Não fique procurando cada ponto fraco meu.
 Se ninguém resiste a uma análise profunda,
 Quanto mais eu...
 Ciumento, exigente, inseguro, carente
 Todo cheio de marcas que a vida deixou
 Vejo em cada grito de exigência
 Um pedido de carência, um pedido de amor.
 Amor é síntese
 É uma integração de dados
 Não há que tirar nem pôr
 Não me corte em fatias
 Ninguém consegue abraçar um pedaço
 Me envolva todo em seus braços
 E eu serei o perfeito amor.
 Mario Quintana*

Os relatos apresentados a seguir são o resultado de vários encontros situados no enquadramento analítico. Eles trazem para a cena a vida de cinco mulheres que se dispuseram ao processo psicoterápico, acompanhadas semanalmente, por um período que variou de três a seis meses. Os nomes das protagonistas desses relatos são fictícios, assim como foram alteradas e suprimidas outras informações que pudessem vir a identificá-las. Elas têm em comum o fato de terem suas vidas amorosas marcadas por relações violenta e por adotarem esse distintivo como o centro dos seus discursos durante os atendimentos.

Para cada uma dessas mulheres foi construído um enredo, composto por fragmentos das sessões. Suas falas foram destacadas em *itálico* e articuladas no intuito de manter sua ligação com o tema proposto, considerando suas singularidades e o que pode vir a servir como referência para a análise que segue. A escolha por não nomear os maridos vem da constatação de que eles não comparecem como sujeitos do discurso, não estão aqui representados, senão pela palavra das mulheres. Dessa forma, é pelo feminino que se ousa malograr nesse percurso, em busca de compreender a experiência de mulheres com história de violência conjugal a partir de uma leitura psicanalítica.

A feminilidade sempre foi um entrave teórico configurando-se como um verdadeiro impasse à psicanálise que, embora tenha sido criada a partir do discurso feminino, em especial, a partir do discurso das histéricas, tem no desejo da mulher um grande enigma a ser decifrado. Registra-se a manifestação de seu fundador, Sigmund Freud, que, apesar de

décadas de dedicação a investigar a mente humana, continuava às voltas com a seguinte pergunta: *O que quer uma mulher?*¹⁰

Ao apresentar um conceito de sexualidade amplo, cujas bases encontram-se na mais tenra infância, Freud (1905a/1996) ampliou significativamente a compreensão sobre a sexualidade, que passou a ser sustentada por preceitos para além da dicotomia inata versus adquirida, trazendo entre suas marcas indeléveis a bissexualidade. Por outro lado, quando considerava a sua teoria sobre a sexualidade feminina, muito ficou por ser desvelado, exigindo daqueles que se interessam pelo tema novas incursões.

Pensando nessas lacunas questiona-se o que há de mais singular na vida amorosa das mulheres; bem como, o que há de particular na vida amorosa dessas mulheres; o que é possível levantar a partir dos seus discursos marcados pela violência. Se há algo de comum que as identifica, há também um particular que as distingue e que possibilita uma melhor compreensão sobre a escolha amorosa das mulheres à luz do referencial psicanalítico.

Vale ressaltar que, nesse trabalho, a “escolha” é pensada como um processo que envolve aspectos conscientes e inconscientes, que dialogam e se combinam, conduzindo o sujeito em direção ao parceiro amoroso. Nesse sentido, a percepção quanto à escolha amorosa das mulheres não se limita ao que é expresso em palavras, podendo vir à tona por meio de projeções, contradições e negações manifestadas durante o processo analítico.

Considerando que as relações primevas, estabelecidas no contato com aqueles que alimentam e protegem o bebê, servem como modelo para os relacionamentos posteriores, optou-se por resgatar um pouco dessas histórias junto a cada caso, como uma possibilidade de ampliar a discussão e levantar novos questionamentos sobre o assunto, no intuito de pensar os componentes subjetivos presentes na escolha amorosa de cada uma delas.

¹⁰ Esta afirmação Freud teria sido feita para Marie Bonaparte, conforme mencionado por Ernest Jones em “*Vida e obra de Sigmund Freud*” e James Strachey na sua Nota Introdutória à edição inglesa do artigo do Freud “*Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*”, de 1925.

Helena

Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

Clarice Lispector

Helena era uma mulher *batalhadora* – assim que se definia –, responsável por todas as despesas do lar, com dificuldade sustentava duas filhas e o marido, com o qual mantinha um relacionamento há dez anos. Nas suas palavras: *Sou eu que levo tudo, eu sou o homem e a mulher da casa. Ele não faz nada. Sou um pau que dá sombra para ele, porque em tudo ele se confia em mim.*

Nos últimos cinco anos ela vinha sofrendo violência conjugal e, embora as agressões físicas fossem menos frequentes, a violência psicológica era uma constante, presente nas ofensas verbais e humilhações que sofria do marido. Segundo o seu relato, o marido fazia uso abusivo de álcool e cocaína e, além de não contribuir com as despesas da casa, às vezes vendia os objetos que ela comprou, para sustentar os vícios. A relação com o marido era a sua grande queixa: *Eu vejo que estou doente na alma por essa situação.*

Cansada de viver dessa forma, Helena teria tentado a separação num outro momento, mas acabou cedendo às tentativas de reconciliação, depois de muitas promessas de mudança. Procurou a delegacia uma única vez, após a vigência da Lei Maria da Penha, quando foi informada de que não poderia denunciá-lo, pois não apresentava lesões corporais. Nesse episódio, narra como foi interpelada pela atendente para não registrar ocorrência: *Ela perguntou se era isso que eu queria para o pai das minhas filhas. ‘É isso que você quer? Que ele seja preso?’ Acabou me convencendo a não registrar.*

Relata ainda que teria entrado com o pedido de divórcio num outro momento de crise conjugal, mas as promessas de mudança mais uma vez prevaleceram. Segundo ela, o marido se mostrou mudado por três meses: *Mas foi só eu desistir do processo que ele começou tudo de novo.* Afirma que o marido tem o poder de manipulá-la e quase sempre consegue obrigá-la a fazer o que não quer. Recorre a muitos argumentos, entre eles, alguns de origem bíblica, no intuito de convencê-la que deve perdoá-lo setenta vezes sete.

Cansada de sempre ceder às vontades do marido, Helena chegou para o primeiro atendimento aparentemente exausta e decidida a por um fim ao relacionamento: *Eu não aguento mais essa situação; eu tomei uma decisão; eu preciso sair disso.* Entretanto, com o decorrer das sessões, seu discurso começava a declinar e a forma enfática de se expressar no

sentido de um rompimento era substituída por oscilações ente certezas do sofrimento e dúvidas sobre o caminho a seguir. Assim, limitava-se às queixas, também assinaladas pela esperança de mudança: *Já faz dez anos que eu venho lutando com isso, eu tento ajudar ele, eu tento, mas não tem jeito; eu penso que se ele mudasse, se ele fosse uma pessoa melhor eu continuava com ele, mas como ele não quer mudança.*

Ocorre que as promessas de mudança eram cada vez mais raras e, assim, Helena parecia não ter mais onde depositar suas esperanças. Se antes podia ancorar o seu desejo nessa fantasia, o marido era enfático em não correspondê-la, sempre deixando bem claro que não estava disposto a mudar. Observa-se que, se em algum momento ele voltava a fazer promessas no intuito de conseguir dinheiro ou alguma outra vantagem, Helena findava se apegando a essas atitudes, imaginado mais uma vez *que vai ser diferente, que ele vai cumprir o que prometeu.*

Conforme seu relato, as oscilações quanto à manutenção do vínculo conjugal também eram vivenciadas pelo marido que *ora diz que vai embora, ora diz que vai atrás de mim, que não vai me deixar em paz... Ora diz que vai tocar fogo na casa; ora diz que vai arranjar um emprego e ir embora.* Desse discurso carregado de anáforas sobrevém o medo, deixando evidente sua insegurança por não saber qual reação poderia advir dele.

Imbuída do desafio de mudar o marido, esforça-se e busca conseguir emprego para ele. Porém, *ele não fica em trabalho nenhum. Apronta, rouba no lugar que trabalha. Me faz vergonha! Não tem responsabilidade nenhuma, não tem caráter!* Tentativas vãs, enfim conclui, seria sua luta em tentar transformar o marido em um homem honesto e trabalhador; alguém que divida com ela as responsabilidades no cuidado das filhas e no sustento da família.

Por outro lado, não era só o marido que resistia em mudar. Ela se mostrava resistente à própria transformação. Enquanto depositava esperanças de mudança no outro, não conseguia olhar para a sua implicação nessa relação. Não conseguia pensar em alternativas que pudessem conceder a ela um pouco de paz, pois na maioria das vezes seu sossego era interrompido pelas crises provocadas pelo marido, sobretudo quando ele se embriagava e fazia uso de entorpecentes.

Buscar terapia pareceu uma alternativa para essa situação, não implicando necessariamente no rompimento do seu casamento, pelo qual ela se sentia responsável e esperava poder salvá-lo. A terapia acabou servindo como um subterfúgio em que ela expunha seus dramas e cuja possibilidade de nomear podia trazer mudanças. Nesse espaço, ela buscava

aceitação e compreensão, o que lhe era negado em sua família, em virtude da sua escolha amorosa.

Por outro lado, as amizades firmadas no ambiente de trabalho favoreciam a manutenção dessa união e se manifestavam na direção contrária aos seus primeiros passos de autonomia. Costumavam dizer que ela era culpada, pois frente aos abusos, *deveria ficar calada e ganhá-lo no silêncio*, o que reforçava sua identificação com a mulher submissa, que precisa se sacrificar em virtude das intempéries do marido.

Eram também essas amigas que a deixavam muito incomodada quando falavam da sua paixão avassaladora por ele. Trata-se de uma afirmativa que soava para ela como acusação caluniosa, algo que a irritava muito, cuja reação lembra o que se denomina em psicanálise de formação reativa, ocasião em que o sujeito substitui o afeto ligado à ideia pelo seu contrário: *Eu fico com muita raiva quando elas dizem isso, porque não é verdade, eu não amo mais ele*. Também reclamava da magreza do corpo que, segundo ela, seria responsável por denunciar um suposto estado de apaixonamento.

Como alerta Freud (1905b/1996, p. 52) “era justificável suspeitar de que houvesse algo oculto, pois uma censura que não acerta o alvo tampouco ofende em termos duradouros”. A insistência em trazer esse incômodo em consecutivas sessões aponta para algo a ser desvelado, se cada pessoa ama a sua maneira, talvez fosse a concepção que Helena trazia sobre o amor que tornasse tão incongruente a fala das amigas.

A ambivalência presente nessa relação parecia deixá-la confusa quanto aos seus sentimentos. Em alguns momentos relatava sentir *pena* do marido, em outros, projetava os próprios sentimentos nas filhas: *Sei que no fundo eu ainda tinha um pouco de esperança. É mais pelas minhas filhas, porque elas são apaixonadas pelo pai delas. Sei que elas vão sofrer mais que eu*. Enquanto a convidava a olhar para si, ela adiava esse momento, recuava para não se confrontar com as próprias questões.

Numa das sessões relatou que a irmã também sofria violência na relação com o marido e questionava a permanência dela naquela condição, denotando não entender o motivo pelo qual ainda estava sob o mesmo teto com um homem que a agredia e não contribuía com as despesas da casa. Quando indagada sobre o que pensava sobre isso, respondeu: *Ela fala pra mim que é porque tem pena dele, mas eu acredito que ela gosta dele, porque nem depende dele. Ele nunca trabalhou, nunca sustentou ela. Nunca foi de ajudar. Ele queria só abrigo na casa dela e ter relação com ela*.

Trata-se de uma condição muito semelhante à sua, mas não relacionava um fato com o outro. Se havia semelhança entre a relação da irmã e o marido com o seu casamento, Helena

não se atentava. Depositava na relação que presenciava o sentimento de indignação que, provavelmente, teria sob si própria, mas que não conseguia perceber. O sentimento de pena mais uma vez comparece. Assim como ela, a irmã dizia sentir pena do marido, mas Helena não acreditava e supunha amor.

Confusa quanto ao tipo de afeto que nutria pelo cônjuge nessa relação, ela projetava seus sentimentos no outro. O que fica claro quando falava das filhas, da irmã e também do marido. Para Helena, o marido *não vai embora porque fica muito aperreado; muito desesperado longe da família dele, que sou eu e as filhas dele. Disse que ele não vive bem.* Enquanto ela é a mulher independente que não precisa do marido, não há espaço para pensar as outras formas de dependência que pairam essa relação. O marido questiona: *Ele diz que eu dependo dele, mas é ele quem depende de mim.*

Por mais que ela estivesse disposta ao processo psicoterápico, implicar-se não se apresentava como algo fácil, pois demonstrava ainda estar colada a sua queixa, sugerindo pouco espaço para questionamentos. A partir da relação transferencial, tornou-se possível perceber que ela esperava obter a confirmação de que estava com a razão. Esperava que eu tivesse pena dela e se compadecesse do seu sofrimento, assim como o marido fazia no início do relacionamento.

Antes, quando eu chorava, ele ficava muito aperreado, dizia que não queria me ver chorar, não queria que eu sofresse. Agora ele me acusa de fazer drama, diz que eu exagero e quer mais que eu sofra mesmo. Falei a ele que não queria que ele fosse preso, que eu tinha pena dele, aí ele respondeu: 'ah você tem pena de mim, é? Quem tem pena do miserável vai para o lugar dele – pois eu não tenho pena de você não. Eu posso até ser preso, mas eu volto e toco fogo na casa, eu só tiro as minhas filhas de dentro, mas você, eu quero que você morra'.

Sua família sempre se posicionou contra esse relacionamento e ela não se sentia à vontade para pedir ajuda: *Eu nem tenho coragem de pedir apoio para a minha família porque eles já falaram que só depende de mim, que eu tenho que tomar uma decisão, então eu decidi vir aqui.* Esperava alguém que compreendesse sua indecisão, que pudesse ajudá-la sem cobrar dela o fim do relacionamento, ou ainda, que fosse capaz de ampará-la na temida separação.

Como a mãe não se compadecia dela, buscava na líder religiosa alguém para apiedar-se da sua dor e reforçar o sentimento de boa esposa e boa mãe que sustentava sua posição naquela relação. A religiosa não a confrontava e deixava transparecer que Helena tinha razão nos seus sentimentos e atitudes, enquanto o marido figurava como insensível por não apiedar-se do seu sofrimento, pois *quando ele decide que vai beber, não tem quem segure ele, não tem drama, não tem choro que faça ele ficar.*

A escuta analítica oferecia credibilidade à sua dor e implicava a paciente na manutenção dessa relação. Diferente do que seria se compadecer e sentir pena pelo seu sofrimento, Helena tinha nesse processo a possibilidade de ser olhada como uma mulher de potencialidades, capaz não só de sustentar a família, mas também de bancar o próprio desejo. Era no que ela tinha de forte que precisava ser olhada, para que, a partir desse olhar, ela pudesse se reconhecer como sujeito desejante, uma vez que “só quem não é vista exclusivamente como vítima passiva pode vir a ser tomada como alguém que pode mudar de posição e interferir na situação” (FRANCISQUETTI, 2005, p. 02).

Das implicações subjetivas à escolha amorosa

Helena trazia com sua história de vida algumas percepções do mundo e do que acredita ser um ideal de felicidade. Sonhava um dia casar com um homem de olhos azuis e com ele constituir uma família, pois, para ela, ser mãe solteira era sinônimo de sofrimento. É impossível ser feliz sozinho, diria Tom Jobim¹¹, assim como também diz Helena, para quem a felicidade é algo que se constrói a dois. Contudo, nem os olhos azuis do marido, nem a condição de casada garantiram a ela a almejada felicidade.

Quando eu penso o tanto de coisa que esse homem já me fez e eu fui perdoando. Eu não sei se foi por causa dos olhos dele, porque eu sempre disse que eu ia casar com um homem de olho azul, que meus filhos iam ter o olho azul, se você ver as minhas filhas. Elas são lindas, loirinhas do olho azul.

Entre as idealizações referidas por ela estava o desejo de encontrar um homem trabalhador que valorizasse a mulher, assim como o seu pai. Helena descrevia o pai como um homem muito apaixonado pela mãe; um homem que respeitava a esposa e que gostava muito de ajudar. Após vinte anos de casados sua mãe decidiu se separar. O pai, segundo relata, é aquele que sofre e luta para reconquistar a mulher amada. No entanto, a esposa estava interessada por outro homem.

Helena narrava a história familiar como um conto de fadas que se desfez em virtude do desejo materno. Ela apresentava algumas recriminações em relação à mãe por ter separado

¹¹ JOBIM, Tom. *Wave*. Álbum: Wave, 1967.

do seu pai, um homem venerado e idealizado, a quem ela não poupava predicados, ainda que argumentasse não ter muitas recordações da infância, época a que geralmente se reportava a partir das histórias que foram contadas por suas irmãs mais velhas.

O meu pai tratava a minha mãe muito bem. Ele sempre foi um homem muito apaixonado pela minha mãe, sempre respeitou muito a minha mãe, uma única mulher no mundo que ele conheceu foi a minha mãe. Ele conheceu, casou e sempre ficou com ela. Ela que não quis mais ele.

A história se repetiu quando foi repreendida pela filha de sete anos, que voltava sobre ela as recriminações, um dia, direcionou à sua mãe. Somam-se a isso as censuras internas que alimentava, por não querer “criar as filhas sem o pai”:

A minha filha mais velha que não gostou, ela fica implorando para eu aceitar o pai dela de volta, pede para eu escrever cartinha para ele, ela pede para eu colocar assim: ‘Papai, por mais que a minha mãe não te ame mais, eu vou te amar pra sempre’. Eu falei com ela: ‘Minha filha por que você é essa coisa toda com o seu pai?’.

Receber as reprimendas um dia direcionadas à mãe fez com que Helena retornasse ao lugar de filha, ou ainda, do que para ela corresponde ao lugar de uma boa filha, aquela que satisfaz o desejo materno, que compreende as escolhas da mãe e busca agradá-la temendo perder o seu amor. A separação do marido impulsionava Helena mais uma vez em direção à mãe e ao enigma do seu desejo.

Relatou como passou a vida toda tentando agradar a mãe, como gostava de arear¹² as panelas, cujo fundo passava a refletir como espelho, espelho para o desejo materno: *Quando eu morava com ela, ela gostava de tudo bem feito, tudo limpo. Então, eu areava para ver o rosto no fundo da panela, porque eu sabia que ela gostava.* A separação do marido era uma possibilidade de agradar à mãe, de ter de volta o seu olhar, negado pela insatisfação frente à escolha amorosa da filha.

Os primeiros relacionamentos firmados por Helena foram com homens mais velhos. Declarada como uma preferência sua, esse tipo de escolha pode ser pensada como uma inclinação sexual por pessoas que se assemelham ao pai protetor, conforme mencionado em Freud (1914/2004), quando situa o desejo por pessoas que se aproximam àqueles que ofereceram cuidado e proteção à criança.

¹² Ato de esfregar tachos e panelas de metal com sabão e areia fina; esfregar ou polir metais.

Seguindo esse padrão de “escolha” amorosa, viveu maritalmente com um homem mais velho por um período de três anos, tendo terminado o relacionamento pouco antes de conhecer o atual marido. Descreveu essa relação como um “casamento perfeito”, mas que em função de uma infidelidade conjugal, decidiu pela separação. Embora mantivesse certa idealização em relação ao ex-cônjuge, isso não foi suficiente para manter a escolha amorosa nesses moldes, pois é à mãe, e não ao pai que Helena direciona o seu amor.

Helena admitiu o quanto gostaria de encontrar um homem como o próprio pai: *Eu sempre sonhei assim, com uma pessoa que fosse um trabalhador que nem o meu pai, sabe? Queria que fosse uma pessoa de respeito, uma pessoa que valorizasse a mulher, que nem o meu pai.* Mas, quando julga tê-lo encontrado, ela não consegue corresponder. O primeiro marido é um homem que recebe dela a mesma admiração que tem pela figura paterna, um homem dedicado e carinhoso, mas só.

Bem diferente disso, foi o processo de vinculação com o atual marido. Decorrido um curto período de namoro, ela descobriu sua primeira gravidez e não vislumbrou outra possibilidade que não fosse uma união marital. Ao que parece, a ideia de que não poderia ser mãe solteira lhe caiu como um imperativo no estabelecimento do vínculo: mesmo sem gostar do marido, optou pela decisão de morar com ele, para não ter que abandonar sua fantasia sobre o que considera uma família feliz.

As minhas amigas dizem que têm certeza que eu amo ele, porque senão eu não aguentava tudo isso, mas eu acho que eu não amo ele. Eu gosto quando ele está em casa. Quando tá todo mundo em casa, a gente assiste filme, fica reunido, mas eu não gosto dele.

Helena acreditava que eram as filhas que mantinham o casal unido. Contudo, era o *status* que elas concediam a essa relação que tornava tão difícil o rompimento. As filhas permitiram ao casal se constituir como família e era essa configuração que ela relutava em não desfazer, guiada pelos valores que carregava e pelo seu imaginário de felicidade que parece transportar as marcas de um ideal romântico. Na realidade, Helena amava o que idealizou, e para manter esse ideal, acabava pagando um preço.

Se a primeira gravidez serviu de justificativa para a união dos cônjuges, sua segunda gravidez tornou a reaproximar o casal. Decorridos os cinco primeiros anos de união estável, o marido decidiu aceitar uma proposta de emprego em outro estado, viagem custeada por ela, que foi aproveitada pelo marido como verdadeiras férias. Férias custeadas por Helena.

Ele bebia direto e me ligava dizendo pra eu ir para lá. 'Se tu não vier eu vou arrumar outra'. Eu chorava muito. Depois ele começou a me ligar pra eu mandar as passagens dele. Ficava pensando que eu nunca mais ia ver ele. Aí eu descobri que eu estava grávida. Então eu tive que comprar as passagens dele, porque ele já tinha gastado tudo.

Ainda que não sejam as filhas responsáveis diretas por essa união, mais uma vez a gravidez lhe caiu como um imperativo, marcando a história do casal, lembrando a Helena sobre a impossibilidade de ser mãe solteira, a qual construiu dentro de si, permitindo a ela manter-se apegada ao seu drama familiar, do qual permanecerá queixosa por muitos e muitos anos.

Helena define o casamento com o marido como uma relação sem respeito: *Ele não tem mais respeito por mim e nem eu por ele, porque as palavras que ele fala comigo, eu revido.* Contudo, permanecia a esperança de uma salvação para esse relacionamento, mantida pelo valor oferecido à figura masculina e ao seu discurso, quando ouvia o marido dizer que *casamento é até a morte.*

Ao relatar as dívidas que ela assumiu por incentivo do marido, Helena afirmava: *Compromisso é compromisso, e eu tenho que honrar com esse compromisso.* Tal questão é assinalada para ela na sessão, de forma a pensar esse lugar de alguém que não honra os compromissos. O que significaria para ela não honrar com o compromisso? E se tratando do casamento, haveria também que honrar esse compromisso? A que preço? Qual imagem teria de si, sendo uma mulher *trabalhadeira, sempre muito correta*, caso optasse pela separação?

Helena costumava lembrar que não gostava do marido no início do relacionamento e que sempre deixou bem claro que não queria qualquer tipo de compromisso com ele. Relatou também que tentou terminar esse relacionamento logo no início, mas como ele era *muito apaixonado*, decidiu dar uma chance. Pelo que aparece em seus relatos, o marido nunca foi seu objeto de amor, mas aquele que concedia o lugar de amada e desejada.

Em meio a tantas insistências de um homem apaixonado de olhos azuis, ela decidiu apostar suas fichas nesse relacionamento, em troca do que o marido estava disposto a lhe oferecer. Mesmo contradizendo sua preferência por homens mais velhos, ele é aquele que ama, que deseja, aquele que valoriza a mulher; é aquele que permite a ela voltar à relação pré-edípica estabelecida com a mãe, como objeto do desejo do Outro.

Ao se relacionar com um homem quatro anos mais novo, que não oferece sustento, cuidado ou proteção, ela abdica do pai protetor para retornar à relação com a mãe, como

objeto do desejo materno, assumindo o lugar de objeto “fetiche¹³” para esse homem. Assim ela verbaliza: *Eu seduzi ele de uma maneira que ele ficou tão, tão apaixonado por mim sabe, que ele fazia qualquer coisa por mim.*

Quando questionada sobre os próprios sentimentos, relatava: *Amor, desejo eu não sinto, eu não sei o que é. Queria que ele saísse da minha vida, porque amor, amor eu não sinto mais.* Contudo, faz-se necessário pensar que concepção de amor há por trás dessa afirmação e até que ponto esta considera o ódio e a ambivalência como parte dos afetos que sustentam o vínculo.

Helena traz algumas definições em sua fala que apontam para a concepção que ela traz sobre o amor. Para ela, *o amor é como uma planta. Você tem que regar, cuidar, senão ele morre.* Logo que cessam os cuidados e a veneração do marido, ela sofre, vê denegrir a imagem positiva que carrega sobre si, acredita que o amor dela morre, permanecendo um sentimento que não sabe nomear, um vazio, um buraco, o nada.

O desejo por ser amada impedia que visse o marido como realmente era, principalmente no que concerne às suas falhas e limitações. Helena não podia assumir para si que houvesse tanto amor quanto ódio nessa relação, dessa forma, criava muitas fantasias em torno do objeto amoroso, como pode se ver no fragmento a seguir:

Ah! Eu tinha muitos sonhos, imaginava que ele ia ser uma pessoa assim, totalmente diferente do que ele é. Imaginava que ele ia ser uma pessoa que ia cuidar da família, que ele me amava muito. Ele era uma pessoa muito carinhosa comigo. No início ele era muito apaixonado.

De todo esse “louco amor” restou para ela o desejo sexual. Em meio aos abusos e assaltos de violência, Helena tem na cama a confirmação de ser amada e desejada. A mão que bate também afaga, e dá indícios de que o marido não tem outra, que ela é a única: *Ele não passa assim pra mim que ele tenha mulher fora não sabe, porque ele tem muito desejo por mim e ele me procura muito.* A decisão pela separação acontece em um momento que Helena ouve relatos de que o marido estaria lhe traindo:

Agora fiquei sabendo, parece que ele andou com mulher fora. Agora que eu não quero mesmo, isso aí foi a gota para mim... Depois disso não consegui ter mais nada com ele [relações sexuais]. Como eu não aceito, ele fica furioso, ele fica irado, disse que eu tenho que cumprir com as minhas obrigações, que ele precisa disso. Mas ele não cumpre com as dele. Então eu não tenho que cumprir com as minhas.

¹³ O termo fetiche é adotado como substituto do falo materno e não tem a intenção de oferecer conotação patológica.

A descoberta de uma possível traição teve um impacto significativo sobre o seu ideal de manutenção sobre o casamento. Chegou a ficar surpresa ao lembrar todas as ofensas que já perdoou. Ela, que buscava um homem trabalhador, qualidade principal pela qual define a si mesma e ao pai, não sabe o que viu no marido para que permanecesse com ele por tanto tempo, permitindo pensar a dependência emocional e a experiência do desamparo como elementos importantes nessa relação.

Daiana

Eu já começara a adivinhar que ele me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Clarice Lispector

Daiana era uma jovem de vinte e três anos que teve poucos namorados. Aos dezesseis, ela conheceu aquele que viria ser o seu marido e, após um breve namoro, decidiram morar juntos e constituir uma família. Passados os três primeiros meses, iniciaram-se as agressões, conforme relatou: *Passaram uns três meses aí ele começou a me bater. Batia direto, direto, direto mesmo, mas nunca, nunca deixava ele. Assim, toda vez que ele me batia, eu sempre voltava.*

Ao narrar os abusos sofridos, Daiana parecia perceber uma incoerência nesse vínculo, algo que a interrogava e a deixava sem entender sua persistência em manter-se nessa relação que, na data do atendimento, já havia se estendido por sete anos. Diante dessa dificuldade, ela questionava: *Eu só queria entender por que mesmo ele fazendo tudo isso, eu ainda gosto dele.*

Depois de muitas idas e vindas com seu ex-marido, aceitou o convite dele para ir a um motel sob a promessa de reatar o relacionamento. No entanto, tal situação levou ao encarceramento dela no local, por sete dias, ficando sem qualquer contato com amigos ou familiares, alimentando-se apenas nos momentos em que ele permitia.

O quarto de motel se transformou num cenário de violência, humilhação e uso de drogas. Enquanto consumia a droga ofertada pelo marido, ela também acabava consumida por essa relação, que tem um lugar central no seu discurso, como se o entorpecente fosse um caminho possível para flertar com o perigo e a morte. Se para ela, era a droga que os mantinha unidos, o uso de drogas era apenas mais um dos excessos que marcavam essa relação, cujo episódio no motel ilustra o seu ponto mais agudo.

Encaminhada pelo setor de desintoxicação de um hospital, Daiana fora internada por quatro dias após uma crise aguda que, por pouco, não culminou num quadro de overdose fatal. A vontade de usar drogas era presente apenas quando estava com o marido, não apresentando indicadores para um quadro de dependência química. Sua fala o denunciava: *Ele quer me destruir*, e dizia sobre um desejo de destruição que se repetia muitas vezes durante os atendimentos: *Ele só quer me destruir, ele quer acabar comigo; toda vez é assim. Todas às vezes quando eu estava bem, ele vinha e me derrubava. Ele quer me destruir e dessa vez quase consegue.*

Por outro lado, ela pouco tinha a dizer sobre o próprio desejo e sobre o movimento autodestrutivo que se manifestava também no abuso de drogas. Enquanto destruía a si mesma, Daiana projetava a destruição no marido e a relação estabelecida com o cônjuge adquiria um caráter mais aniquilador que a própria droga. Contudo, é necessário que haja um algo a mais a sustentar essa relação pautada por riscos concretos que, cada vez mais, colocavam-na na condição eminente de perder a vida.

Sobre o episódio no motel, lamentava apenas pelo fato de as promessas do marido serem inverídicas. Esperava que após sobreviver a tudo, pudessem se reconciliar e continuar uma vida a dois. Transparecia que gostava de manter a dor evidente, a ferida aberta, na esperança de o marido se condoer e lhe pedir perdão. Tal qual a música *50 receitas*, de Leoni e Frejat, expõe sua dor num misto de sofrimento e prazer, como quem espera um reatar, apesar das intrigas.

*Eu queria manter cada corte em carne viva
A minha dor em eterna exposição
E sair nos jornais e na televisão
Só prá te enlouquecer, até você me pedir perdão ...¹⁴*

Numa das sessões, quando estava separada dele pouco mais de duas semanas, acentuava a falta que sentia, sobretudo dos momentos bons que viveram juntos. No entanto, quando perguntado sobre esses momentos, ela dizia: *Eu nem sei, não é muita coisa não. É mais do início mesmo, quando ele me tratava bem.*

*...O que me dá raiva
São as flores
E os dias de sol
São os seus beijos
E o que eu tinha
Sonhado prá nós...¹⁵*

As idealizações em torno de uma realização não vivida alimentavam suas esperanças e serviam para mascarar uma situação crônica de violência doméstica, que se expressava no campo físico, psicológico e sexual, assim como os sonhos criados em torno dos primeiros meses de convivência parecia ter apoiado a ilusão de um encontro amoroso feliz nos últimos sete anos.

¹⁴ LEONI; FREJAT. *50 receitas*. Álbum: Ao vivo, 2005.

¹⁵ Idem.

Ela definia a si mesma como uma pessoa muito tranquila, muito paciente. Sendo a quarta filha de uma prole de cinco irmãos, expunha as dificuldades que sentia ao viver em meio a tantos homens: *A minha infância foi um pouco difícil, porque era tudo homem e só eu de mulher.* Denotava que sempre buscara referências na mãe e na avó como modelos de figuras femininas, principalmente no sentido que elas faziam o contraponto às atitudes do pai e dos irmãos, descritos por ela como excessivamente agressivos.

O pai era um homem muito violento, que agredia mulher e filhos com frequência. Contava que sempre tomou as dores da mãe, o que favoreceu o estabelecimento de um pacto de cumplicidade não formalizado entre ambas, pelo qual uma apoiava a outra: *Eu cresci vendo briga, essas coisas. Minha infância não foi muito boa não.* O pai teria tentado matá-la, mas foi impedido por vizinhos. Nessa ocasião, estava com aproximadamente cinco anos e chorava com fome em virtude da ausência materna.

A história se repetiu na idade adulta, quando encontrou no vínculo estabelecido com o marido uma relação aniquiladora, marcada de forma contundente pela violência. Nesse caso, Daiana se identificava com a atitude passiva da mãe frente à violência provocada pelo marido. Não reagia e, na maioria das vezes, mostrava-se paciente, esperando por mudanças, assim como fazia sua mãe.

Contava que sua avó fora a responsável por efetivar a separação de seus pais, ao levar a mãe de Daiana para longe marido, única forma encontrada por ela para por um limite aos abusos e à violência. O mesmo ocorreu com Daiana que, nos momentos de crise conjugal, sempre foi acolhida pela mãe, que lhe oferecia a possibilidade de afastar-se do marido, repetindo a narrativa vivida pela mãe como sua própria história.

Para ela, ver a história da mãe se repetir seria resultado de uma *maldição*, uma linha de transmissão que, segundo ela, *passa mesmo de mãe pra filho*. Essa forma de existência que se repete gerava medo e inspirava mudanças no intuito de impedir que sua filha seguisse o mesmo destino: *Agora eu quero ficar bem, vou cuidar da minha filha. Vou procurar o que é melhor pra mim, para ela não ver eu passar por essa vida e não passar também.*

O marido estabelecia com a única filha do casal uma relação muito semelhante à que ela tinha com o pai. Segundo seu relato, ele não costumava demonstrar afeto pela criança e teria falado com ela sobre o desejo de matá-la após o nascimento. Embora se trate de fatos distintos, esse episódio a fazia recordar a intenção homicida do próprio pai para matá-la; parecia pressentir uma repetição, estabelecida entre as duas gerações – mãe e filha – porque não dizer, uma reedição inconsciente.

Sua configuração familiar permitia demonstrar a existência de um verdadeiro conluio transgeracional, pelo qual se uniam as mulheres. Se a mudança de objeto na infância implicava para ela estabelecer um vínculo mortífero com o pai, diante da impossibilidade de voltar-se para ele, ela permanece ligada à mãe, daí explica-se sua dificuldade para expressar ambivalência em relação a ela.

Enquanto para algumas mulheres é possível advir um pouco da hostilidade direcionada à mãe, manifestada em censuras e recriminações, para ela isso se torna impossível, mediante a cumplicidade estabelecida. Daiana levava consigo uma dívida para com a genitora, *aquela que sempre acolheu, que sempre apoiou, que nunca desamparou*, o que não deixava espaço para a expressão de outros sentimentos vividos nessa relação, capazes de traduzir as marcas da ambivalência.

Suas exigências superegóicas não permitiam qualquer tipo de censura e favoreciam o estabelecimento de uma profunda identificação. As únicas recriminações a que advém referem-se exatamente aos relacionamentos amorosos da mãe, dentre os quais, destacava o segundo companheiro de sua genitora, tal qual seu pai, uma pessoa bastante violenta. Vivia, então, em constante atrito com esse marido de sua mãe, enfrentando problemas toda vez que precisava ir até a casa materna.

Outrora parecia destinar ao próprio marido a agressividade que não podia manifestar em direção à mãe. Acreditava que todas as atitudes violentas perpetradas por ele seriam uma forma de atingir indiretamente a sogra, mulher que sofre ao ver a filha passando por essa situação, assim como Daiana sofria, ao ver a aflição da mãe durante toda a infância: *Ele tem ódio da minha mãe, eu acho que ele faz isso para afetar a minha mãe. Quando eu estava com ele, ele me proibia de falar com ela. Então eu acho que ele me procura para atingir a minha mãe.*

Em virtude do ódio alimentado pelo marido, Daiana demonstrava creditar a ele o lugar de substituto transferencial da relação primordial com a mãe, cuja ambivalência é suposta, por estar presente em todos os relacionamentos de intimidade. Dessa forma, ela preservava sua veneração pela mãe, para quem é quase uma santa, eximindo-a de possíveis críticas.

Daiana tem na relação com a mãe um suporte afetivo nos momentos de desamparo. A mãe, que estava ausente no episódio em que o pai tentou matá-la, assume o lugar especial na história que se repete, como aquela que a salva dos abusos do marido. Diferente da adolescente contestadora que enfrentava a mãe, Daiana assume agora uma postura de total dependência e obediência ao desejo materno.

Minha mãe sempre me acolheu. Sempre me deu apoio. Nunca me desamparou. Não tenho o que falar da minha mãe, não. Eu tenho ido pra igreja com ela, quando ela vai pra igreja eu vou com ela. Eu estou com muita dor de cabeça. Eu nem ia vir hoje, mas a minha mãe me fez vir. Ela me trouxe.

Após sobreviver ao episódio do motel, Daiana dizia sentir-se abandonada e buscava na mãe uma referência para guiá-la, assumindo inclusive a tarefa de levá-la para os atendimentos. Outro exemplo disso era quando ela adotava o lugar passivo nos atendimentos e esperava de mim uma resposta que viesse a regular e a coordenar sua vida. Alguém que dissesse o que ela precisava fazer, aplacando sua angústia frente à tarefa de se responsabilizar pelas próprias escolhas.

Vendo-se mais uma vez na casa da mãe, Daiana percebe que perdera seu espaço, seu lugar: *Eu também sinto falta do meu lugar, de ter as minhas coisas, o meu canto. De algum jeito eu me sentia bem com ele, estar no meu canto, ter as minhas coisas para cuidar.* Deixava de ser a dona da casa para retornar à condição de filha, gerando incômodo e dificultando sua adaptação a esta nova situação. O espaço analítico seria então uma possibilidade de conquistar um espaço próprio; *um lugar para colocar as suas coisas*, o que será levado a cabo por pouco tempo, antes de abandonar o acompanhamento.

Das implicações subjetivas à escolha amorosa

Daiana relatava que sempre tivera o sonho de casar. Cresceu alimentando esse sonho e, antes mesmo de completar dezoito anos, decidiu viver maritalmente com o namorado, a quem conhecia pouco, mas estava disposto a assumir a relação. Tal situação possibilitaria constituir uma família e ostentar o papel de esposa dedicada ao lar, além de fomentar a esperança de um nome, pela validação do casamento firmado no papel:

Sempre tive um sonho de casar. Achava que ele ia casar comigo. Sempre quis ter um filho, sempre quis ter um esposo para quando chegasse em casa, estivesse fazendo as coisas. Cuidar das coisas, cuidar dele. Viver uma vida tranquila. Só que não foi do jeito que eu quis, foi diferente.

Ela apresentava em seu discurso uma idealização do casamento e o concebia como porta de passagem para a realização na vida amorosa. O lugar de esposa era o que almejava. Contudo, relatou que nunca foi tratada assim: *Eu nunca fui tratada como esposa. Eu só era*

tratada para estar dentro de casa, para fazer comida, fazer as coisas. Só! Nunca chegou uma pessoa e disse... Agradeceu, né? Elogiou minha comida. Nem nada. Ele nunca foi disso.

Seu desejo manifesto compreendia não só as atribuições domésticas, mas o que o casamento podia retribuir como gratificação. Para Daiana, ser esposa não significa apenas se responsabilizar pela casa e pela família, mas ser reconhecida a partir desse lugar. É receber elogios, respeito, admiração. Se não há o reconhecimento do marido, Daiana não consegue se ver como esposa; não consegue se sentir realizada.

Na impossibilidade de ser esposa para o marido ele também perde suas atribuições como tal e, dessa forma, ela retorna à condição de solteira, sem nome, sem marido, sem um homem que possa garantir a ela o seu lugar de mulher casada. As atitudes do marido a confrontam com as idealizações construídas em torno do amor e do casamento. Sobre isso, acrescentou:

Como marido ele não é nada né, porque ele nunca me tratou como se eu fosse a mulher dele. Não era aquele marido que dava carinho, não é aquele marido que te convida a ir para um canto e pergunta como é que tu está. Que te elogia. Nunca, Nunca ele fez isso. É só me criticando.

O ideal de amor romântico comparece no seu discurso fazendo contraponto à sua história de vida. O fato de ter presenciando o sofrimento da mãe na relação com o pai, parecia favorecer a idealização e o anseio por uma vida diferente. Daiana achava bonito casar, constituir uma família. Ela conferia grande valor ao casamento, principalmente quando consolidado em cartório, *status* que também atribuiria valor à mulher, diferente do que ocorre com a união estável que, na sua condição, *não é esposa, não é nada*.

Sem ser esposa, Daiana acabava ocupando lugar nenhum no desejo do marido. Nessa busca de existir para o Outro, ela permanecia alheia ao próprio desejo, vagando, perdida, em busca de um espaço que contava como seu:

Daiana: *Eu fiquei pensando naquilo que a senhora falou pra mim naquele dia – que lugar eu ocupava nessa relação – eu acho que é nenhum, eu acho que não ocupava nenhum lugar não.*

Liliane: *Nenhum lugar?*

Daiana: *É, eu acho que não ocupava nenhum lugar. Eu não significava nada pra ele. Eu não era nada mesmo.*

Esperava que o marido viesse assumi-la como esposa, o que poderia vir a diferenciá-la da outra, a amante. Se após os desentendimentos conjugais ela retornava para casa da mãe, o marido também tinha sempre para onde voltar, outra casa, outra mulher, outros filhos. Dessa

forma ela passava a ser mais uma, um objeto jogado de um lado para o outro, que se usa e se desfaz. Casada, poderia elevar-se da condição de amante, a amada, a mulher oficial e especial.

A relação com o marido despertava sentimentos hostis. O ódio aparecia com um espectro que acompanhava os vínculos, amiúde, projetado nas figuras masculinas. É o masculino que aniquila, que destrói. É o marido que a violenta, que não gosta dela, *porque quem gosta não quer acabar com a vida da outra pessoa*. As agressões compareciam no seu discurso para demarcar a ausência de amor e, de forma contraditória, era por acreditar no amor que alimentava esperanças em relação ao marido.

As esperanças de mudança acompanharam Daiana nos últimos sete anos. Pensava que quando voltassem a morar juntos tudo ia mudar. Mesmo se dando conta de que essas mudanças não aconteceriam, permanecia ligada à expectativa de que ele mudasse: *Eu estou pensando que a vida não é como a gente quer, que a gente tenta mudar a pessoa, mas não acontece como a gente imagina. Eu não vou mentir que eu ainda penso que ele pode mudar*.

Daiana sabia que a sua história de vida dizia muito sobre o lugar que tinha ocupado nessa relação. Ainda que isso não compareça de maneira clara, há algo dessa história que permitia com que ela ocupasse o mesmo lugar que era da mãe. Em nenhum momento relata encantamento ou ter estado apaixonada por seu marido. Tudo que ela desejava era o lugar de esposa, pois ser reconhecida é ser amada; ser escolhida é ser amada; e se um homem lhe dá um nome, ela pode então se ver a partir desse lugar.

Logo se vê que a moeda de troca que ela esperava receber era o amor, amor que pudesse alimentar a imagem que carrega de si, como eleita, como mulher amada. As concessões e os abusos sofridos em nome do amor configuram o tipo de escolha narcísica, marcada pela identificação com a figura materna, aquela que tudo suporta e que, por isso mesmo, merece ser a escolhida.

Os modelos de relação estabelecidos por ela na infância afetam a sua subjetividade e a forma como ela se vincula ao marido. Assim, Daiana demonstrava estar presa não ao marido em si, mas ao lugar que ela ocupava quando estava ao lado dele, pois é a partir daí que ela pode se reconhecer como amada e desejada, ainda que na posição de objeto. Para permanecer nesse lugar ela será capaz de muitos sacrifícios, dentre eles, arriscar a própria vida.

Carla

Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente.

Clarice Lispector

Seria mais um final de semana, como tantos outros que Carla viu repetir durante os sete anos de casada. Vivendo um ciclo de repetições, Carla sabia que na sexta-feira o marido encontraria mais um motivo para brigar e outra vez passaria o final de semana fora de casa. Ela o esperaria, sentindo-se culpada, conforme relatara: *Quando chegava a sexta-feira ele sempre dava um jeito de arrumar uma briga para ele poder sair de casa e só voltar no domingo. Eu ficava pensando que a culpa era minha.*

Muitas vezes o procurava nos hospitais e nas delegacias, acreditando que havia acontecido algo pior. Perdera as contas quanto ao número de vezes que ficava acordada esperando o marido chegar. Naquele dia, então, resolveu dar um basta: *Cheguei ao meu limite. Passei o sábado todo chorando. Quando foi no domingo não aguentei mais e resolvi denunciar. Fui à delegacia denunciar ele. Peguei os meus filhos e fui para a casa dos meus pais.*

Durante os finais de semana, sua vida era marcada por angústia e muita tensão. Quando chegava a casa, o marido não permitia que ela falasse ou contestasse qualquer coisa que ele dissesse ou fizesse. Ele a ofendia com palavras chulas e a acusava de manter casos extraconjugais. Acreditava que essa vida turbulenta, sempre vilipendiada, fizera com que adoecesse:

Ele fez muita coisa pra me afetar. Dizia que eu não ia conseguir emprego nem como prostituta. Isso sempre me afetou e é o ponto que mais me dói. Eu não entendia que isso podia ser uma violência contra mim, até que palavras podiam me acarretar¹⁶ tudo que me acarretou hoje: dor de cabeça, pressão alta. Acarretei muitas doenças, problema psicológico de insegurança. Foram muitas noites sem dormir, esperando.

Carla reclamava de muitas dores; cefaleias, dores abdominais, hipertensão, afecções ginecológicas (mormente com sangramentos vaginais) estão entre os problemas de saúde que ela dizia ter acumulado em razão do casamento. Esperava que o marido reconhecesse sua dor, *mas ele não acreditava. Nunca acha que eu tenho alguma coisa!* Sempre muito desconfiado,

¹⁶ Ela usa essa palavra no sentido de desenvolver, adquirir doenças.

chegava a se opor até mesmo que ela fosse ao médico. Para não contrariá-lo, mantinha-se calada e desistia de procurar tratamento.

Em certas ocasiões, chegava a levantar sua saia para ver o tipo de calcinha que estava usando. Procurava vestígios de que ela tivesse mantido contato sexual com outro homem no período que esteve ausente. Esse tipo de controle também acontecia quando ela voltava da faculdade, ocasião em que a simples escolha por uma peça íntima que ele considerava inadequada era suficiente para desencadear uma briga.

Sentindo-se emocionalmente abalada pelas ofensas morais e humilhações, a violência psicológica também estava presente nas propostas sexuais que ele fazia. Embora nunca tenha cedido a tais apelos, Carla relatava que sempre se sentia muito pressionada pelos desejos sexuais do marido, cobrando que ela aceitasse participar de sexo grupal ou em vê-la tendo relações sexuais com outro homem. Além disso, muitas vezes o marido chegou violentá-la sexualmente, obrigando-a a ter relações sexuais desprotegida, contra a sua vontade.

Ele quis que eu fizesse aquelas orgias. Queria que eu transasse com várias pessoas. Tinha uma fantasia que eu ficasse com outro homem na frente dele. Aquilo me fazia muito mal, porque ele ficava me pedindo essas coisas. Não entendia porque ele fazia isso.

Certo dia, enquanto brigavam, conta como ficou apavorada ao perceber que o vizinho batia à porta. Sabendo das pretensões do marido, temia que ele tivesse combinado algo com o vizinho e este, por sua vez, pudesse compactuar com as suas ideias. Nesse caso, tratava-se do mesmo vizinho que já havia sido sugerido pelo marido em outra ocasião, cuja fantasia se dava pela possibilidade de observar a mulher com outro homem.

Não conseguia perceber que essa posição perversa do marido já havia ganhado conotações criminais extremadas, pouco tempo depois de terem se conhecido. Quando tinha dezoito anos combinaram um encontro na casa de um amigo. Mesmo sendo um encontro a pedido dele, ele não foi. Esse amigo aproveitou que estavam “sozinhos” para violentá-la. Mais recentemente, numa das discussões, ele comentou, na presença de uma amiga sua, que teria assistido aquele ato: *Eu vi tudo e a cara dela era de quem estava gostando*, relatou Carla.

Ouvir essas palavras do marido a deixou muito constrangida, tamanha a vergonha que sentia pelo que aconteceu, escondeu o fato da família e da polícia, esperava que o marido não viesse a expô-la da forma como fez. Antes de se confidenciar o fato, ele era o único a saber sobre o estupro. Não ofereceu apoio ou incentivou a denúncia na época. Ao contrário, usava o fato para acusá-la de não ser mais virgem quando começou a se relacionar com ele. Como

quem não vê nisso uma armação do marido, disse, decepcionada: *Ele viu o amigo dele me estuprar e não fez nada.*

Carla demorou sete anos para perceber os abusos do marido. Mesmo assim, motivada pelas amigas da faculdade que começaram a alertá-la sobre aquela situação: *Foi aí que eu comecei a perceber que estava sofrendo violência, porque antes eu não percebia. Ficava pensando que a culpa era minha e isso me deixava ainda mais deprimida.* E é pela possibilidade de perceber a situação que estava vivendo que ela acusava ter chegado ao seu limite.

Decidida a pôr um fim no relacionamento, saiu de casa com os dois filhos e retornou à casa dos pais. Na mesma semana, procurou por atendimento psicológico e mostrava-se motivada ao processo psicoterápico. A aliança terapêutica foi positiva e a terapia pareceu mais um passo dado em direção às transformações que começaram a ocorrer, quando Carla desistiu de esperar pela mudança do marido.

Eu tinha essa esperança dele mudar. Tanta mulher que já viveu isso, ou coisa pior, e o marido está transformado. Tinha essa esperança que ele se transformasse. Mas como as coisas foram se agravando mais. Foram ficando mais agressivas as ofensas, tudo. Então, aí eu digo: Isso não! Eu esperar a pessoa mudar e eu ficar velha? Tem mulher que chega... Já conheci mulheres que com cinquenta anos, aí o marido resolve mudar, depois que já passou uma vida. Depois de cinquenta, sessenta anos o homem vai querer mudar. Não vou esperar todo esse tempo. Quero ser feliz.

O rompimento com o cônjuge trouxe para ela alguma tranquilidade: *Agora eu vejo que eu estou melhor, que eu estou mais tranquila, até o meu emocional eu vejo que está melhorando, antes eu não conseguia falar sem chorar, eu chorava muito, agora eu já consigo falar, já consigo controlar.* O incômodo residia no fato de ter que morar na casa dos pais: *Eu só acho um pouco ruim pelo fato de estar na casa da minha mãe, eu sinto falta da minha casa, de um lugar meu.*

De forma geral, Carla reagiu bem à separação, mas os momentos em que sentia dificuldade para lidar com as circunstâncias geradas pelo fim do casamento, ainda eram percebidos como um problema. Para ela, o choro era sinal de uma fragilidade que não podia demonstrar: *Eu fico tentando resolver essa situação. Já vi que fugir dele não adianta. Fico tentando ser forte e não chorar, mas às vezes eu não aguento e acabo sendo fraca.*

Com a separação, ela adotou uma atitude protetora e procurou preservar as crianças do conflito conjugal que se instalou. Contou que o filho de quatro anos vinha se mostrando muito agressivo. A filha de seis, apresentava um medo aterrorizante do pai. Muitas vezes, quando a

mãe saía, ela chorava. Quando demorava a chegar, ela telefonava, temendo que o pai pudesse ter feito algo contra Carla. Vendo as dificuldades enfrentadas por eles em decorrência dessa situação, resolveu procurar uma psicóloga para as crianças.

Mesmo enfrentando dificuldades na casa dos pais, procurou dar seguimento à sua vida e aos estudos. Carla fazia planos para o seu futuro. Enquanto isso, o marido continuava a fazer cobranças, agindo como se ela não tivesse rompido o relacionamento: *Eu acho que ele não entendeu que eu saí de casa. Ele ainda não entendeu que a gente está se separando. Eu disse para ele: 'Não existe mais nós, a única coisa que a gente tem são os filhos'. É sobre eles que a gente tem que falar.*

Passados quase dois meses após a separação, ela dizia que ainda sentia falta do marido. No entanto, tratava a questão de forma realista e não fantasiosa, racionalizava como uma forma de proteção para as esperanças de mudança que continuavam vivas. Na verdade, Carla sabia que o marido não ia mudar, pois *o máximo de dias que ele passava bom era dois ou três dias. No máximo, uma semana. Aí começava tudo de novo. Quando ia chegando sexta-feira, já arranjava um motivo para brigar.*

Para ela, existem duas Carlas, uma que ficou no passado, numa história escrita nos últimos nove anos¹⁷, e outra que surgiu após a separação, uma Carla que passou a se descobrir no processo psicoterápico. A Carla de antes era uma mulher *desesperada, desiludida, sem rumo na vida e sem esperança*. Sua vida girava em torno de *uma pessoa que não lhe dava valor*, mas a Carla de hoje é outra:

A atitude que eu tomei tem feito eu me sentir bem, hoje eu sinto que eu tenho valor, que eu sou uma mulher. Eu me sinto uma mulher. Antes eu não me sentia nem como mulher, apenas me sentia mãe, porque tinha dois filhos, mas não como mulher. Hoje eu me sinto assim, me sinto bem, me sinto mais feliz.

Recém-separada, aos 28 anos, questionava por que se permitira permanecer por tanto tempo nessa condição: *Eu fico pensando, porque eu não vi isso antes, porque eu deixei essa situação chegar nesse ponto?* Passadas as primeiras semanas, surpreendeu-se com a sua capacidade para enfrentar tudo isso. Sempre acreditou que não saberia o que fazer sem o marido, mas, se percebendo nessa nova vida, concluiu possuir mais forças do que imaginava e que dias melhores viriam.

Isso tudo foi me tornando uma pessoa insegura. Achava que eu não ia conseguir, mas até que eu estou conseguindo bem. Depois da primeira semana eu já estou

¹⁷ Dois anos de namoro e sete anos de casamento.

melhor. Achava que eu era inútil pra ele. Dizia que se eu saísse de casa ele ia tomar meus filhos porque eu não trabalhava.

Esses sentimentos oscilavam entre uma sessão e outra: às vezes segura, às vezes temerosa. Na maior parte das vezes, mostrava-se pouco esperançosa; raros os momentos em que manifestava expectativa de reatar. Na realidade, demonstrava receio de uma possível reconciliação: *Eu tenho medo de ter uma recaída.* O medo de Carla parecia encobrir um desejo desvelado durante o processo, quando decidiu voltar para casa, ponto em que se focalizam as implicações subjetivas na manutenção desse vínculo.

Das implicações subjetivas à escolha amorosa

Carla sempre teve o ideal de construir uma família, ter um companheiro para conviver por toda a vida, alguém para amar e com quem contar. Na sua aspiração, pensava encontrar um homem como o seu pai, para o qual ela não poupava predicados: *O meu pai é maravilhoso com a minha mãe. Todo dia ele diz que ama ela, beija. Até com a gente, meu pai está feliz por eu estar em casa.*

Ao se deparar com uma realidade completamente diferente, quando se casou, Carla disse ter ficado chocada, pois nunca havia presenciado qualquer tipo de desentendimento entre os seus pais, o que permite evidenciar as contradições entre o querer e o desejar.

Eu acho que o choque maior que eu tive com tudo isso foi porque eu nunca vi os meus pais brigarem. Eles nunca brigaram. Não tenho nenhuma lembrança deles brigando. Então, imaginava que, quando eu casasse, ia ser assim. Eu lembro que eu sempre falava na minha adolescência: ‘Quando eu casar eu quero um marido que seja igual ao meu pai!’ Mas, quando casei, foi completamente diferente.

O marido, portanto, era o avesso de suas expectativas. Usuário de álcool e cocaína, todos os finais de semana a deixava sozinha, enquanto ia para festas regadas a bebidas e entorpecentes. Tal comportamento teria se intensificado com o nascimento da filha, antes mesmo de completarem um ano de casados. O segundo filho veio dois anos depois.

Ainda na fase do namoro, seu relacionamento mostrava-se *um tanto conturbado: tentava agradar de alguma forma, mas desde o início era assim. Já era meio... E eu nem percebia. A gente não percebe. A gente não se dá conta e vai entrando numa história que não tem saída.* Nessas condições, ela foi criando expectativas de mudanças para o marido: *‘Não, ele vai mudar’.* *Eu tinha esse negócio: ‘ele vai mudar’.* *E a gente se ilude. Eu era muito nova.*

Tinha tido poucos relacionamentos, eu nunca tinha vivido uma coisa dessas, e ele era dez anos mais velho que eu.

O marido passou a dominar a sua vida e cercear a sua liberdade, limitando cada vez mais o seu ciclo de amizades. Mesmo quando viajava, encontrava uma forma de controlá-la, contando para isso, com o auxílio da sogra: *Ligava para minha mãe, para ela ficar me controlando. Ele chegou até a ligar perguntando por que eu usava anticoncepcional, se eu só aceitava transar com ele com preservativo.* Assim, motivada pelo genro, a mãe de Carla se colocava como um terceiro nessa relação.

Esse é um erro também, pois me deixei me levar por ela. Não tomei minhas decisões. Ela ia lá, conversava, quando eu tinha problema com ele. Em vez de eu tomar decisão, conversar com ele, a minha mãe que ia lá se intrometer. Tudo que acontecia, ele falava, ligava para minha mãe. Então, eu deixei ela ouvir muito ele. Era uma coisa para resolver, eu e ele. Ela estava querendo resolver a nossa vida. Eu falei até para ela: 'Mãe, a senhora tem que me deixar em paz um pouco'.

Aos poucos Carla começou a impor limites não só aos abusos do marido, mas às intromissões da mãe, da qual ela sentia mágoa e com quem muitas vezes teve desentendimentos. A possibilidade de falar sobre isso na terapia gerou movimentos internos e alterou o posicionamento que Carla assumia na relação com a mãe e com marido. Ainda que não conseguisse se desvencilhar do cônjuge, esse desejo sempre aparecia em suas falas, segundo manifestava.

Carla se sentia à vontade em expor sentimentos hostis para com a genitora. Ela descrevia a mãe como uma mulher dominadora que a sufoca e a quem nunca conseguia agradar. Logo que decidiu se separar do marido sua mãe se opôs, cobrando que a filha permanecesse casada, pois o genro era um bom marido, *aquele que não deixa nada faltar*, afirmativa que ela contra-argumentava, uma vez que isso não era suficiente para manter o casamento.

Lembrou que, desde o início, a mãe interferiu na vida do casal. Quando completou dois anos de relacionamento, descobriu sua primeira gravidez. Na falta de atitude do genro, foi a sogra quem levou a filha para a casa dele, quando passaram a conviver maritalmente, pois o então namorado não manifestou qualquer interesse em assumir a vida de casado, não tomando iniciativa quanto a morarem juntos e constituírem uma família.

Para Carla, não foi ele que a escolheu como esposa, mas foi o desejo da mãe que se fez imperar sobre a vida do marido, exigindo que ele assumisse a responsabilidade para com ela e a criança que estava para nascer. Hoje, estaria com ela *por segurança, não por afeto*. Dessa

forma, parecia se eximir da tarefa de assumir sua implicação na manutenção do casamento, por todos esses anos.

Na sua fala, o marido parecia ocupar o lugar de substituto materno, o que para Soler (1995, p. 123) “promete muitas brigas, recriminações e dificuldades, já que significa dizer que ela vai censurar seu homem por tudo que ele censura e censurou a mãe na sua infância”. Ao contestar o amor do marido, é também para a mãe que ela se volta, dessa forma, mãe e marido acabam assumindo um mesmo papel: são responsáveis pelo que lhe falta.

Carla, que sempre quis encontrar um homem como o pai, tem no marido um retorno à relação com a mãe, uma relação complicada e marcada por conflitos, que a sufocava, aprisionava e exigia dela o estabelecimento de limites. Carla dizia esperar por um homem que passasse segurança, não fizesse tantas cobranças e, mais que isso, respeitasse suas decisões. Por outro lado, estar com o marido se tratava de uma escolha sua, ainda que sofresse interferências da mãe.

Ao retornar para a casa dos pais, a mãe passa a insistir em que a filha aceitasse o marido de volta. Sua narrativa circulava em torno de um conflito que ilustra a fase pré-edipiana de vinculação com a mãe – a filha percorre uma busca incessante por agradar a mãe e se prostra frente ao enigma do desejo materno insatisfeito, que se insere em meio aos conflitos conjugais do casal, sempre sob o pretexto de ajudar.

A minha mãe acha que eu tenho que ficar com ele porque ele é o pai dos meus filhos, mas eu sei que ele não vai mudar. Como ela é evangélica, tem essa cultura muito submissa, que a mulher tem que cuidar do marido, tem que suportar, mas eu não aguento mais. Ela fica falando que eu tenho que voltar pra ele, mas eu já disse pra ela não falar mais nada, não se meter na minha vida, agora eu não estou deixando mais ninguém se meter na minha vida, por isso que eu quero o meu espaço.

No seu discurso, o casamento figurava para ambos como uma prisão que não escolheram. Carla se referia ao marido como uma pessoa que sempre foi *livre*, e costumava passar muito tempo fora durante o namoro. Para ela, o marido não tinha a intenção de assumir um compromisso, pois gostava muito de viajar: *então ele bebia, porque eu acho que ele se sentia aprisionado comigo.*

Ela também se via como *prisioneira* do marido, pois nos momentos que tentava sair, ele sempre reagia com ameaças e chantagens: *Uma vez eu disse pra ele que não aguentava mais. Aí ele disse que ia se matar. Ele fazia chantagem, se cortava, teve uma vez que ele chegou a tomar veneno de barata, só que já estava vencido eu acho que não fez efeito. Com a*

separação, as chantagens só aumentavam, o marido telefonava para a casa dos seus pais, fazia ameaças e súplicas que acabavam abalando sua convicção.

Na relutância dela em não ceder a tais apelos, o ex-cônjuge passou a se mostrar mais colaborativo, começando a ajudá-la nos cuidados e outras responsabilidades para com os filhos. Enquanto isso, sua mãe argumentava: *Volta pra ele, ele está mudado*. Essa situação acabava colaborando para que ela decidisse voltar para casa, período em que registrei muitas faltas nos atendimentos.

Carla decidiu voltar para casa durante uma viagem do marido. Afirmou não ter interesse em reatar com ele, mas que estaria lá por se tratar de um patrimônio seu. Ela teria direito sobre a casa e precisava estar lá para cuidar. Além disso, contou que sentia falta do seu espaço, pois a mãe teria abrigado seu irmão, com filhos e esposa. Tudo isso, relatava, tornou a convivência mais difícil. Passada a primeira semana, o marido chegou de viagem, e ela constatou:

Eu percebi que eu não sinto mais nada por ele. Pensava que quando ele chegasse e eu o visse, eu ia sentir algo, mas não, afetividade eu não tenho mais. Eu o vi e não senti nada. Agora ele está mais atencioso, preocupado com os meninos. Isso está me fazendo bem. Nós estamos na mesma casa, mas ninguém se vê. A casa é de dois andares, eu fico em cima e ele fica embaixo, eu passo o dia todo fora. Quando eu chego é para dormir, parecem dois estranhos numa casa, mas eu já falei para ele: 'Não tenha esperança de nada comigo. Eu vim pra cá só porque eu preciso de uma folga, porque a minha mãe estava muito estressada com muita gente na casa dela'. Eu estou indo só para dormir.

Perguntei, então, como foi para ela voltar para casa, após dois meses de separação:

Eu estou me sentindo muito feliz, não fiquei me sentindo tão sozinha. Na primeira noite eu fiquei um pouco triste com as lembranças, vieram muitas lembranças de quando eu ficava só, não devia ter implorado para ter atenção, para ter amor, essas coisas a gente não deve implorar. Eu só lembro das coisas ruins. Não consigo lembrar de nenhum momento bom que a gente teve, no máximo um passeio, uma coisa assim, mas lembrança de ser amada, de ser querida, não lembro.

Apesar das lembranças que relatou, ela parecia ter sido tomada por um estado de bem-estar. Parecia estar feliz, não falava mais em voltar para a casa da mãe. Mesmo dormindo em quartos separados, existia em sua fala mais um traço de esperança: *Provavelmente ele vai mudar por causa da minha mudança*, muito embora não fosse isso que acontecesse. O marido não mudava.

Passado pouco mais de um mês, desta vez foi ele quem saiu de casa e foi morar com um amigo. Continuou com sua vida desregrada, a qual ela se mantinha presa, com ares de

preocupação. Numa situação em que ele havia passado dos limites, recebeu o telefonema de um conhecido, pedindo a ela para ir pegá-lo no bar. Contrariado com a atitude da mulher, começou a gritar e a ofendê-la. Em meio a tantos insultos, contou que chegou a reagir: *Ele me perturbou tanto que eu cheguei a dar uma correntada nele*. Ela mesma se encarregou de levar o marido de volta para casa.

Carla relatou que sempre sentiu o desejo de cuidar do marido e costumava se preocupar com ele. Era como definia seu amor: *eu sentia amor assim, de querer cuidar, de me preocupar*, pelo que parece, um afeto maternal, que fazia com que Carla se visse apenas como mãe nessa relação: *antes eu não me sentia nem como mulher, apenas eu me sentia mãe*. Sua queixa sobre o marido era também por não saber ser pai, nem para os filhos, tampouco para ela:

Quando eu me lembro das coisas que ele fazia, ele dizia: 'Tu não me ensina a ser pai'. Como se eu tivesse que ensinar a ele! Ninguém me ensinou a ser mãe, isso a gente aprende sendo, eu falava pra ele, uma pessoa com 38 anos e eu tendo que ensinar ele a ser pai. Isso me magoava muito, essas coisas que ele falava.

Além do desejo de querer cuidar, o marido despertava outros sentimentos: *Ele me trouxe muita raiva, me trouxe rancor, acho que a pior doença é você guardar rancor*. Logo, a ambivalência de afetos fez com que ela descartasse a existência de amor nessa relação: *Eu não tenho amor por ele, não tenho carinho*.

Eles continuavam convivendo na mesma casa, em quarto separados, mas de alguma forma se mantinham ali, lado a lado, cada um ancorando o desamparo do outro, o que parecia calhar com o esquecimento dos atendimentos, cujas faltas eram tratadas com justificativas vazias, como alguém que não está mais comprometida com o processo. Contudo, bastava uma nova crise entre o casal para ela retornar.

Nos últimos atendimentos, Carla parecia ter retomado novamente o desejo de romper com o marido. Esperava que ele saísse de casa novamente, para que ela pudesse seguir a sua vida em paz. Ela demonstrava estar mais confiante, por contar com o apoio materno: *A minha mãe está me apoiando agora, ela disse que quer mais que eu me livre dele. Ela disse com essas palavras, que vai ser melhor para mim se eu me livrar dele*.

Após um período de seis meses, Carla mostrou estar feliz com as mudanças que conquistara. Concluiu a faculdade e tinha planos para começar uma pós-graduação. Sobre o processo psicoterápico, relata: *Às vezes, eu ainda me deprimos, mas eu estou muito melhor. Aqui foi onde eu comecei a me conhecer, eu vim gostar de mim aqui. Foi muito importante*

Apresentação dos relatos: Carla

nesse momento da minha vida. Quero muito poder continuar. Em virtude do término da pesquisa eu a encaminhei a outra profissional para que pudesse continuar o seu processo.

Patrícia

Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo - quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação.
Clarice Lispector

Patrícia era uma jovem de vinte e três anos que atravessou a fronteira em busca de estudos e melhores condições de vida no Acre. Morando na casa de parentes e trabalhando para o próprio sustento, conheceu um brasileiro com quem se casou na esperança de constituir uma família que pudesse oferecer segurança econômica e afetiva: *Meu sonho sempre foi ter uma família, ter a minha casa, cuidar das minhas coisas*. Contudo, o sonho de encontrar a felicidade no casamento acabou desmoronando.

Casada há quatro anos e mãe de um menino de dois anos e cinco meses, chegou ao serviço de psicologia demandando certa urgência por atendimento. Declarando-se carente de ser ouvida, *estava muito angustiada nos últimos dias*. Logo, esse primeiro momento de terapia funcionou para ela como um espaço para desabafo e uma oportunidade de expressar seus temores.

Patrícia relatou a manifestação de sintomas depressivos e na adolescência teria tentado o suicídio por meio de envenenamento. Mesmo sem êxito, o desejo de pôr fim à vida parecia estar sempre em vigília. Temia pela morte do filho sem que contasse com motivos evidentes para isso. Sempre que o marido viajava, era dele que ela receava a morte: *eu fico achando que ele vai morrer, que vai acontecer algo*. E quando se intensificava a angústia, acreditava estar prestes a morrer, procurava o médico e *ele sempre dizia que não tinha nada*.

Conforme seu relato, os episódios marcados pelo medo da morte tiveram início no começo do relacionamento: *Faz uns três ou quatro anos. Desde que eu casei, sofro muito com meu marido. Sempre sofri. Sinto falta de alguém para me beijar, me abraçar, me dar carinho. Queria encontrar alguém que me amasse*. Nessa passagem, o casamento parece ter um papel importante no desencadeamento da angústia, como um ponto de associação a ser investigado.

A relação entre o casal foi descrito como um palco de brigas, discussões e pouco entendimento. O marido era visto por ela como um homem *vazio, ciumento, arrogante, orgulhoso, rancoroso, machista*, um carrasco que a humilhava e a quem ela servia como empregada. Quanto ao seu sofrimento, ele pouco se interessa. Durante as brigas costumava

atribuir seus medos a uma maldição: *Ele fala que eu sou assim porque eu sou uma pessoa amaldiçoada.*

Tenho medo de ter uma maldição sobre mim. Eu tenho medo dessas coisas. Se eu estou aqui e pousa um pássaro eu já fico com medo, achando que é uma maldição. Não gosto de gato, eu tenho medo de ter uma maldição sobre mim. Antes eu achava que as paredes iam cair sobre mim. Estava num lugar e achava que elas iam cair.

O medo das paredes caírem parecia aludir a um mundo que está desmoronando, um lar que desaba sobre ela. Chorava ao falar que o marido não gostava dela e temia ficar desamparada com o filho na rua, pois sempre que brigavam, ameaçava deixá-la. Na tentativa de manter seu casamento, a casa parecia se firmar como grande representante, a qual ela limpava compulsivamente: lava, baldeia, esfrega com todas as suas forças, tentando tirar qualquer grão de poeira que possa denunciar a corrosão.

A mania de limpeza também parece ser umas das formas que Patrícia encontrou para lidar com a angústia e o medo/desejo da morte, como expôs em relação ao filho: *Eu gasto muito produto de limpeza por causa disso. Fico achando que se a minha casa não estiver limpa meu filho pode pegar alguma doença. Tenho que deixar a casa limpa, se não, não fico tranquila.* Dentre as acusações do marido contra ela estavam os prejuízos financeiros gerados com a compra de produtos de limpeza.

As agressões verbais entre o casal eram constantes e ela não sabia como barrá-las. O marido questionava o seu lugar de vítima: *Ele diz que eu me faço de vítima, mas eu não sou vítima. Ele diz que eu tenho necessidade de brigar. Diz que eu tenho o sangue ruim e necessito de briga.* Ao mesmo tempo em que se retirava do lugar de vítima, reconhecia: *Eu sou muito alterada, isso eu sei que eu sou, quando eu não gosto de algo eu brigo.* Para logo em seguida justificar: *ele é muito frio comigo, ele me humilha.*

Patrícia não se calava com as ofensas do marido e quase sempre reagia às suas agressões verbais. Isso servia de contra-argumento para ele, que passava a recriminá-la, acusando-a de dar início às discussões. Nesse caso, ela parecia ficar à espera que um terceiro, alguém que pudesse se colocar entre o casal, mais especificamente ao seu lado, justificando sua forma visceral de responder à violência: *Eu queria que alguém me dissesse se eu estou certa, porque ele diz que eu estou errada, que eu sou louca.*

Convivendo com o marido e os filhos adolescentes que ele trazia de um primeiro casamento, contou que já foi agredida por um dos enteados durante uma discussão e disse o quanto se sentiu humilhada. As brigas e discussões com os filhos dele eram frequentes,

porém, lhe incomodava mais a postura do marido diante desses episódios. Não hesitaria em se posicionar do lado dos filhos, gerando nela um grande descontentamento.

A notícia da sua gravidez após um ano de relacionamento foi recebida por ele com desconfiança, inicialmente acusando que o filho não era dele, o que gerou grande sofrimento para ela. Quando o seu primeiro filho estava com dois anos, ela começou a suspeitar de estar grávida novamente. Ao contar isso para o marido, mais uma vez ele a ofendeu e mandou-a ir embora, alegando não ser dele o filho. Desamparada, aliviou-se ao saber que não estava grávida.

As injúrias do marido em relação a ela abalaram sua autoestima e fizeram com que começasse a incorporar os atributos que o marido lhe conferia. Quando falava, não se sentia confortável para carregar qualquer sentimento positivado sobre ela mesma. Se por ventura o fazia, vinham sempre acompanhados de uma negação: *Eu me vejo uma mulher não tão bonita. Não, não, não tão boa mãe, mas trato de ser melhor.* Em um momento em que sobressaía seu amor próprio, ela dizia: *sou uma mulher de bons sentimentos, uma mulher honesta e sincera.*

As humilhações sofridas na relação com o marido são somadas por ela a outros acontecimentos que deixaram marcas na sua face, na sua vida: *Eu mudei muito com tudo isso. Criei manchas no meu rosto, eu já sofri muito na minha vida.* As agressões físicas são mais raras, mas também já ocorreram e permaneciam como advertência, quando entre uma ofensa e um olhar de intimidação subjaz uma ameaça de violência no corpo: *Agora ele ficou me encarando, como quem ia me bater.*

O medo parecia paralisar toda a sua vida. Ele cerceava sua liberdade imprimindo uma forma de sofrimento que lhe era familiar. Por temer a liberdade ela se mantinha presa a uma desgraça conhecida: *Eu ainda sou nova, vou encontrar outra pessoa e eu tenho medo de criar meu filho com padrasto, tenho medo dele maltratar meu filho, medo de achar outro pior, que me agrida fisicamente, porque ele não me agride mais. Ele me maltrata psicologicamente.*

Também se queixava do marido, pelas vezes que ele não impusera a separação, sobre a qual eu questionei – Por que essa decisão não pode ser sua? Por que tem que ser ele a impor a separação? Na verdade, ela não conseguia dizer não ao marido, não conseguia sustentar sua própria decisão, o que fica evidente quando diz: *Eu tenho muitas dúvidas, eu sou uma pessoa cheia de dúvidas, tenho muitas dúvidas sobre a minha vida, tenho medo do que pode vir a acontecer, tenho muitas incertezas.*

Patrícia buscava uma razão para a sua permanência nessa relação. Contudo, parecia carregar consigo um desejo de punição, pois não podia vislumbrar outro fim que não fosse

narrado de forma trágica. Quando perguntei se já pensou na possibilidade de encontrar alguém melhor, ela respondeu: *Já, mas, não sei. Esse é o meu problema, eu vivo com um pé para fora e um pé para dentro*, aludindo mais uma vez à sua dificuldade em se comprometer com o processo de mudança.

Das implicações subjetivas à escolha amorosa

Patrícia narrou uma vida muito difícil, marcada por privações e pouco suporte familiar. Quando ainda era criança, sua mãe decidiu sair de casa em virtude das agressões do marido. Ao lançá-la no real de uma relação mediada pela violência, a separação dos pais na infância é vivida como um abandono materno. A mãe vai embora, enquanto o pai, apesar de tudo, permanece em alguma medida, idealizado.

A idealização da figura paterna também contribui com as dúvidas em relação aos supostos abusos sexuais sofridos nessa fase da vida. Ao recordar, ela trazia sua fala carregada de amor, ao que parecia, o mesmo amor um dia dedicado ao pai por uma menininha de cinco anos: *O meu pai, ele nunca chegou a fazer nada comigo, assim, eu acho, mas ele abusou de mim, quando eu deitava, ele vinha passar a mão em mim, só que ao mesmo tempo eu amava muito meu pai, eu amava muito ele.*

Fantasia ou não, o fato é que o amor cultivado pelo pai fazia com que ela se esforçasse para negar a cena incestuosa relatada, mostrando-se incapaz de se referir a ele com raiva ou hostilidade. Confusa em relação aos próprios sentimentos, ela buscava coadunar à ideia consciente de um pai violento o seu amor edípico, ignorando as falhas de um genitor que não se instala como lei, pois é aquele que transgride, que abusa, e supostamente rompe a barreira do incesto.

A mesma ambivalência é vivida em relação à figura materna. Ela tinha dificuldades para expressar sua hostilidade abertamente e não o fazia sem que sua queixa fosse seguida por justificativas em defesa da mãe.

Eu nunca julguei a minha mãe porque eu sei o que ela sofreu nas mãos de meu pai. Eu sei que ela nos abandonou e que talvez parte do meu sofrimento seja por causa dela, porque ela não esteve nos momentos em que eu mais precisei. Já precisei muitas vezes dela, mas meu pai era muito ruim com ela. Acho que nem eu aguentaria o que ele fazia com ela.

Patrícia tinha muitos ressentimentos em relação à mãe, por tê-la deixado com o pai aos onze anos de idade, formando assim uma nova família, enquanto ela assumiu os cuidados com o irmão mais novo, que na época tinha aproximadamente quatro anos. Na ausência da figura materna, o pai voltava toda sua agressividade e desrespeito para os filhos, o que fez com que Patrícia não demorasse muito decidir a sair de casa.

Minha mãe foi estuprada e maltratada por meu pai. A gente era traumatizado, desde criança, com meu pai. E quando eu fui morar com meu pai [sem a mãe], meu pai também era muito violento, muito, muito mesmo. Eu fui embora porque eu sofria muitos maus-tratos do meu pai. Se meu pai não gostava de uma comida ele jogava na minha cara. Ele me batia muito e ele gostava de me bater na rua, me fazer passar vergonha. Sofri muito.

Ao assumir o lugar da mãe para o pai e para o irmão, passou a se sentir responsável por eles. Culpava-se por ter saído de casa, deixando o irmão aos cuidados do pai, da mesma forma como fez sua mãe em um momento anterior. Além disso, ter o pai implicava pagar um preço muito alto, cobrado na relação com o marido, cuja dinâmica permitia supor e existência de um forte sentimento de culpa inconsciente.

Relembrando sua vida ela retomava a ideia de maldição: *Eu tenho medo de ter uma maldição, por causa de tudo isso, eu não sei se eu tenho uma maldição pra isso está acontecendo comigo, porque o mesmo aconteceu com a minha mãe, ela foi abusada pelo meu avô.* Trata-se de um enredo que se impõe como repetição. Abusada pelo pai e casada com um homem violento, talvez fossem esses os indícios de um fenômeno que ela classificava como maldição.

Relatou que na casa de sua tia, onde passou a morar após sair da casa do pai, também sofreu muito. Enfrentou humilhações, descritas como eventos precipitadores para a tentativa de suicídio que teria cometido na adolescência, o que contribuía com os seus temores quanto a ser mandada embora e voltar a viver na casa de familiares. Contudo, os sofrimentos psíquicos decorrentes da sua história não ocupavam o primeiro plano, pois só conseguia culpar o marido pelo sentimento de infelicidade que a acompanhava.

Patrícia construiu fantasias sobre o seu passado. Acreditava que se tivesse casado com um antigo namorado sua vida não seria assim. Ela o idealizava por meio de muitos predicados, hoje um homem comprometido, ele assumia para ela o verdadeiro retrato da felicidade. Além dele, sempre trazia em seus pensamentos a ideia de encontrar outra pessoa, um homem capaz de fazê-la feliz, e dessa forma, exime-se da tarefa de lutar pela própria felicidade.

Sobre a esperança de ser feliz ao lado do marido, ela constatou: *Acho que só fui feliz duas semanas que morei com ele. Depois, começou tudo. Nunca fui feliz, em tudo, tudo, nunca fui feliz; às vezes eu penso que eu não mereço viver assim, eu mereço ser feliz, mereço encontrar alguém que me ame, que me dê carinho.* Contudo, havia algo na história de Patrícia que parecia implicá-la nesse tipo de relação.

Sobre o início do relacionamento torna-se relevante pensar a ausência de um estado de apaixonamento por ela relatado: *Eu nunca na verdade quis ele, porque ele era muito velho. Ele era mais velho pra mim.* Para Freud (1914/2004) a relação com um homem mais velho acaba por trazer à tona o complexo de Édipo, denunciando que ele continua muito vivo no inconsciente e manifesto na sua escolha amorosa, como pode ser observado na fala contraditória, a seguir:

Achava que ele era um bom homem, por ser mais velho, talvez. Eu sempre gostei de homem mais velho, talvez por ser mais responsável, alguém que não deixaria faltar nada pra mim, uma pessoa mais madura. Eu esperava isso, ele me amar, gostar de mim, me respeitar. Isso é o que eu acho que qualquer mulher espera de um homem. Eu esperava isso dele. Ele ser meu companheiro, ou me ajudar, mas não foi assim. Foi totalmente o contrário.

Numa das sessões trouxe um sonho que confirma essa constatação, casada com um homem vinte e três anos mais velho, é o pai que ela vê todas as vezes que sonha com o marido, uma manifestação do inconsciente que a interroga e que se repete nos seus relatos em outras sessões.

Eu acho incrível. Não sei se é um trauma, mas quando eu sonho com meu marido, sempre vejo a cara do meu pai, eu nunca vejo a cara de meu marido. Sempre vejo a cara dele, porque ele tem um parecido com meu pai, porque para meu pai toda mulher era vagabunda, toda mulher era puta.

Patrícia não sabia dizer o que gostava no marido. Sem conseguir elencar qualidades, ela se via conquistada pela sua insistência e se contentava em ocupar o lugar de objeto do desejo do Outro, pois isso a desobrigava da tarefa de olhar para o próprio desejo e seu caráter incestuoso. Sem querer saber sobre o próprio desejo, sofria ao se deparar com a falta de amor: *Ele sempre fala assim para mim, que ele não me ama mais, que não gosta mais de mim, que não me quer.*

A relação com a mãe servia de caminho para pensar a demanda de amor para com o marido, incomodada pela sua insistência em compará-la com a ex-mulher, Patrícia manifestava o desejo de ser única: *Ele fica me comparado com a ex-mulher dele, ele sabe que*

eu não gosto, desde pequena eu não gosto que me comparem, porque quando eu era pequena minha mãe ficava me comparando com outras pessoas e eu não gostava.

A insatisfação vivenciada na relação com o marido começava a dar lugar para a expressão do próprio desejo, ela queria ser amada. Não são as agressões físicas que a fazem buscar atendimento, mas a falta de amor, as humilhações e o desprezo que sustentam sua queixa e permitem começar a olhar para o próprio desejo, porque isso a deixa numa condição de vazio, de falta, de algo a ser preenchido.

Ainda que não se mostre comprometida com o processo, falar sobre suas dores permitiu uma significativa melhora com relação aos seus sintomas fóbicos e uma relativa “estabilidade” na relação com o marido. Ela relatou pequenas mudanças, mas se queixou de minha postura para a equipe, pelas vezes em que me esquivei em dizer o que ela deveria fazer. Nessa situação ela atua, reage em oposição, como quem não tem mais nada a dizer.

No silêncio, ela me olhava como se esperasse que eu fizesse alguma pergunta, que não a deixasse só em silêncio, pois isso a incomodava. Ela se mexia na cadeira e esperava que eu dissesse algo. Sem saber lidar com o vazio, procurava argumentos, saiu da sala com a justificativa de pegar um objeto que teria ficado fora. Retornou, parecia perdida, sem saber o que fazer, punha em ação a forma como lida com seus problemas, como ela mesma relatou: *eu vivo com um pé para fora e um pé para dentro*. Contudo, abandonou o tratamento.

Laura

Sinto a falta dele como se me faltasse um dente na frente: excruciante.

Clarice Lispector

Laura era uma mulher de cinquenta anos, que trouxe para o processo psicoterápico uma história conjugal conturbada, marcada por muita violência, como ela mesma disse: *É uma história que nem em um mês eu conto tudo*. Vivendo com o atual marido há dez anos, relatou episódios de ameaças, agressões, denúncias e prisões. No entanto, registrava dois temores: que ele a matasse ou que a abandonasse.

A ambivalência era um fator relevante que atravessava a comunicação do casal em todos os momentos. Laura sempre chegava falando que não o aguentava mais, que não suportava os ciúmes. Queria que ele fosse embora, mas quando ele dava indícios de que ia deixá-la, ela recuava. A ausência de interesse dele, seja para saber aonde ela ia, seja quando dizia que ia embora da sua vida, incomodava-a profundamente.

Laura o denunciou à polícia várias vezes, *mas quando os oficiais chegavam para tirar ele de dentro de casa, eu não deixava. Como quem decidia era eu, porque era eu que era espancada, então eu não deixava*. Ainda assim, continuava a ameaçá-lo quanto a uma nova denúncia, argumentando que da próxima vez não iria impedir que o levassem. Quando perguntei o que sentia em relação a ele, Laura disse:

Nada! Não gosto nada. Gostava, mas não gosto mais nada, gostei muito. Tudo que ele já me fez, humilhou na frente das pessoas, disse coisas horríveis comigo, eu não gosto. Mas na verdade quando ele vai embora eu sinto falta dele. Eu sinto saudade dele, não sei se é porque eu já me acostumei. Eu não consigo esquecer, só que eu não quero ele perto de mim.

Esperava uma atitude diferente do marido, mas o ato que se inscreve é grosseiro e violento, ele realça as contradições do amor, na sua expressão destruidora e doentia. A ausência de ações contornadas pela palavra faz com que ela descredite no amor do marido, quando não, passa também a questionar o próprio sentimento.

Acostumada com a passagem ao ato, as palavras de amor proferidas pelo cônjuge tornavam-se vãs: *Só dele abrir a boca para dizer que me ama já me incomoda. Se ele me amasse ele não fazia as coisas que ele faz*. Por outro lado, se as palavras de afeição não ressoavam como elogio, as palavras ofensivas ganhavam um eco ainda maior e tornavam a

abrir feridas: *Tudo que acontece eu choro, eu choro mais com as palavras dele do que quando ele me batia.*

Sua forma de se colocar nessa relação permitia pensar as limitações das intervenções judiciais que, nesse caso, não foram suficientes para pôr um limite a uma relação perversa que se estendia durante todos esses anos: *Agora ele diz que vai me matar aos poucos. Eu não suporto mais, eu já fui humilhada pelas autoridades, eu não sei mais a quem recorrer.* Segundo contou, ele teria anexado uma carta ao processo judicial na qual relatou supostas chantagens de Laura sempre que ele saía da cadeia: *dizendo que se ele não voltasse comigo eu ia mandar ele para cadeia de novo.*

O marido, oito anos mais novo, fazia uso abusivo de álcool e outras drogas. Ele foi preso várias vezes em decorrência das queixas de violência doméstica contra ela. Dentre as lesões, uma teria sido mais contundente, ocasionando um ferimento em sua cabeça que, por pouco, não trouxe sequelas graves. Sobre esse episódio, guarda a foto e a matéria veiculada na página de um jornal:

Há um ano, era meu aniversário. Ele chegou em casa e perguntou para a minha filha onde eu estava, que ele tinha um presente pra mim. Ele ia me dar um presente de aniversário. Aí ela perguntou: 'como é que você vai dar um presente para ela se você não trabalha?' Ele não respondeu, saiu de casa e ficou me esperando. Eu ouvi ele me chamar e fui até ele. Estava me esperando com um tijolo para me atacar. Eu fiquei desacordada com a pancada na minha cabeça e o SAMU me levou. Depois disso eu não suporto mais ele. Ele queria me desfigurar. Ele ia tacar no meu rosto, mas como eu me abaixei ele tacou na minha cabeça. Levei oito pontos na cabeça. Depois ele veio me procurar dizendo que me amava, que estava arrependido. Aí eu aceitei ele de volta. Não tenho raiva dele, mas depois que isso aconteceu não suporto mais ele. Não quero que ele chegue perto de mim, você me entende?

A agressividade atravessava os diferentes níveis de comunicação de Laura. Chamava atenção o padrão relacional alimentado por ela e a forma que reagia às ofensas do marido: *Ele falou tanta coisa por causa disso que eu fui obrigada a dar um terçado para ele me matar. Disse pra ele: Pega e me mata porque eu não aguento mais ouvir você falar essas coisas.* Sobressalta aos olhos a identificação mortífera que perpassa a manutenção desse laço conjugal.

Como propõe Barthes (2010, p. 165), “o sujeito identifica-se dolorosamente com qualquer pessoa (ou personagem) que ocupe na estrutura de amor a mesma posição que ele”. Dessa forma, ela parecia aceitar a nomeação do marido ao identificar-se com a louca, pois somente uma louca para entregar um terçado nas mãos do mesmo homem que já teria tentado matá-la em outra ocasião. Frente ao desamparo, era preferível a morte.

A violência psicológica sofrida parece ter deixado cicatrizes mais dolorosas que aquela ocasionada pela pancada na cabeça. Disse: *Eu não tenho raiva pelas porradas que ele já me deu. Tenho raiva das coisas que ele diz comigo*, o que põe em destaque o poder devastador da palavra, da qual ela se apropria, identificando-se com os adjetivos depreciativos que lhe atribui o marido. Constrangida com essa situação, ela se culpava por todas as vezes que o aceitou de volta: *Ele diz que agora vai mudar e eu sei que sou culpada porque eu aceito*.

Laura já havia recebido acompanhamento psicológico por um período, porém curto. Na impossibilidade de continuar o acompanhamento, a psicóloga optou por encaminhá-la até mim, proposta inicialmente recusada e percebida como abandono e descaso para com ela. Passam então três meses até que Laura decidiu procurar o centro de referência e iniciar um novo acompanhamento.

Ao escutá-la, percebo a morte à espreita de Laura, ocupando sua fala, seus pensamentos, seus conteúdos oníricos, sua vida. À medida que expunha sua rotina, via como se apropriava dos elementos de morte que compareciam no seu dia a dia. Não era de se estranhar que as páginas policiais fizessem, para ela, referência aos perigos que assumia em sua própria vida.

Um dia desses aconteceu um crime e eu fiquei muito perturbada, para mim aquilo vai acontecer comigo. Um cara conheceu uma mulher, dentro de uma semana ele matou e enterrou dentro de casa, isso aí me incomodou tanto, para mim aquilo ali vai acontecer comigo. Nós estávamos assistindo o jornal e ele disse assim: 'Isso aí é mulher sem vergonha e mulher sem vergonha tem que morrer mesmo'. Eu fiquei tão impressionada com aquilo. Para mim aquilo vai acontecer comigo.

Sua história trouxe relatos de assassinatos, mortes, violência brutal dentre outros episódios que, caso fossem relatados, poderiam ameaçar o sigilo prometido. É também um desses eventos que serve de marco para o início das agressões entre o casal, há dois anos e meio. Daquilo que se pode expor é válido demonstrar a forma como esses conteúdos ganhavam forma nas suas manifestações do inconsciente, por meios dos sonhos e sintomas:

Agora eu estou melhor, estou tomando a medicação todo dia, como o médico mandou. Não estou mais tendo pesadelo, porque eu sonhava muito com faca, terçado, as pessoas me matando. Agora eu estou conseguindo dormir, não estou mais com aqueles pensamentos de morte.

O seu discurso ganha a forma de uma tragédia familiar, a qual as pessoas mais próximas são os personagens de um enredo trágico, cujo final é pouco consolador, ela

presente a própria morte. Certa ocasião, tentou me convencer a falar com a psicóloga do marido, gostaria de persuadi-la a colocar-se do seu lado:

Ela precisa saber que ele vai me matar. Eu estou sentindo que ele está preparando para me matar, porque eu não quero mais ele, não sei, eu estou sentindo, não sei se é porque eu estou nervosa, mas eu estou sentindo isso. Eu não posso chegar à delegacia e dizer isso porque eu não sei, sou eu que estou pensando, eu não sei.

Passadas algumas semanas, ela contou que resolveu expulsá-lo de casa, mas ele permaneceu na sua porta, chorando na sua janela, e mais uma vez ela me perguntou: *o que devo fazer?* As atitudes do marido passaram a incomodar os vizinhos, que cobravam dela uma decisão: *Mas eu não quero que ele vá preso, eu queria que ele me ajudasse.*

Eu tenho um problema muito sério. Se eu colocar ele para dormir dentro de casa, eu não durmo direito, porque eu tenho medo dele me matar dormindo. Se eu deixo ele do lado de fora, eu não durmo porque de vez em quando ele vem, bate, me acorda para pedir água. E é assim que eu vivo. Eu ainda não sei o que eu vou fazer. Não quero que ele vá preso, eu não quero ficar com a consciência pesada, mas eu também não quero mais essa situação dele ficar na minha porta.

Os questionamentos sobre o que devia fazer eram frequentes e compareciam como uma forma de fugir à responsabilidade, de não se implicar. Após receber orientações da advogada, chegou para o atendimento se dizendo decidida a denunciar novamente o marido, mas na ausência desta recuou.

Hoje eu vim decidida a denunciar ele, eu falei com a advogada naquele dia e ela disse que estava aí para me acompanhar, porque eu já fui muito humilhada pelas autoridades, na delegacia, então ela ia me acompanhar, mas eu cheguei e ela não está aí, acho então que não era pra ser. E agora o quê que eu faço, eu vou ou não na delegacia?

Ela temia que o marido fosse preso mais uma vez, disse não suportar a culpa que a família do marido colocava sobre ela sempre que o denunciava. Observei que a culpa referida é sua companheira de longa data. Ela sentia-se culpada pelos infortúnios que caíram sobre a vida do marido, sentia-se culpada por tê-lo colocado fora de casa, e por fim sentia culpa desde que se negou a ajudá-lo, quando ele bate em sua porta em busca de comida: *Eu fico muito mal com essa situação, porque eu não dou nem água, é por isso que eu estou doente.*

Na verdade, como já disse tantas vezes, ela não quer denunciá-lo, ainda tem esperanças que ele pode mudar; que pode voltar a ser um homem carinhoso, capaz de cuidar dela e da filha: *Eu queria alguém do jeito que ele era, mas agora ele só sabe me criticar, me*

chamar de louca. O que permite confrontar os seus sentimentos nessa relação, pois enquanto dá indícios de que não o quer, também demonstra o desejo de que ele permaneça ao seu lado.

Das implicações subjetivas à escolha amorosa

Quando perguntei a ela sobre sua infância ela me olhou assustada, recuou, disse não lembrar e, frente à minha insistência, respondeu: *Eu fui criada no seringal, sempre trabalhei ajudando a minha mãe, eu era feliz*. Dessa forma, preservava dentro de si as lembranças dessa época de sua vida, como é bastante comum naqueles que sofrem de reminiscências.

Contou ser filha do segundo casamento de sua mãe, que teria tido nove filhos do primeiro casamento. Desses nove filhos, o pai de Laura assumiu dois, enquanto os demais passaram a ser criados na casa de parentes, como relatou. Da união com seu pai nasceram três filhos, mas apenas dois sobreviveram, e um deles é Laura. Sobre os maridos da mãe ela propôs uma distinção: *o primeiro marido dela era um vagabundo e o meu pai nunca deixou faltar nada*.

Sobre sua infância, prevalecia uma ideia romantizada, como uma forma de proteção e manifestação da resistência em se reportar a esse período da vida, pela possibilidade de entrar em contato com episódios que comportam grande carga afetiva. O pai era descrito como rígido, costumava bater sempre que ela o desobedecia. Contudo, prevalecia a idealização da figura paterna e muitas censuras em relação à mãe.

Suas recriminações para com a mãe referiam-se ao fato de ela não ter denunciado o marido quando soube que ele havia abusado sua filha durante a sua ausência: *Tem uma coisa que eu nunca contei para ninguém, mas eu nunca esqueci. Sempre lembro disso. Ele abusou da minha irmã quando ela tinha 13 anos, e a minha mãe não fez nada. Disso eu não esqueço*. A irmã aparece várias vezes como a escolhida do pai, ainda que isso se dê de uma forma perversa.

Laura disse que sempre se sentiu excluída da relação com os pais e mais ainda daquela que se estabeleceu entre o pai de Laura e a irmã da qual ele é padrasto: *Ela não é filha dele, mas ele é muito apegado a ela e não comigo, eu não sei por que até hoje ele é muito unido com ela*. Ela tem na irmã uma oponente com a qual rivaliza em busca da atenção paterna. Entre o pai que bate e aquele que não deixa nada faltar, parecia existir ainda uma dimensão

erótica que marcava essa relação. Mesmo que isso não estivesse explícito, a partir de uma fala sua, subjaz a fantasia de uma relação incestuosa com o pai.

O meu pai queria controlar tudo. Não queria que eu namorasse. Não sei se é porque eu era a única filha mulher dele. Não aceitava que eu namorasse. Ele ia para a festa comigo, mas não deixava eu me aproximar de ninguém, toda vez que ele sabia que eu estava namorando, ele saía de casa. Ele chegou a sair de casa três vezes por causa disso.

Quando questionada sobre essa relação, ela fugia da confrontação e retomava as recriminações para com a mãe.

Liliane: Por que você acha que ele agia assim?

Laura: Pensa, faz semblante de recusa, como se não aceitasse a ideia.

Liliane: No que está pensando?

Laura: Em nada, eu não pensei em nada, eu não sei o que eu pensei. Mas até hoje eu não entendo porque minha mãe não fez nada.

A irmã, que nunca casou, permanecia na casa dos pais cuidando deles, que hoje são idosos, enquanto Laura vivia sem muito contato com seus familiares. Insistia em dizer que não entendia os motivos da mãe para não denunciar o marido. Não recriminava o pai por ter abusado, mas a mãe por não ter denunciado. Costumava ser interpelada por vizinhos e amigos que cobravam dela que denunciasse o marido, mas não era isso que ela queria. Ela optava por não denunciá-lo, assim como fez a mãe, em relação ao seu pai.

Perguntei se alguma mulher na sua família já teria sofrido algum tipo de violência. Ela disse que não. Dessa forma, Laura parecia negar a violência sofrida pela irmã, ao mesmo tempo em que minimizava a agressão vivida pela mãe: *Os meus pais brigavam bastante por causa de mim. Ele chegou a dar uns tapas nela uma vez, porque meu pai não aceitava que eu saísse, mas a minha mãe fazia as minhas vontades.*

A sua referência de família era mencionada na relação com a filha mais nova, portadora de necessidades especiais. Não havia espaço no seu discurso para a filha mais velha, que só apareceu na sua fala por acaso, enquanto narrava um episódio com o neto. A relação com sua mãe permanecia distante, pois ela não apoiava a escolha amorosa de Laura: *A minha mãe nunca gostou dele porque ele é mais novo que eu. Ela não queria, mas ele é o homem mais carinhoso que eu já tive na minha vida, mas agora ele tá assim, eu tenho medo dele me matar.*

Toda a história amorosa de Laura era marcada por relacionamentos abusivos e conturbados. O primeiro marido bebia muito e se mostrava bastante ausente. O sonho dele era ser pai de uma menina, mas quando ela engravidou da primeira filha, ele começou a humilhá-

la e eles passaram a ter muitas intrigas. Durante uma briga, numa festa, ele chegou a lhe dar um tapa no rosto. Com isso, ela decidiu pela separação.

Seu segundo marido também passava a maior parte do tempo fora de casa. Afirmou que ele não lhe dava atenção e teria lhe agredido duas vezes. Ela, contudo, justifica o comportamento do marido, dizendo que foi uma reação a um ataque violento dela: *Eu agredi ele primeiro. Eu era muito ciumenta. Se alguém olhasse para ele eu ia pra cima*. Pai de sua segunda filha, ela acredita que foi o ciúme que contribuiu para o fim dessa relação.

Seu terceiro marido, ao qual ela aos poucos começa a chamar de ex, é descrito como o mais violento, mas nem sempre foi assim. Contou que o início do relacionamento foi ótimo, sendo ele bastante ciumento, queria estar com ela a todo instante e não aceitava que ela ficasse muito tempo fora do seu campo de visão. Curiosamente, era com essas mesmas características que descrevia seu pai: *Ele (pai) tinha um ciúme louco, ele tinha que estar me vendo todo tempo*.

Pelo que se pode supor, o marido, ciumento e controlador, permite a realização parcial de uma fantasia edípica. Descrito por ela como o homem mais carinhoso que conheceu em toda a sua vida, contou que a mãe nunca gostou dele, *todo dia eu pegava carão dela por causa dele*. Dessa forma ela podia ter no marido a reedição de um amor edípico, de onde parecia advir sua recriminação à genitora, que se opunha ao desejo de Laura, enquanto fazia vista grossa ao real do incesto vivido pela irmã.

O amor proibido pelo pai também parecia explicar a forma como ela se mantinha em recusa à sexualidade, sempre deixando bem claro que excluía o componente sexual dessa relação: *Ele me humilha muito, diz que eu tenho que aprender a ser mulher. Na verdade eu não sou mais mulher para ele não*. Sem ter relações sexuais ou trocas afetivas, ela disse não saber o que os mantêm juntos. Gostaria que ele ficasse ao seu lado como um pai protetor, não como homem.

As primeiras vinculações afetivas de Laura traziam informações valiosas sobre a sua forma de se relacionar. Se a repetição se fazia predominante para ela, faz-se necessário oportunizar a recordação e elaboração de sua história, abrindo caminhos para o estabelecimento outras formas de vinculação. Passado pouco mais de três meses, é assim que ela se despede em nosso último atendimento, motivada a dar continuidade ao processo: *Você é a única pessoa que não me julga, que não diz o que eu tenho que fazer, todo mundo fala que eu tenho que denunciar ele, mas eu não quero*.

Em virtude do término da pesquisa ela foi encaminhada a outra profissional.

CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR

Não ser como os outros. Entenda-se: ser mais amado que o outro, mais que qualquer outro. Esse desejo insensato reina no coração da mente humana, um desejo – ou uma fantasia – tão violento que dita o destino do mais louco e do mais são, daquele que crê nos céus e daquele que não crê, e tão secreto que ninguém jamais o teria avaliado... caso não existisse a psicanálise.

Jean-Claude Rolland

São três os textos a que Freud intitula de *Contribuições à psicologia do amor*. Todos eles tendo em comum a tentativa de se aproximar desse tema universal, e, por que não dizer humano, demasiado humano. Nesse sentido, Freud passa a demarcar o tipo de tratamento a ser dado às questões do amor, reconhecendo suas limitações, sem se eximir da tarefa de abordá-lo, por ser tão caro à psicanálise.

Torna-se, pois, inevitável que a ciência deva, também, se preocupar com as mesmas matérias, cujo tratamento, pelos artistas, há milhares de anos, vem deleitando tanto a humanidade, muito embora seu trato seja mais tosco e proporcione menos prazer. Essas observações, esperamos, servirão para nos justificar, de modo amplo, o tratamento estritamente científico que damos ao campo do amor humano. A ciência, é, afinal, a renuncia mais completa ao princípio de prazer de que é capaz nossa atividade mental (FREUD, 1910b/1996, p. 171).

Em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*, Freud (1910b/1996) apresenta três características principais que estariam presentes na escolha objetal masculina. A primeira delas seria a presença de um terceiro excluído, que permitiria ao homem compor um triângulo amoroso com a dama, como uma tentativa constante de reviver a triangulação edípica, podendo, desta vez, ocupar o lugar do pai, como eleito, ou, ainda, repetir a posição da criança, como o terceiro excluído a disputar o amor de uma mulher que para ele se mostra inacessível.

A segunda característica se refere à escolha de uma mulher de reputação duvidosa, que pressupõe uma vida sexual ativa da parte desta e o despertar do desejo masculino. Trata-se de uma mulher cobiçada, que ocupa o centro das atenções, passando a ser disputada no seu círculo de relacionamentos: predicado que lhe confere valor e incita a competição masculina.

A terceira característica encontra-se bastante atrelada à segunda e está presente na ânsia do homem por salvar a mulher desejada de um destino duvidoso. Assim, a segunda condição que se refere à disputa de uma dama promíscua convoca a terceira, como desfecho

pelo qual um único homem figura como herói, responsável por salvá-la da perdição, não tendo outro caminho a não ser entregar-se em seus braços.

As três características levam a constatar a centralidade do Édipo em suas teorizações. Seja pela triangulação, situação em que se destaca a rivalidade para com o pai e demais figuras masculinas. Ou ainda, pelas características da dama, que se permite supor uma mulher mais velha, podendo encarnar a própria figura da mãe. Esta forma de escolha no homem adulto se mostra como uma solução de compromisso para o desejo incestuoso e uma tentativa de burlar a ameaça de castração.

Há de se destacar ainda o papel do complexo de Édipo como ordenador do desejo de cada sujeito, oferecendo o tom ao tipo de escolha amorosa feita pelos homens, deixando vaga a possibilidade de transposição para o que ocorre na escolha amorosa das mulheres. Pautado ainda pela simetria do complexo de Édipo, Freud centra sua explicação no modelo masculino e retoma a tragédia de Sófocles como recurso de sustentação a mais uma de suas teorias.

Em *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, Freud (1912/1996) discorre sobre a existência de duas correntes, uma sensual e outra afetiva, que conduziriam o homem a um comportamento amoroso completamente “normal”. Contudo, estas correntes não estão fadadas a convergirem, havendo uma tendência de que o objeto exaltado exerça restrições à potência sexual e que o seu contrário ocorra diante de um objeto depreciado. Nesses casos, a divisão das correntes sensual e afetiva conduziria a um modo relacional no qual, quando se deseja, não se ama, e quando se ama, não se deseja.

No segundo texto, o amor e a escolha amorosa passam a ser explicados numa perspectiva dinâmica de forças que se entrecruzam e podem gerar conflitos, quando não estão postas a serviço de uma mesma finalidade. Antes de apresentar a teoria das pulsões em 1915, Freud ensaia um discurso sobre os instintos do amor e a importância dos obstáculos na intensificação da libido. Para ele, este caminho “pode explicar a inconstância na escolha de objetos, o ‘anseio pela estimulação’ que tão amiúde caracterizam o amor dos adultos” (FREUD, 1912/1996, p.194).

Em *O tabu da virgindade*, Freud (1918/1996), então, aborda as questões do amor e da escolha amorosa para a mulher, situando suas colocações num contexto falocêntrico marcado pela sujeição do feminino na sociedade. A discussão gira em torno das bases antropológicas presentes na psicanálise, e de como a instituição de um tabu se assenta sobre o psiquismo feminino, dando contorno e cedendo afetos às relações estabelecidas com o masculino.

Para Freud (1918/1996, p. 210), “o marido é, quase sempre, por assim dizer, apenas um substituto, nunca o homem certo; é outro homem – nos casos típicos o pai – que primeiro

tem direito ao amor da mulher, o marido, quando muito, ocupa o segundo lugar”. Considerando o texto *Feminilidade* de 1933, o objeto amoroso se cofigura também como um substituto da relação que a mulher estabelece com a mãe durante a infância, cujos amores na idade adulta irão figurar como eternos sucedâneos, um após o outro, e é desse ponto onde Freud situou as relações amorosas que se pretende seguir no intuito de oferecer novas contribuições à psicologia do amor.

Para dialogar com essas experiências recorre-se aos conceitos psicanalíticos de *desamparo*, *narcisismo* e *ideal do Eu*, como experiências fundamentais no campo da constituição e expressão da subjetividade. No intuito de viabilizar o estabelecimento de uma interface entre a relação amorosa e a violência a partir do discurso dessas mulheres, partir-se-á de três pressupostos elementares subsidiados por esses conceitos.

O primeiro refere-se ao fato de que a experiência do desamparo é universal e comum a todos os seres humanos. Logo, as mulheres que vivenciam a violência também moldam sua subjetividade e orientam suas relações a partir dessa condição. Como seres faltantes, marcadas por essa experiência indelével que as acompanha desde o nascimento, cabendo aqui pensar como essa condição se manifesta na impossibilidade de romper a relação violenta, por iludir o encontro com a falta e evitar a dor do desamparo.

O segundo se sustenta sobre conceito de narcisismo secundário, momento em que o sujeito direciona sua energia pulsional aos objetos, para posteriormente, reorientá-la para o Eu. Dessa compreensão adota-se o pressuposto de que todo amor é narcísico. Logo, o fato de abordar uma experiência amorosa marcada pela violência não modifica o amor na sua originalidade, como possibilidade de estima e retorno narcísico para o Eu, ao passo que, se não há correspondência no amor, há que se pensar em outras formas de satisfação que permeiam uma relação violenta.

O terceiro, parte da constatação que o retorno narcísico não se dá por uma única via, podendo abrigar-se em imagens formuladas a partir dos ideais. O objeto amoroso, por sua vez, faz referência a um objeto em sua totalidade, encarnando assim, uma pessoa ou um ideal que possibilite ao sujeito alcançar satisfação. Se a relação violenta, aos poucos, vai impossibilitando uma reapropriação do que se investiu pela via do amor, o ideal sobre o casamento e a própria ideia de felicidade constituem formas de satisfação substitutivas formuladas a partir do ideal do Eu.

As falas provenientes do *setting* analítico são apresentadas à luz desses pressupostos, cuja rede conceitual exposta no desenvolvimento do trabalho também serve de sustentação

para a análise e discussão dos relatos, como possibilidade de introduzir a ordem e definir a lógica com a qual opera o amor nessas condições.

Sobre a experiência do desamparo na esfera do amor

Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor. Mas com isso não encerramos o tema da técnica de vida baseada no valor de felicidade do amor; haverá muito mais a dizer sobre isso.
Sigmund Freud

O ideal iluminista de felicidade e a crença soberana na ciência trouxeram consigo a pretensão de uma vida regulada pelo conhecimento, partilhada por sujeitos confiantes no aperfeiçoamento da humanidade e na sua vitória sobre as paixões. Assim, o ideal de liberdade e a confiança no domínio da natureza humana possibilitariam a cada indivíduo acreditar na existência de um caminho acessível e igualitário em busca da felicidade.

Inclinado pela possibilidade de fazer da psicanálise uma ciência, Freud também tentou fazer eco ao ideal de cientificidade iluminista. Em seus primeiros textos apresenta o método psicanalítico como um caminho que possibilitaria ao homem reordenar o terreno das paixões e encontrar a cura para os males da alma. Como observa Birman (2012), em sua análise sobre as diferentes concepções filosóficas que atravessam a obra freudiana, há uma diferença cabal que se manifesta quando se coloca em questão os primeiros e os últimos textos de freudianos.

Se nos primeiros textos Freud acreditava na possibilidade de cura para os traumas emocionais, em trabalhos posteriores como o *Mal-Estar na Civilização* fica clara a forma como Freud (1930/2010) abandona tais pretensões em troca de uma nova compreensão da subjetividade, agora definida pela impossibilidade de oferecer uma solução às perturbações do espírito e ao desamparo humano.

Antes de se colocar como tarefa ao analisando, a aceitação da fragilidade e da castração foi imposta à própria psicanálise, sem a qual não seria possível conceber a emergência de uma nova teoria das pulsões, capaz de prever o desejo de retorno ao inanimado e a existência de uma pulsão sem representação. É a morte que bate à porta e anuncia a vulnerabilidade humana, o mal-estar e o desamparo que, em algum momento, deverá confrontar a todos.

Essa mudança no olhar freudiano permite que Birman (2012, p. 150) assinale a condição de desamparo como um “contraponto permanente à ideologia do progresso e do cientificismo iluminista”. Dessa forma, a psicanálise deixa de creditar à razão a solução para os males da alma, assim como reconhece que não será a ciência capaz de apontar a fórmula secreta para a felicidade, ainda que essa permaneça presente em todo o imaginário cultural.

[...] o discurso freudiano colocou a figura do desamparo no fundamento do sujeito. Este agora assume uma feição trágica, marcado que seria pela finitude, pelo imprevisível, e sem ter qualquer garantia absoluta para se sustentar. É o vazio e o abismo que estão permanentemente sob seus pés, num vórtice tempestuoso que pode engoli-lo a qualquer momento, pois a morte o espreita com sua face tenebrosa e hedionda em todos os instantes. Por tudo isso, o desamparo seria aquilo que instaura o mal-estar na modernidade (BIRMAN, 2012, p. 46).

O estado de desamparo é o reflexo que retrata a condição de existência do sujeito em um mundo sem garantias, cujo contexto histórico e social, caracterizado pela ausência do um pai protetor, coloca em evidência o mal-estar gerado pelo desamparo que habita a intimidade dos sujeitos. Numa sociedade assinalada pela queda o poder paterno e pela morte do Deus supremo, as servidões deixam de figurar como ordenamento que se sobrepõe a um ser subjugado e sem alternativas.

Prevalece agora outro contexto, onde se favorecem a emergências de formas de servidão, cuja busca coincide com a possibilidade de agarrar-se a um referencial fálico que possa aplacar a solidão e o desamparo. O termo servidão voluntária, criado por *La Boétie*, é desenvolvido por Birman como uma condição antropológica que não se submete à lógica da razão. Para Birman (2006, p. 20), “não se trata, no entanto, de uma servidão qualquer, mas daquela na qual se evidencia a marca da vontade humana”, que, por sua vez, contraria o ideal de liberdade, pois acusa o desejo de servidão.

O desamparo serve como ancoragem à servidão voluntária a qual se submetem os sujeitos e se coloca como referência em relação ao estado de alerta que remete ao primeiro perigo experimentado pelo sujeito ao longo da vida. Como expõe Freud (1926/1996, p. 140):

O perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do seu superego, até o período de latência. Não obstante, todas essas situações de perigo e determinantes de ansiedade podem resistir lado a lado e fazer com que o ego a elas reaja com ansiedade num período ulterior ao apropriado; ou, além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo.

O desamparo, assim como as demais formas de perigo experimentadas pelo sujeito ao longo do seu desenvolvimento permanecem ativas no psiquismo, podendo ser reavivadas sempre que evocadas por um evento precipitador. Como ressaltado, essa condição não se limita ao período da infância, mas acompanha a fase adulta, uma vez que não se trata de uma possibilidade, mas de uma pré-condição inerente a toda existência humana.

Como observa Birman (2012, p. 39), “o registro psíquico do desamparo é algo de ordem originária, marcando a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável”. Dessa forma, homens e mulheres, fálicos ou não, hão de se haver com essa marca e conviver com as suas consequências, manifestadas nos encontros e desencontros ao longo da vida amorosa.

A partir da ideia de desamparo, Birman (2012) propõe pensar o desenho que tem configurado o laço social na contemporaneidade, ocasião em que esse conceito comparece como uma experiência humana que passa a ser renegada – e outras vezes encoberta pela construção fálica. Apresentado como um dos precipitadores para adoção de uma posição masoquista, a falta de amor seria responsável por elevar essa experiência à máxima potência.

Na posição masoquista, o sujeito se agarra e se cola a um outro, oferecendo a este, em contrapartida, seu corpo como objeto de gozo, para assim evitar, custe o que custar, a tragicidade da experiência do desamparo. A solidão que esta experiência implica é insuportável para essas individualidades, de forma que elas preferem se agarrar à fábula fálica do outro do que suportar o real da angústia. Portanto, o que caracteriza a subjetividade masoquista não é o desejo primário de ser humilhado, ou tampouco o desejo de sentir dor. Estes são desejos que o perpassam, sem dúvida, mas de maneira secundária, derivações que são da impossibilidade de suportar o desamparo (BIRMAN, 2012, p. 50).

Birman (2012, p. 48) recorre a Freud para evidenciar que “homens e mulheres teriam *horror* à feminilidade, porque nesse registro psíquico não existiria qualquer referência ao falo”. Exatamente por isso o desamparo transcende a diferenciação sexual, correlato ao conceito de feminilidade, ele traz consigo a face do horror e a rejeição ao real da castração que não se pode ultrapassar.

Na psicanálise, o falo corresponde à ideia de poder, virilidade, uma função simbólica à qual se atribui valor e que pode sofrer mudanças, assumindo aspectos diferentes na vida subjetiva de cada sujeito. Para além de seu representante primeiro, o pênis, o falo figura como significante do desejo, aquele sobre o qual se constrói uma ordem simbólica internalizada que servirá de ponto inicial para que se desenrole uma cadeia de significantes fálicos.

Nesse caso, a procura pela realização amorosa pode ser pensada como a busca de referências fálicas no intuito de fugir à condição de vulnerabilidade e desamparo. Sendo o

amor um estatuto fálico da cultura ocidental, sua busca coincide com a possibilidade de fugir desse lugar de fragilidade tão inerente à condição humana, pois se apresenta como mais uma forma de burlar o registro da dependência, que marca a existência do ser desde que se chega ao mundo.

Diante dessa condição Daiana se questionava: *eu só queria entender porque mesmo ele fazendo tudo isso eu ainda gosto dele, eu não consigo deixar*. Esperava rejeitar a companhia de um homem que lhe causou muito mal e, por pouco, não lhe acarretou a morte. Quando questionada sobre o que gostava nele, calava-se, por um momento, e, em seguida respondia: *Eu não sei nem lhe dizer. Gosto dele, assim. Eu achava que estava bom do lado dele. Achava bom estar ao lado dele*.

Ele a proibia de estudar e trabalhar, ficando com a vida controlada, ao ponto de não poder escolher as roupas que vestia. O marido, onze anos mais velho, era aquele que dominava, controlava, ditava as leis, enquanto ela obedecia, permitindo que ele funcionasse como um Supereu, assim como destaca Soler (1995, p. 167):

A mulher submissa, que concede tudo o que lhe é pedido e o que não é, mas ela pensa ser necessário concedê-las para segurar esse homem. É o que faz funcionar seu homem como um Supereu e ela pode dele se queixar, sofrer por ele, mas faz dele companhia, uma companhia que ela não abre mão. É útil contra a solidão.

Daiana acreditava que contribuía para a manutenção desse vínculo. Ao não estabelecer limites para os abusos do marido, ela teria permitido que essa situação chegasse ao ponto que chegou. Nas suas palavras: *Eu nunca colocava o pé no chão e falava alguma coisa que fizesse a gente parar, não fui mulher pra isso, acho que se eu tivesse feito isso diferente, talvez a gente tivesse até junto hoje em dia*. O espaço analítico permitiria então pensar as implicações de Daiana nessa relação, retirando-a do discurso de culpa neurótico e conduzindo-a para a responsabilização pela manutenção do sofrimento.

Frente ao desejo manifesto de romper com o relacionamento, Patrícia também se via perplexa, sem entender o que a impedia de tomar uma decisão: *Eu não sei se eu gosto muito dele, mas eu não consigo deixar, eu fico pensando que nessas condições é melhor separar, mas eu não consigo*. Uma indagação apresentada por todas elas, ainda com histórias muito singulares, cada uma, a sua maneira, buscava encontrar respostas para a manutenção de uma relação destrutiva, ocasião em que o objeto amoroso saía da ordem do desejo e da livre escolha para colocar-se na ordem da necessidade (SILVA, 2002).

Mesmo nos momentos em que racionalizam, ao elencar várias justificativas para a manutenção de uma relação violenta, o processo analítico possibilitava tratar essa impossibilidade como um enigma, algo por ser descoberto, cuja resposta estava para além da consciência. O que exigia tempo e empenho e não se encerrava quando decidiam pelo fim do casamento.

A saída de casa pelo marido não foi suficiente para romper o relacionamento. Mesmo residindo em casas separadas, elas alimentavam a relação e temiam por romper definitivamente com o vínculo, deparando-se com o vazio, com a falta. Carla e Laura continuavam a ocupar o lugar de esposa, quando não ocupavam o lugar de mãe, enquanto Helena, mesmo separada, continuava a ter relações sexuais com o marido.

A ausência de limites frente aos abusos do marido era interpretada como uma resistência à mudança por parte das mulheres, pois mesmo quando contestavam a violência, suas palavras não resultavam em ações. Elas temiam pelo fim do relacionamento e permaneciam paralisadas pelo medo de perder o marido, ou ainda, encontrar outro homem *que pudesse ser pior*.

Havia uma dificuldade observada nesse ponto que se manifestava de diferentes formas para cada uma dessas mulheres, mas era sempre uma dificuldade de separação sob o signo do desamparo. No caso de Patrícia e Daiana, essa observação não se transformou em questionamento, pois abandonaram o processo antes que este as conduzisse a uma implicação. Elas apresentavam maior dificuldade para romper com o vínculo estabelecido, ainda que a separação fosse para elas sua grande demanda, direcionada ao marido e transformada em queixa no processo analítico.

Chama atenção a forma como Laura lidava com essa questão, dentre todas, talvez fosse ela a que manifestava de forma mais clara e evidente a dificuldade em assumir a separação, como ocorre no relato a seguir:

Essa noite eu me senti muito mal, porque ele fez uma coisa pra me afetar, quando a gente foi dormir ele disse que não gostava mais de mim, que ia seguir a vida dele, que ia me deixar em paz, de repente me deu uma coisa, eu senti uma vontade de abraçar ele, eu nunca quero que ele encoste em mim, mas eu senti vontade de abraçar ele, eu não sei por que. Quando foi hoje de manhã eu saí e ele nem perguntou para onde eu ia, porque para onde eu vou ele vai atrás de mim. Quando ele vê que eu estou me arrumando para sair, ele já se arruma para ir atrás e hoje ele nem deu importância quando eu disse que ia sair (LAURA).

O desinteresse do marido gerou incômodo e conteúdo para reformular sua queixa, mesmo sendo alguém que a tortura psicologicamente, e ela já o tenha expulsado de casa

diversas vezes, sem que ele aceitasse sair, Laura se defronta como fantasma do abandono, agora é ele que vai deixá-la – não a ama mais – é ele que ameaça partir, ignorando sua condição de desamparo.

Helena, mesmo afirmando ao marido que estava decidida a não aceitá-lo de volta, acabava por alimentar muitas esperanças e fomentava novas investidas na intenção de uma reconciliação do casal. Quando cedia aos desejos sexuais e mantinha relação com o marido, classificava o episódio como uma “recaída”, com a qual não precisava se preocupar, pois seria um ato desprovido de afeto, acreditava certificar a si mesma, e ao marido, que *não significa nada, apenas sexo*.

Carla continuava se sentindo responsável pelo marido. Sempre que ele passava do limite no consumo da bebida e outras drogas, os amigos telefonavam para que ela fosse buscá-lo nos bares, chamado que atendia prontamente, temendo que ocorresse algo de ruim com ele. Embora apresentasse algumas mudanças, Carla permanecia presa nesse lugar, responsabilizava-se pelas dívidas contraídas pelo marido e agia a partir de um modelo que ela dizia encontrar na figura materna.

Eu disse pra minha mãe, a culpa é tua por ter ensinado a gente a ser assim, eu tenho essa coisa de querer cuidar, essa coisa materna mesmo, eu percebi que não tem mais amor, aquele sentimento, nem nada mesmo. Eu acho que eu vivo à mercê dele, da dependência dele (CARLA).

A fragilidade do marido vinha para mascarar a própria dependência, a condição de desamparo que tão amiúde marcava a subjetividade dessas mulheres. Quando não, a dependência em relação ao marido aparecia ancorada nos filhos, como podia ser desvelado na fala de Carla quando dizia: *Infelizmente eu preciso dele, os meninos precisam dele, da afetividade do pai*.

Helena, Carla e Laura apresentavam oscilações emocionais frente à ausência do companheiro, que ora era percebida como algo positivo, ora era reconhecida como uma falta, precipitante de uma posição depressiva marcada por tristeza, desânimo, cansaço e solidão. O mesmo acontecia com Daiana:

Daiana: *eu não sinto falta de usar droga, eu só usava essas coisas quando estava com ele mesmo.*

Liliane: E dele, você sente falta?

Daiana: *Sinto, não vou mentir porque eu sinto, mas eu sinto falta mais das coisas boas, eu não sinto falta das coisas ruins não. Eu ainda estou muito magoada com tudo que ele fez, de ter mentindo pra mim dizendo que a gente ia voltar.*

Nesse caso, diferente de Carla e Helena, não foi ela que optou pela separação, mas o marido que a abandonou. Ainda que não conseguisse nomear os momentos bons que tinha com ele, Daiana sentia falta de algo que encontrava nessa relação e a protegia da experiência de desamparo. Os momentos de carinho e satisfação sexual, embora fossem raros, ofereciam a ela o que lhe faltava, mantendo-a presa a uma desgraça conhecida, cuja previsibilidade criava uma zona de conforto e denotava segurança para o seu psiquismo.

A segurança e o aconchego encontrados nas relações amorosas mascaram a fragilidade desde os primeiros anos de vida e se apresentam como alternativa conveniente na idade adulta, contudo, é também a partir dos encontros amorosos que se abrem fendas de fragilidade frente ao enigma do desejo do outro e a sua ausência. Para Menezes (2012, p. 71),

[...] será sempre a perda do outro amado que remeterá à condição de abandono total, de desajuda, de desamparo ante o aumento pulsional. ‘Os perigos’ acarretam um valor exagerado ao objeto que passa a ser a única proteção contra toda situação de desamparo.

Nesse sentido, a perda do objeto amoroso não representa apenas a perda de companhia, segurança, afeto. Ela reaviva fantasmas, superestima o objeto amoroso e põe em evidências a dependência subjetiva ligada à experiência de desamparo original, permitindo que o sujeito se veja novamente numa condição de extrema dependência para com o outro.

Ao se recorrer à literatura de Barthes (2010, p. 106), encontra-se equivalência para o desamparo na dependência: “figura onde se vê a condição específica do sujeito apaixonado, escravo do objeto amado”. O amor se mostra como um caminho apropriado para a sujeição que, de forma emblemática representa a condição de subordinação na qual se encontram os apaixonados.

Não é de se estranhar que frente ao amor muitos são aqueles que assumem uma postura frágil de dependência e subordinação que caminha em direção à servidão voluntária e sustenta os vínculos para além do princípio do prazer. Sem poder se valer de certezas:

Com efeito, é *contra* o desamparo do sujeito que a violência se constitui sistematicamente, na luta entre os sexos e nos combates entre os homens. É em nome do poder narcísico do falo que se ordenam as escaramuças intersubjetivas. Porém, tudo isso se coloca em ação pelo horror que provoca o desamparo no sujeito. É por esse viés que o mal radical e o mal-estar na cultura se delineiam no horizonte da existência do sujeito (BIRMAN, 1999, p. 13).

Essa referência permite pensar a permanência dessas mulheres em relações conjugais violentas, mesmo que não esgotadas outras possibilidades de compreensão para o fenômeno.

Elas se veem impossibilitadas de se separar da representação fálica sustentada pelo masculino e a única saída vislumbrada por elas é a adoção de uma posição masoquista de submissão ao desejo alienante do outro. Enquanto conseguem suportar os abusos, acreditam evitar um novo abandono.

Para Patrícia, a situação de violência manifestada na relação conjugal servia para atualizar fantasias e traumas vividos nas primeiras relações afetivas, pondo em evidência sua fragilidade egóica e a emergência de sintomas fóbicos. Os eventos adversos vividos na infância (abuso, abandono) e na adolescência (tentativa de suicídio) também eram agravantes do seu estado de desamparo, ao qual ela reagia agarrando-se com todas às forças ao marido que, apesar de tudo, era a referência de afeto que ela tinha.

De fato, a figura masculina tinha um lugar de destaque para essas mulheres, como representante do falo. O marido nomearia a mulher, conferindo valor e proteção, como expõe Helena:

É bom ter um homem, assim, eu penso que se chegar a acontecer alguma coisa, sendo um homem, ele vai fazer de tudo pra defender a família, eu acho. Eu já to acostumada a dormir só, mas quando as pessoas sabem que tem um homem na casa, você se sente mais protegida. Eu me sinto mais segura quando ele está lá, é uma figura masculina, é uma proteção, você tem alguém para conversar, mas eu não sinto desejo por ele não, eu não tenho vontade de fazer nada (sexo) (HELENA).

Concedia um lugar de importância à figura masculina, pois ter um homem ao lado era estar protegida, mesmo quando esse homem era o primeiro a ameaçar sua segurança. Quanto a isso, argumentava: *São dez anos vivendo com a pessoa. Você se acostuma. Também me sinto protegida com uma figura masculina. Financeiramente acho que não vai fazer diferença. É mais de ter uma figura masculina em casa.*

Mesmo alegando ser o homem e a mulher da casa e arcando com todas as despesas e responsabilidades pela educação das filhas, a figura masculina ocupava um lugar de importância na sua vida psíquica como um significante de valor que ela não podia se desfazer. Assim, o lugar concedido ao masculino – atrelado ao seu ideal de felicidade e realização amorosa – colaborava de forma significativa para a manutenção do vínculo violento.

No caso de Laura, esse sentimento se mostrava bastante incongruente, ela parecia não entender e temia que também não entendessem a sua necessidade de permanecer vinculada ao marido. Mesmo almejando a separação, subjaz em sua fala o desejo de ter o marido ao lado, uma figura masculina que lhe servisse de amparo. Ao mesmo tempo, rejeitava qualquer toque ou aproximação que pudesse figurar da ordem da sexualidade.

Laura: *Eu não estou nada bem, eu estou rindo aqui para fingir, mas eu não estou bem, ele não sai de casa, eu já tentei de tudo, mas ele não sai de jeito nenhum.*

Liliane: *Você quer que ele saia?*

Laura: *Nós vivemos como irmãos, eu não quero ter mais nada com ele, eu quero ele como irmão, como marido eu não quero mais, eu não sei se você entende.*

Liliane: *Então de alguma forma você gostaria de ter ele perto de você, mas não como marido.*

Laura: *É, eu não sei por que, eu quero estar com ele.*

Laura via no marido uma proteção para ela e a filha, alguém para apoiá-la nos momentos difíceis, oferecendo os cuidados de um pai ou de um irmão. Mesmo sem depender financeiramente do marido, ela permitia que ele interferisse na forma como gastava seu próprio dinheiro, questionando suas compras e controlando seus horários, sua rotina, sua vida. As formas de supervisão adotadas pelo marido, ainda que incomodassem, pareciam garantir que não seria abandonada por ele.

Patrícia vivia o fantasma do abandono de forma mais concreta, acreditava que na ausência do marido restaria para ela a rua, o desamparo total. Racionalizava uma justificativa apoiada na dependência financeira, quando, na realidade, a dependência também era afetiva: *Eu tenho medo do futuro, tenho medo de ficar na rua com o meu filho, de não saber o que fazer. Ele vive me ameaçando que vai embora, que vai me deixar e eu tenho medo que isso aconteça.*

De nacionalidade estrangeira, dizia sentir na pele a rejeição, a solidão, a ausência de um suporte social e familiar para acolhê-la, o que acabava favorecendo a sua dependência na relação com o marido. Diante da possibilidade de se imaginar sem ele, via-se completamente perdida e desamparada, sentindo-se *como se não valesse nada*, enquanto o marido operava como tudo na vida de Patrícia.

A persistência em agarrar-se a um parceiro era reveladora da fragilidade egóica, escondida por trás de um vínculo sintomático que não atingia só corpo, mas também a alma. O sintoma, também nesse caso, aparecia como solução de compromisso, dependendo de alguém que tanto lhe fazia mal, evitava o perigo de lidar com o desamparo na sua face mais assustadora.

A relação transferencial aparecia como um caminho de compreensão capaz de ilustrar a forma como o desamparo demarcava as relações afetivas e a subjetividade dessas mulheres, cuja demanda vinha sempre acompanhada da pergunta: *o que devo fazer?* Assim como ilustrado por Birman (2012) para se referir às demandas dos analisandos, também para essas

mulheres e muitas outras atendidas durante a pesquisa, persiste a pergunta em busca de um referencial universalizante, que possa ecoar como garantia.

Diante da ausência de uma resposta pronta, muitas são aquelas que desistem do processo psicoterápico, legitimadas pela transferência negativa acusatória, a partir do momento que o analista não responde à demanda a ele direcionada. Após anos convivendo numa relação violenta, a busca de uma solução para o problema ganha *status* de urgência, a ser solucionado no primeiro atendimento.

De modo semelhante acontece no caso de Patrícia e Daiana. Ambas adotavam uma postura passiva durante os atendimentos e esperavam uma resposta que pudesse orientar suas vidas. Alguém que dissesse como deveriam agir, eximindo-as da tarefa de se responsabilizarem pelas próprias escolhas. Nesses casos, vigorava a falta de recurso diante do desejo do Outro, a impossibilidade de bancar o próprio desejo e implicar-se no processo analítico.

Patrícia queixava-se, questionava a importância dos atendimentos junto a outras profissionais do centro de referência, pois continuava sem uma resposta para o seu problema. Contudo, não trazia sua insatisfação para análise, impossibilitando o manejo desses conteúdos. Outrora, mostrava-se disposta a falar de si e, principalmente, do seu passado, com se soubesse que na sua história familiar existia um saber a ser desvelado em correspondência aos medos experimentados no presente.

Daiana permanecia passiva em muitas situações, denotando o desejo de aprovação. Levada para os atendimentos na companhia da mãe, ela continuava sua busca por atender ao desejo do Outro que, na ausência do marido, figurava na imagem da genitora. Ao olhar para os sentimentos contratransferenciais que essas pacientes despertavam, sobressai o desejo de ajudá-las e a incapacidade de sustentar o lugar de analista. Ambas abandonaram o processo.

Bem diferente disso, era o vínculo com Laura, cuja relação transferencial negativa se apresentou como marca contundente, desde o primeiro atendimento. A transferência negativa persistiu por alguns atendimentos, até que pôde se certificar de que não seria punida pelos seus ataques, tampouco receberia uma resposta para o insistente questionamento: *o que devo fazer?* – pois, seja qual fosse, estaria pronta para desautorizar.

Queria uma resposta que não existe, ou não há como ser dita, exceto por ela mesma, quando se dispusesse a construir novas possibilidades para si. Era apenas aos poucos que ela mostrava indícios do estabelecimento de um vínculo: *Eu não quero mais ele. Gosto dele como eu gosto de ti, mas não como homem.*

Laura direcionava grande parte da sua agressividade para mim, característica das relações que estabelecia com algumas figuras importantes de sua via, dentre elas, o marido. Ela também apresentava sentimentos hostis em relação à profissional que a encaminhou, o que permitiu acolher sua primeira queixa, o abandono:

Eu vim porque a psicóloga falou para eu vir, faz uns três meses que ela me encaminhou. Mas, eu não vim antes porque eu estava muito magoada com ela, ela me abandonou, ela achou melhor cuidar dele do quê de mim. Eu vi dessa forma, porque eu gostava de ir com ela. Eu estava fazendo acompanhamento com ela e estava gostando muito, mas ela disse que agora ia cuidar dele, que ele precisava de acompanhamento (LAURA).

O medo do abandono parecia acompanhar todas as relações estabelecidas por Laura, e foi também numa situação de abandono que ela conheceu o atual marido: *Quando eu conheci ele, estava há um ano separada. Estava desesperada porque tinha sido abandonada pelo pai da minha filha.* Assumindo as responsabilidades para com a filha portadora de necessidades especiais, o terceiro marido apareceu como suporte à condição de desamparo que ela experimentava diante da vida, como possibilidade de perdição, mas também de salvação.

Laura temia ficar largada à própria sorte, como se expressasse o lugar de um ser faltoso, impossibilitada de agir, pois isso implicaria para ela inserir-se numa outra lógica: de quem possui o falo. Como ser faltoso, buscava no marido uma referência fálica, o que permite pensar o feminino frente à castração, cuja mudança passa pela possibilidade de abdicar de uma postura fálica, aproximando-se do registro da falta como ser castrado.

Abdicar do amor e do lugar de objeto do desejo do outro implica à mulher renunciar ao falo e recriar possibilidades para si, que ultrapassem a referência fálica. Trata-se de abrir mão de um lugar onipotente e permitir uma vivência inventiva de criação com o nada. Ao passo que a negação da castração e não aceitação dessa condição de faltante coloca a mulher numa situação de dependência frente ao homem, ocasião em que ela acredita não poder viver sem ele.

Com Helena e Carla a relação transferencial se mostrou bastante positiva, sustentando os atendimentos por um período de seis meses, quando então foi necessário encaminhá-las para outra profissional, em virtude do encerramento da pesquisa, proposta prevista no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e acordada no início dos atendimentos, para o caso de desejarem dar continuidade ao processo.

O manejo da angústia se mostrou um aspecto importante a ser explorado nos atendimentos de Carla. Sempre que se angustiava, em virtude das brigas conjugais, mostrava-se mobilizada no processo, ao passo que, na ausência de angústia tinha na terapia um espaço

de desabafo, fazendo eco a um discurso vazio que mais se assemelhava a um vômito histérico dirigido à analista, ante a impossibilidade de implicação com a própria queixa. Esse apego substancial à queixa impedia a formulação de questões necessárias ao processo analítico e a implicação para examinar suas escolhas e formas de vida, como perpetradoras do sofrimento.

Helena parecia mais motivada com o processo. Logo, suas falas permitiam melhor exemplificar como a relação transferencial colocava em evidência o fantasma do abandono. À medida que apresentava movimentos em direção à mudança, apareciam as inseguranças que permeavam a relação, como ocorreu assim que o marido aceitou sair de casa.

Eu já conversei com ele. Desde o início do ano conversei com ele. Disse para ele que esse ia ser o último ano que eu ia dar para ele mudar, que se chegasse o final do ano e ele continuasse assim eu não ia mais voltar atrás, eu já tinha falado para ele. Depois que eu der entrada no divórcio de novo, eu não volto mais. Eu disse para ele que o prazo era o meu aniversário, porque nesses dez anos que eu estou com ele eu nunca tive um aniversário que eu pudesse comemorar. Sempre passei meu aniversário sozinha, quando chegava o final de ano, que é quando as famílias se reúnem, eu sempre fiquei só, sempre passei o final de ano só. Eu avisei para ele que esse ano eu não ia mais aguentar isso, mas ele não acreditou (HELENA).

O marido saiu de casa logo após o seu aniversário, semana que não foi possível atendê-la em virtude de alguns impedimentos. Na sessão seguinte, chama atenção os conteúdos transferenciais que emergiram no início e ao término da sessão. Suas primeiras palavras foram: *Doutora, no momento que eu mais estava precisando você me abandonou. Eu consegui que ele fosse embora, graças a Deus, ele saiu de casa.* O sentimento de ter sido abandonada parece atualizado na relação analítica.

A forma como trouxe a notícia denotava o sentido de um presente: *Eu estava ansiosa para vir aqui e contar que deu tudo certo, que eu consegui dar esse passo.* Ela espera que, assim como sua mãe, estivesse feliz com a sua conquista. De fato, a mãe de Helena ficou feliz com a sua decisão, e ela feliz por poder agradá-la, por ter de volta a atenção e o amor materno. A aprovação da mãe também sustentava a sua decisão, quando recuava às investidas de reconciliação do marido, constatação que ganha evidência por se fazer presente repetidas vezes durante os últimos atendimentos.

Das outras vezes que a gente se separou eu ficava mal, angustiada. Agora não. Minha mãe está tão feliz por eu ter conseguido. Eu não quero decepcionar a ela. Minha mãe está muito feliz com a minha decisão. Ela sempre quis que eu separasse dele. Então eu tenho vergonha de voltar atrás e eu não quero decepcionar a minha mãe. Eu quero permanecer assim, eu sei que a minha mãe sofre com isso, eu estou feliz porque ela está acreditando em mim. Ela não acreditava mais em mim. Eu tenho medo de decepcionar ela. Também tenho medo que a minha mãe descubra

que ele está indo lá em casa. Tenho medo de a minha mãe falar que eu estou mentindo, que eu estou enganando ela Na outra vez que eu separei dele, quando eu voltei, ela ficou um tempo afastada de mim. Sempre fui muito próxima da minha mãe, sempre gostei de ligar, de estar presente. Sempre procurei agradar minha mãe (HELENA).

No final da sessão em que relatava a saída de casa por parte do marido, perguntou: *você ainda vai me atender?* Questionada quanto ao motivo dessa indagação ela respondeu: *É que eu pensei que como eu resolvi o problema você não iria mais me atender.* Logo, a saída de casa pelo cônjuge demarcava a ideia de um abandono vivido não apenas com ele, mas fantasiada na relação transferencial. Nesse momento, Helena se imaginava só, sem o espaço que havia conquistado para compartilhar sua dor nos últimos meses.

A partir de suas falas era possível pensar a necessidade de Helena depositar sua decisão em alguém e no medo de perder o amor do outro; se num primeiro momento a separação implicava agradar a mãe e ser abandonada por mim, a própria figura da analista coaduna a imagem da mãe, o medo do abandono materno e do desamparo, permitindo inferir a seguinte construção: Se eu separar, eu ganho o amor da minha mãe e da minha analista.

A perda do amor é vivida de maneira sucessiva durante o processo de desenvolvimento, podendo assumir diferentes formas e experiências ao longo da vida, como a perda da mãe como objeto e a perda do amor do objeto, o que pode vir a somar-se à perda do amor do parceiro na idade adulta. Para Freud (1933b/2010, p.233) “muitos indivíduos não conseguem superar a angústia ante a perda do amor, jamais se tornam independentes o bastante do amor dos outros, prosseguindo nesse ponto o seu comportamento infantil”.

Mesmo tendo optado pela separação, Helena não conseguia lidar com a *insistência* do marido, para o qual ela sabia que iria ceder em algum momento, pois temia perder seu amor caso viesse a dizer não para ele: *Ele acha que a mulher não pode dizer não para o marido*, o que não se dava conta era que ela também tinha dificuldade para sustentar esse não.

A necessidade de apoiar sua decisão em alguém acabava recaindo sobre mim, se na sua família *ninguém gosta dele, todo mundo é contra esse casamento*, Helena recorria a mim, na esperança que eu não fosse cobrar dela uma decisão, como relatava: *eu nem tenho coragem de pedir apoio para a minha família porque eles já falaram que só depende de mim, que eu tenho que tomar uma decisão. Então, eu decidi vir aqui.*

Nesse caso, não se tratava de não ter o apoio da família, mas de não ter o seu apoio incondicional, fantasia que ganhava vida na imagem refletida da analista, aquela capaz de aceitá-la sem reservas, diferente também dos seus amigos: *Eles dizem que podem me ajudar,*

mas não me ajudam por causa dele. Falam que ele é muito folgado e que eles vão me ajudar, mas só quando eu deixar ele.

Quando decidiu separar, esperava agradar à mãe e a mim com a sua decisão. A mãe, que nunca *abençoou esse casamento*, agora estava feliz com a atitude da filha. Desde o primeiro contato com o genro, teria dito para que se afastasse de sua filha. Quanto a mim, procurava esclarecer que estava ali para acompanhá-la, independentemente de qual fosse a sua decisão. Considerava um desafio manter-se separada: *O máximo de tempo que eu consegui passar separada foi um mês, agora já passaram quatro meses.*

Para Helena o medo do desamparo parecia ser maior que a própria experiência da separação. Como toda ideia revestida de fantasia, ela via na ausência do cônjuge o fantasma da solidão, conceito que pôde ser confrontado com sua nova rotina: *Das outras vezes que a gente chegou a separar eu sentia uma tristeza, uma solidão. Agora não, eu não estou sentindo isso, eu estou bem, agora eu não estou nem sentindo falta, eu durmo com as minhas filhas.*

Ela encontrava na companhia das filhas e das amigas um suporte para viver esse novo momento: *Eu tenho me sentido bem, não sei se é porque eu nunca estou só, eu estou sempre com as minhas vizinhas, elas estão sempre lá por casa.* Contudo, isso não era suficiente para suprimir a falta que sentia do marido, ainda que percebesse mudanças positivas regozijando sua vida após a separação:

Parece que depois que ele saiu de casa as coisas começaram a progredir, a andar, as coisas começaram a melhorar. Eu vejo as coisas melhorando, eu vejo prosperidade daqui pra frente, porque com ele as coisas não andavam. Ainda sinto falta de uma companhia, mas eu não quero mais aquela vida para mim (HELENA).

O fantasma do desamparo assombra e dá forma à angústia feminina. Considerada a concepção de desamparo como uma posição insuperável da subjetividade, cabe aqui mencionar o papel que esta desempenha na manutenção de uma relação violenta, principalmente em casos onde não há uma materialidade capaz de sustentar a submissão da mulher ao regime de ofensas perpetrado pelo companheiro.

Por se tratar de uma condição intransponível, compete a cada sujeito a reinvenção de si na relação com o outro, instituindo novas formas de subjetivação que permitam a criação e não a subordinação diante da ameaça do desamparo. A possibilidade de apropriar-se de outras formas de existência implica em dizer que o gozo encontrado na dependência e na servidão é apenas umas das formas de encará-lo.

Para Birman (2012, p. 103), “o *desamparo* do sujeito é a matéria-prima da psicanálise, já que aquele é a resultante na subjetividade de um mundo que não se funda mais sobre ideias totalizantes e universalizantes”. Encarado inicialmente como uma falta constituinte dos sujeitos, é também a partir da aceitação dessa condição que se pode vislumbrar novas formas de subjetivação, marcadas pelo estabelecimento de relações mais horizontais numa sociedade em que a busca pela satisfação amorosa permanece pulsante.

Sobre o tipo de escolha de objeto feita *por essas mulheres*

*Não há baliza racional para as belas, nem para as horrorosas ilusões,
quando o amor as inventa.*
Camilo Castelo Branco

Antes de chegar à constatação quanto à predominância narcísica sobre escolha amorosa de ambos os sexos, Freud (1914/2004) se mostrava inclinado a pensar a escolha feminina como atrelada ao narcisismo. Enquanto a forma de vinculação de natureza objetal despontava preponderante sobre os homens, as mulheres revelavam-se categóricas quanto à preferência por um amor que pudesse ressoar como elogio narcísico.

Para Daiana, o homem ideal *não precisa ser rico nem nada, a pessoa sendo amorosa está bom, tendo respeito dentro de casa, tendo diálogo*. De todos os adjetivos, o homem precisa ter amor, ele precisa amá-la antes de tudo. O que vem encontrar correspondência em Lacan (1973b/1993), quando diz que, para uma mulher, mais importante que amar é a possibilidade de ser amada e desejada: o amor do parceiro concede a ela um lugar especial que a gratifica e possibilita o retorno ao seu narcisismo.

No caso de Carla, o ciúme excessivo do marido encontrava acolhida no desejo narcísico de ser amada, na possibilidade de se ver como objeto amado e desejado de um homem. Sobre como percebia o ciúme exagerado do parceiro, comentou: *Ele é assim porque tem ciúme, porque gosta muito de mim. Ele sente muito amor por mim. E a gente se ilude. A reação de ciúme era interpretada como um amor intenso direcionado a ela, sem que se percebesse sofrendo qualquer tipo de violência*.

A experiência de amar é uma possibilidade de gratificação e recompensa, por meio do amor e do reconhecimento do outro. No amor, espera-se receber algo em troca pelo que se investiu na relação, e quando não há essa possibilidade, denota-se uma perda, como observava

Helena, ao constatar que nessa conta, ela saiu perdendo: *Eu me dedicar tanto a uma pessoa que não me dá um pinga de valor, depois de tudo que eu fiz ele não me retribuiu em nada.*

Dizendo estar cansada dessa relação marcada por violência e humilhações ela argumentava: *Eu não preciso ficar pagando por isso a minha vida toda. Eu estou cansada, eu faço tudo e não recebo nada, só maus tratos. Eu não quero apostar mais nenhuma carta nesse relacionamento.* Dessa forma ela podia se justificar nos momentos em que parecia desistir do seu casamento e do ideal de família construído dentro de si.

Para Helena, o casamento seria o espaço ideal onde se busca fazer o outro feliz. Afirmava: *Eu sempre pensei que quando a gente casa, a gente não casa pra ser feliz, a gente casa pra tentar fazer o outro feliz.* Nestes termos, sua afirmação parecia aludir ao desejo narcísico de ser amada e se apresenta como uma explicação às concessões e renúncias feitas ao marido, sempre à espera que ele possa retribuir, fazendo-a feliz.

Sua queixa parecia compor o verso da canção de Chico Buarque e Tom Jobim¹⁸, *Pois é*: “Enfim! Hoje na solidão, ainda custo a entender como o amor foi tão injusto, prá quem só lhe foi dedicação. Pois é!”. Lamentava, ao se dar conta que todos os sacrifícios suportados não foram suficientes para manter essa união, pois é, então... Esperava reaver um pouco de tudo que perdeu enquanto se doava inteiramente, sem ter amor como retribuição.

Essa mesma conta era feita por Laura, quando dizia: *Eu sou muito boa, muito besta, o pagamento que ele me dá agora é isso.* Ela assumia a figura da boa esposa, aquela que se doava ao outro e que não recebia nada em troca. Mas o que haveria por trás de toda essa doação? Onde estava seu amor próprio que não parecia conversar com esse modo de se relacionar com o outro? É o que veio à tona em uma de suas falas: *Ele fica achando que eu tenho outro, ele me disse que não sai de lá por isso, porque ele acha que eu vou colocar outro homem lá, mas eu disse pra ele, se eu tivesse outro você já estaria preso.*

Laura sabia que precisava do marido, sabia que se ele fosse preso iria se arrepender e pedir pra soltarem-no novamente. Logo, não era por ser muito boa que suportava as suas ofensas, mas por precisar dele, porque sentia sua ausência como se lhe faltasse um dente. Caso encontrasse outro homem, admite: ele já estaria preso, não serviria mais a ela. Se ela não o denuncia é porque permanece fiel ao seu narcisismo e não ao marido.

Para Daiana, as idas e vindas do casal se apresentavam como ‘recaídas’, tentativas frustradas de reaver o que ela investiu. Segundo conta: *Foram sete anos apanhando para depois só ter humilhação. E quando eu falo apanhando, é apanhando mesmo, não era só tapa*

¹⁸ BUARQUE, Chico; JOBIM, Tom. *Pois é*. Álbum: Chico 50 anos/ O trovador, 1997.

não. Ele me batia muito. Na verdade todo esse sacrifício apoiado pelo *amor que tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*¹⁹, valeria a pena se ela pudesse ter um retorno de amor em seu narcisismo.

Daiana investiu muito no seu relacionamento, a ponto de suportar agressões físicas, psicológicas e sexuais. Logo, cada reconciliação era mais uma tentativa de reaver o que perdeu narcisicamente. Mais uma vez decidida a não voltar com o marido, permanecia a esperança de receber algo em troca, pois para ela *toda vez é assim, ele me deixa e eu volto pra casa da minha mãe. Toda vez ele me deixa e eu volto sem nada. Eu só queria que ele pagasse.* Para Cerruti e Rosa (2008, p.1063).

A relação das mulheres com as cenas que relatam parece obedecer a essa lógica que oscila entre, de um lado, a posição de se fazer objeto, submetendo-se ao homem - ancoradas em sua integridade moral e sacrifícios em nome do amor, ou ainda na dedicação incondicional aos filhos - e, de outro, uma posição adversarial e ressentida que pretende punir e eliminar quem lhes causou tanto mal (CERRUTI; ROSA, 2008, p. 1063).

Se não há o retorno esperado sobrevém uma dívida infinita que passa a ser cobrada na relação com o marido. O intento de receber de volta o que se investiu parece contribuir para o impossível da separação, que não pode ser vislumbrada por elas antes que seja sanada a dívida do outro. A desavença não é suficiente pra aplacar o desejo de vingança, que as mantêm presas, esperam até o último momento por alguma forma de pagamento, e não percebem que, enquanto esperam, continuam a pagar.

É interessante que em nossa condição de analista, possamos encontrar mulheres em que as reações opostas de sujeição e hostilidade encontrem, ambas, expressão e permaneçam intimamente associadas entre si. Há mulheres dessa espécie que parecem ter-se desavindo completamente com seus maridos e que mesmo assim só podem fazer esforços vãos para se libertar. Tantas vezes quantas queiram endereçar seu amor a qualquer homem, a imagem do primeiro, conquanto não seja mais amado, intervém com efeito inibitório. A análise, portanto, nos ensina que essas mulheres, de fato, ainda se sentem ligadas a seus primeiros maridos em estado de sujeição, mas não mais por afeição. Não se podem afastar deles, porque ainda não completaram sua vingança contra eles e, em casos mais acentuados, nem mesmo trouxeram impulsos de vingança para a consciência (FREUD, 1918/1996, p. 215).

O ato de defloração efetivado pelo homem se mostra como uma injúria narcísica para a mulher, marca de um sentimento de hostilidade que nunca desaparece completamente nas relações entre os sexos. A inveja do pênis – *penisneid* – pode então assumir formas patológicas como a efetivação de impulsos de vingança e desejos de retaliação. Como expõe

¹⁹ Carta de São Paulo aos Coríntios I, capítulo 13, versículos 4-7.

Freud no seu texto *O tabu da virgindade*, no qual se refere a uma dívida inconsciente cobrada por muitas mulheres em virtude da falta que carregam e do ato do defloramento.

A partir dos atendimentos aqui referidos, pode-se mencionar ainda uma dívida de amor, cobrada na relação com o cônjuge. Sem elaborar a falta feminina que fixa uma dívida inconsciente, ela é cobrada no dinheiro e representada na carência de recursos. Se a separação é precipitada em virtude da falta de amor, a mulher espera receber ao menos o dinheiro do marido, espera uma moeda que venha quitar esse débito. Algo que chamou atenção no discurso dessas mulheres, ao se referirem às dívidas concretas – e muito simbólicas – contraídas pelo marido:

Ele deixava faltar as coisas para mim, e isso me irritava, eu ficava com muita raiva, antes eu fazia as coisas, mas era com muita raiva, porque eu esperava que ele fizesse, porque ele tinha que fazer algo, mas ele não fazia nada, agora eu estou fazendo tudo sem ódio, sem raiva. Eu começo a pensar aí eu fico muito revoltada, eu fico pensando na dificuldade financeira que eu estou passando, tudo por causa dele, tudo eu culpo ele, depois de tudo que eu fiz ele não me retribuiu em nada (HELENA).

Helena se queixava da falta de recursos do marido, cujo relato costumava vir acompanhado de ódio e muito rancor, em função de uma dívida a qual ela se mantinha presa, esperando receber o pagamento por algo que não foi quitado. Em seu discurso, mais uma vez comparece o débito: *E no final eu acabei nesse casamento que nunca trouxe lucro*, o lucro que não veio depois de tanta dedicação e tanto investimento.

No caso de Carla, a dívida também comparecia. Depois de retornar para casa, ela argumentava: *Eu preciso resolver esse negócio dessas dívidas que ele fez. É o patrimônio dos meus filhos e eu preciso ajudar*. Mas de que dívida Carla estava falando? Dívida que, segundo ela, impediria de tomar uma decisão mais incisiva quanto à separação. Na esperança de recuperar o dinheiro desperdiçado pelo marido, o casamento figurava como uma possibilidade de sanar uma dívida e, ainda, um espaço para pagar por algo.

As brigas entre Patrícia e o marido, na maioria das vezes, envolviam dinheiro. Era também o dinheiro que ocupava um lugar no seu discurso como responsável por sua permanência nessa relação. Sem ter condições financeiras para retornar ao seu país de origem. Ela esperava poder receber algo desse casamento que viesse pagar pelo que investiu, que pudesse lhe atribuir o valor que ela não tinha, pois para Patrícia *era como se ela não valesse nada*.

Patrícia reclamava a falta de atenção e carinho do marido. Na ausência de um retorno para si, via-se como mulher pobre, cada vez mais impossibilitada de sair dessa relação: *Eu*

fico pensando que eu preciso fazer algo, porque cada dia eu vejo que eu me acabo mais, eu me sinto infeliz, mal amada, mas eu não consigo sair dessa situação.

A forma como cada mulher lida com o dinheiro é um dado que precisa ser analisado caso a caso, não só em seu aspecto material, mas como parte da dinâmica de seu psiquismo. Como se observa, a condição socioeconômica dessas mulheres, ainda que pouco afortunada, não era o fator categórico na manutenção do vínculo conjugal. Não era portadora de um significante único, um elemento determinante que impediria o rompimento.

Se os fatores determinantes da escolha objetal da mulher muitas vezes se tornam irreconhecíveis devido às condições sociais (FREUD, 1933a/2010). Tais observações permitem constatar como essas mesmas condições colocam em evidência o desejo narcísico de um retorno para o Eu. O dinheiro indica uma possibilidade de retribuição para tantos sacrifícios e renúncias que parecem presumir um total abandono de si em função do marido.

Se em alguns casos, o amor feminino pode figurar como modelo objetal anaclítico, o investimento libidinal no objeto amoroso mascara suas primeiras intenções, cujo objetivo é sempre ocupar esse lugar exclusivo e especial na relação com seu homem. Nesse sentido, Patrícia acreditava haver uma fronteira que, hora ou outra, seria ultrapassada, fazendo com que ela decidisse por um fim nessa relação. Mais que isso, parecia contar com a existência de um limite narcísico que pudesse barrar as concessões feitas em nome do amor.

Para Soler (1995, p. 161), o amor como sentimento e desejo sexual concede à mulher um valor fálico, aquele “que a identifica como mulher de, amante de e, até mesmo, musa de. Existem várias fórmulas, mas é sempre mulher, amante, musa de um homem”. Ao buscar no marido o reconhecimento pela via do amor, ela se engrandecia, se reconhecia a partir do lugar que ocupava para o masculino. Mas se não existia o reconhecimento e o retorno do amor depositado no objeto amado, havia uma perda narcísica.

Trata-se de uma constatação apresentada por Freud e ratificada por Lacan, a partir da qual vários autores que tratam sobre o assunto se posicionam (ANDRÉ, 2011; FUKS, 2010; VICENTE, 2007, SOLER, 2005; SILVA, 2002), oferecendo contribuições para refletir sobre o extraordinário valor que o amor ocupa na vida psíquica das mulheres e o seu papel na compreensão da subjetividade feminina.

Nessa via, é que podemos dar conta da forma erotomaníaca do amor, na qual a mulher se imagina desde sempre amada, o que a faz repetir nas suas relações, uma infinita demanda de amor. Na tentativa de posicionar-se falicamente, ela vai fazer advir a castração e o desejo de um homem e, ao mesmo tempo, velar a falta que sustenta o seu desejo. Manobra que a faz passar de amante a amada (VICENTE, 2007, p. 05).

Essa forma de vinculação reflete a centralidade que as mulheres oferecem ao amor e à parceria amorosa. Nessa perspectiva, a mulher se identifica através do amor de um homem: o marido a reconhece e assim ela pode existir, pois, “se a libido é apenas masculina, a querida mulher, não é senão de lá onde ela é toda, quer dizer, lá onde o homem a vê, não é senão de lá que a querida mulher pode ter um inconsciente” (LACAN, 1973b/1993, p. 133).

Helena dizia ter *inveja* das mulheres que são amadas. Gostaria de ter um homem que a amasse e, também por isso, nutria esperanças de mudança em relação ao marido, acreditava que ele poderia voltar a ser o homem apaixonado que conheceu no início do relacionamento. Patrícia esperava poder viver um grande amor, acreditava que ainda encontraria um homem para amá-la, expectativa também alimentada por Carla e Daiana que, ao se casarem muito jovens, depositam todas suas esperanças de felicidade no casamento.

Do desejo dessas mulheres, sobrevém o anseio por encontrar realização afetiva na vida amorosa. Elas construíram seu ideal de felicidade a partir da relação estabelecida com o cônjuge. Logo, abrir mão do seu casamento ganhava um peso maior, por terem que abdicar do seu ideal e das esperanças que continuavam a alimentar sobre a relação, sendo essa uma das singularidades que permitia ao amor ocupar um lugar central na vida dessas mulheres.

Para elas, o amor também assumia o estatuto fálico que possibilitava ocupar o lugar de sujeito do reconhecimento do outro, e é em nome desse amor que as mulheres estão dispostas a abandonar o nome de seu pai em troca do reconhecimento concedido pelo seu companheiro. Quando não há esse reconhecimento, a mulher se depara com a própria castração, na ausência de amor, sempre falta algo que as possa completar.

Para além da herança social e da forma como as mulheres têm se apropriado dos valores da cultura, há também uma relação muito particular entre o amor, a feminilidade e a falta. São as mulheres que podem experimentar esse lugar vazio, de uma condição não toda marcada pela construção fálica e que por isso mesmo não se pauta pela ameaça da castração, mas pela possibilidade de obter o que lhe foi negado pela mãe, na relação estabelecida com seu homem.

Ao contrário dos meninos, que “optam” por abandonar o objeto no intuito de preservar o próprio falo, as meninas seriam responsáveis por estabelecer relações mais intensas, as quais não poderão abandonar, sem com isso verem-se marcadas por uma grande ferida narcísica. Para Freud (1933a/2010, p.270), “a garota é, via de regra, menos agressiva, teimosa e autossuficiente; parece ter mais necessidade de que lhe demonstrem carinho, daí ser mais

dócil e dependente”, contribuindo para que permaneça na idade adulta o anseio por obter amor do outro.

De acordo com o criador da psicanálise, as mulheres sofreriam de uma intimidação relacionada à perda de amor, que equivaleria à própria castração (FREUD, 1924b/1996). Por serem desprovidas de falo, é o amor que passa a ter *status* fálico, ao qual se confere poder no desígnio de evitar o horror da desfacilização. Enquanto o amor e o ser amado reduz a castração a nada, a perda desse amor tem um verdadeiro efeito de castração (SOLER, 1995).

Também para Lacan (1974/1993) o amor é o ponto vulnerável para uma mulher – o ponto onde há sua entrega a um homem – entrega de seu corpo, de sua alma e de seus bens. Se os homens estão tentados a renunciar seu desejo – temerosos pela ameaça da castração – é pelo amor que as mulheres se colocam como objeto na relação com o homem – ou pelo menos fazendo o *semblant* de objeto *a* – ficando numa posição arriscada e subjetivamente tão próxima ao masoquismo (SOLER, 1995).

O medo de perder o amor se assenta na primeira relação amorosa estabelecida com a figura materna, cuja perda é um insulto, uma ameaça. O medo dá suporte à angústia feminina e impede as mulheres de estabelecerem limites às concessões e renúncias feitas em nome do amor. Como observado por Nasio (2007, p.89), “em uma mulher, o medo não é tanto de nunca encontrar o amor, mas de perder o amor conquistado. Para a mulher o falo é o próprio amor, a coisa inestimável que nunca se deve perder”.

Se o amor corresponde ao falo, e o marido é quem faz semblante para a demanda de amor, a separação implica para essas mulheres um forte sofrimento, que não se limita à perda do objeto amado, mas a perda de um ideal amoroso erguido dentro de si e que não poderá ser abandonado sem sua parcela de dor e sofrimento.

Na insegurança gerada ante a possibilidade de perdê-lo, cobra-se dele provas de amor. Para as mulheres, o amor nunca é uma evidência. Na demanda de amor direcionada ao homem, jaz o pedido que ele fale, que cante o amor, pois como observa Soler (2005, p. 185), “não há nada de que elas se queixem tanto quanto o silêncio masculino”, pois no silêncio masculino as mulheres encontram o vazio, a falha, a falta e o nada.

Relutantes em aceitar essa condição de vazio, as mulheres questionam, provocam, interrogam e esperam que o homem fale a elas, fale delas, ou ainda, que produzam uma verdade sobre elas capaz de sustentá-las como objeto causa do desejo do outro, relação em que também se sustenta o discurso da histérica proferido por Lacan (1970b/2003), que, frente ao enigma do desejo do outro, reproduz na sua demanda insistente, o pedido para que o outro elabore um saber sobre ela:

Não é de admirar que as mulheres questionem sistematicamente o amor, nem que elas o demandem de seu interlocutor. É preciso amá-las e lhes dizer isto, menos por uma exigência narcísica do que por causa dessa defecção subjetiva pela qual elas são marcadas enquanto mulheres (ANDRÉ, 2011, p. 301).

As mulheres amam com os ouvidos, é o saber veiculado no dito popular que se passa na obra lacaniana. Se a condição de ser mulher não está dada é preciso criá-la, a mulher precisa se inventar, encontrar referências para a sua feminilidade, e um desses caminhos é alcançar o reconhecimento de si através do amor. “Se essa palavra é tão esperada é porque é sempre o outro que diz a verdade sobre o amor” (ENRIQUEZ, 2003, p. 23), é o outro que cede ao feminino o significante fálico para a sua demanda, pois toda demanda é sempre um pedido de amor.

A escolha amorosa das mulheres é marcada pelo desejo narcísico de colocar-se como objeto único do amor de um homem, é pela condição de amada e desejada que ela se torna o objeto do gozo fálico do outro. Para tanto, ela demanda ao parceiro seu reconhecimento, e espera que faça semblante à sua demanda de amor, elegendo o homem que venha ocupar essa posição (FREUD, 1914/2004).

Para uma mulher, não basta ter o amor, é preciso ainda ser única, incomparável, trata-se de um imperativo, uma verdadeira exigência feminina. O amor exclusivo fascina, anula o efeito aterrador da castração, em vista do seu elevado peso narcísico, de onde advém a veneração das mulheres por um amor absoluto e sem reservas. Para isso, a mulher alimenta no seu íntimo a fantasia de uma fidelidade absoluta, manter-se como toda, aquela a que nada falta e que não precisa se interrogar: *o que ela tem que eu não tenho?*

O questionamento desse lugar permitiu que Helena optasse pela separação. A violência, em si, não foi suficiente para sustentar sua decisão, mas a falta de amor e a possibilidade de um caso extraconjugal do marido deflagram o estopim que faltava para que ela decidisse pelo fim do casamento: *Agora eu fiquei sabendo que ele andou com mulher fora. Isso aí foi a gota para mim. Foi até bom ter acontecido isso mesmo, porque aí eu não fico mais esperando que ele mude.*

O marido, mesmo violento, costumava declarar seu amor para Helena após as brigas do casal. Muitas eram as vezes que ele dizia ter nela seu porto seguro, a mulher da sua vida, a única que ele amou verdadeiramente. No entanto, durante uma dessas brigas, ele relatou ter estado com outra mulher. Após ter confirmado o fato com os familiares dele, a notícia se mostra desestabilizadora, retirado-a do lugar de única na escolha do marido.

Laura encontrava na sogra a imagem da outra, aquela com quem se propunha rivalizar e disputar o marido. Uma ameaça ao seu lugar de única no desejo dele: *A mãe dele não apoia que ele fique comigo. Não sei mais o que fazer. Só se morrer um dos dois*. O marido, descrito como alguém pouco atraente, não dava indícios de outros relacionamentos e assim, a sogra acabava ocupando o lugar da outra na competição mantida por Laura.

Para Daiana, sempre existiu a certeza da outra, um caso extraconjugal que o marido não faria questão de manter segredo, usando da relação que tinha com outra mulher e dos filhos gerados fora do casamento para humilhá-la nos momentos de violência psicológica: *Ele saía, ia à casa da outra e eu ficava lá trancada*. A outra era real e atormentava. Temia perder o marido para ela.

Patrícia sentia-se muito incomodada ao ser retirada desse lugar de única e especial. As comparações do marido a deixavam muito irritada, sempre que a comparava com sua ex-mulher: *Ele está sempre me colocando pra baixo. Fala que eu sou um atraso na vida dele. Fica me comparando com a ex-mulher dele e eu não gosto que me compare porque a ex-mulher dele é muito ruim. Ela fez muitas coisas ruins para ele e eu não sou como ela*.

Para algumas mulheres, a traição do marido não as destituiu desse lugar. Acreditando ser a única a suportar tantas adversidades, a mulher assume o lugar da mãe, aquela que tudo suporta pelo filho. Única, incomparável, um ideal de amor materno desmistificado, mas que permanece no imaginário feminino ligado à imagem positiva que constroem sobre si. A heroína que tolera as traições e o desrespeito, em favor da manutenção do casamento, como também se observa em Carla:

Eu fiquei sabendo que ele sustenta uma vagabunda. Faz tempo que me disseram que ele tem essa mulher, mas eu não senti nada sabe, quando eu soube eu não senti nada, a minha filha ficou aflita, ela estava tendo crises de vômito, falava que o pai dela tinha outra mulher, mas eu disse para ela que isso era uma escolha dele, que ele tinha feito isso e que nós não tínhamos nada a ver com a escolha dele. Eu nunca acreditei que ele tivesse mulher fora, na verdade eu nunca quis acreditar. Achava que ele ficava só bebendo mesmo, agora deu para perceber tudo que eu não via.

Se o retorno narcísico não sobrevém por meio do amor, subjaz o desejo de ser reconhecida a partir do ideal formulado sobre si. Assim se mantinha Helena: *Eu sei que eu sou uma boa esposa, as pessoas que me conhecem sabem que eu sou trabalhadeira, que eu sou batalhadora*. “O desejo de reconhecimento se aliena no desejo do outro, pois não há a encenação de dois desejos, de dois sujeitos” (CERRUTI; ROSA, 2008, p. 1063). O que se observa é o assujeitamento de um, em detrimento do outro, com o objetivo de ser aceito, de

ser amado. Imagem que vem a ser reforçada com as renúncias e sacrifícios feitos em favor do marido.

O conceito de ideal do Eu admite discorrer sobre a predominância dessas mulheres em buscar realização subjetiva na vida conjugal. Inclínadas para um ideal que preza pela gratificação e pelo reconhecimento do parceiro, muitas mulheres passam anos esperando por mudanças do marido, mesmo com todos os indícios de que essas não irão advir, gerando decepção e uma grande dificuldade em vislumbrar alternativas, que não aquelas fixadas pelos ideais.

Trata-se de idealizações construídas pelo sujeito que, ao serem frustradas pela impossibilidade do encontro amoroso, acabam por escancarar as falhas do outro e a sua incapacidade de obturar a falta constituinte em todos os seres humanos. Isso corrobora a constatação de que “as queixas que as mulheres trazem de seus relacionamentos amorosos são, na grande maioria das vezes, relatos dos infortúnios sofridos” (CERRUTI; ROSA, 2008, p. 1056).

Carla, Laura e Helena pareciam conviver com as exigências de um ideal do Eu materno. Precisavam salvar esses homens, pois voltar as costas para eles significaria abdicarem da imagem positiva que construíram sobre si, pela ideia de ser boa esposa, boa mãe. Recusar esse lugar implica enfrentar grandes resistências, assumindo a possibilidade de punição pelo suprerreu.

Como já mencionado, o retorno narcísico não se dá por uma única via, e pode abrigar-se em imagens formuladas a partir dos ideais. Mesmo que ocorra de forma contraditória, a gratificação advém pela dor e pelo sacrifício em nome da manutenção de um ideal erguido dentro de si, cuja alternativa seria abdicar dos referenciais construídos em torno da ideia de felicidade, de casamento e de realização amorosa.

Observa-se como isso é doloroso para Patrícia, cujo casamento se tornou uma lembrança diária da morte do seu ideal: *Meu sonho sempre foi ter uma família, ter a minha casa, cuidar das minhas coisas, mas não deu certo*. Os insultos e ofensas do marido abriam uma ferida narcísica, mostrando a falha, a falta, a decadência de um ideal que não vingou.

Contudo, a consistência de um ideal firmado com tanta energia no inconsciente não se desfaz com o fracasso do casamento, pois ela continuava a alimentá-lo, seja nutrindo esperanças de que o marido mudasse e oferecesse a ela *a família que sempre quis ter*, ou ainda, projetando-o no futuro: *agora não, mas eu tenho anseio de talvez, algum dia, fazer uma família, porque eu acho que eu mereço. Eu tenho meus defeitos, todo mundo tem, mas eu*

já passei muita coisa. Acho que eu mereço um homem que goste de mim. Sobre seus ideais, ela comentou:

O meu marido ele sempre fala que eu quero um homem que esteja aos meus pés, que faça o que eu quero, mas não. Quero um homem que chegue em casa e te cumprimente, pergunte se estou bem, e dê um beijo, te abraça e diga que gosta de tu e converse sobre teus problemas e te ajude, te entenda, ou que compartilhe tuas ideias, entende? O meu marido sempre fala que eu me casei com ele por dinheiro, que dinheiro ele não tem, ele só trabalha. Eu queria um cara assim, que a gente pudesse construir junto as coisas, trabalhar, porque eu sempre trabalhei, sempre, sempre trabalhei muito. Mas, assim, eu gostaria de um cara, normal, que ame, um cara que goste de mim, que me ame. Na minha idade eu me sinto muito carente sabe, muito mesmo, nem tanto de homem. Eu queria alguém que venha me abraçar, minha mãe, meu pai, alguém. Eu me sinto sozinha, sozinha mesmo (PATRÍCIA).

A forma como se sentia, carente de cuidado e proteção, tornava ainda mais difícil abandonar esse lugar de sujeição adotado por ela na relação com o marido. Vivendo longe da família e contando com poucos amigos, Patrícia vinculava-se a ele e, mais ainda, ao seu ideal, de construir uma família com filhos e criá-los na presença do pai. Pesava a ideia de romper com o casamento firmado sobre o imperativo *até que a morte os separe*.

Também chamava atenção a forma como se apropriava dos valores da cultura, adotando uma postura rígida e resistente à mudança: *Eu não sei, eu acho que eu criei uma política para mim, eu tenho uma política de não ser mãe solteira, eu penso isso. Eu também tenho medo do meu filho ser criado sem pai*. A psicanálise possibilitaria então questionar e reverter aquilo que ela chamava de sua política.

A concepção de família nuclear inaugurada pela burguesia também tinha um lugar importante na subjetividade de Daiana. Por conseguinte, na manutenção do vínculo. Ela favorecia que Daiana suportasse os abusos do marido no intuito de preservar esse ideal compartilhado no meio social. Ainda que esse se apresente como um argumento questionável, ele precisa ser considerado, uma vez que Daiana, mesmo assumindo toda responsabilidade pelos cuidados da filha, permanecia relutante diante da possibilidade de enfrentar a tarefa de *criar a filha sem pai*.

Carla se mostrava sem forças para levar a cabo esse mesmo ideal: *O meu ideal era criar meus filhos com pai, eu aturei muita coisa para manter o vínculo de família, mas ele nunca deu valor à família dele*. O que acaba por reforçar a reincidência desse valor como um imperativo que direciona o feminino na sociedade e afeta seus desejos, suas escolhas, sua vida, em busca de um mito, um modelo de família que asseguraria a fantasia de serem *felizes para sempre*.

As idealizações construídas sofrem as marcas do amor romântico burguês, de um modelo de família que em nada condiz com exemplo vivido por elas. Para Daiana e Patrícia, o

padrão de relação com o marido se reproduzia como um verdadeiro retorno, uma tentativa frustrada de dar outro destino à experiência vivida com os pais durante a sua infância. No caso de Helena, foi o desejo de formar uma família nesses moldes que permitiu a união do casal:

Quando eu me juntei com ele eu não gostava dele, mas como eu engravidei eu fiquei com medo naquela situação, eu não queria ser mãe solteira, e ele era muito apaixonado por mim, eu me arrependo de ter casado com ele no papel, o que mais me prendeu a esse homem foi isso (HELENA).

A consolidação do casal teria sido reafirmada com o casamento em cartório, para ela, mais um complicador a impedir o rompimento da relação. Orientada por uma líder religiosa, Helena teria sido incentivada a *casar no papel*, pois de acordo com a religião que segue, estaria em pecado se permanecesse morando com o marido sem estar casada legalmente. Hoje, manifesta grande arrependimento por ter tomado essa decisão que, segundo ela, foi o que mais a prendeu a esse homem.

O supereu e a moral religiosa pareciam caminhar juntos, favorecendo a formulação de um ideal sádico e inatingível. Ao suportar os abusos do marido, mostrava a fragilidade de seu amor-próprio, pois esperava do outro, respostas para o seu sacrifício: *Eu só queria que ele reconhecesse as coisas que eu já fiz, eu não queria mais nem que ele fizesse nada, só queria que ele reconhecesse, mas ele não reconhece.*

Embora não fosse o exclusivo motivo que a prendia nessa relação, o casamento *com papel passado* permanecia no seu imaginário como único, aquele que não pode ser desfeito, implicando certa dificuldade para assumir em sua identidade o *status* de divorciada, algo que era reforçado por sua crença religiosa, fundada sobre os valores cristãos que prezam pela manutenção do casamento. Uma vez separada, seu estado civil acusaria o encontro que não deu certo, dificuldades que não foram superados sem que fosse necessário colocar um fim no relacionamento.

São também esses valores que contribuem para a idealização do amor, como um sentimento sublime, que só visa o bem e não frustra. Um amor cristão marcado pelo sacrifício, submissão e renúncia a qualquer interesse próprio em favor do ser amado, como apresentado na carta de São Paulo aos Coríntios²⁰:

O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

²⁰ In: I CORÍNTIOS, capítulo 13, versículos 4-7.13:4-7.

Se a relação amorosa não condiz com esse ideal, ela acusa a falha, a falta, a impossibilidade do outro em fazer semblante para a demanda de amor. Se o amor já não condiz com o esperado, cabe agora questionar a veracidade do amor do marido, ou abandonar o ideal construído sobre o amor, uma tarefa muito mais difícil para elas, tornando-se preferível questionar o amor do marido e os próprios sentimentos que alimentavam a relação: *Acho que não era amor, porque se fosse amor teria ficado algo, e não ficou nada, se ficou, foi mágoa* (CARLA).

Para manter o ideal construído muitas delas optavam por uma divisão desse sentimento em duas metades distintas. Pela exclusão do desejo se vislumbra a separação entre amor e sexo. Assim como apresentado no texto freudiano *Sobre a Tendência Universal à Depreciação na esfera do Amor* (1912/1996), observa-se que as mulheres também tendem a estabelecer uma divisão afetivo-sensual na relação com o cônjuge, permanecendo o amor como atrelado à ideia de afeição, sem qualquer fim erótico, ainda que o toque e o contato físico sejam a finalidade imediata das catexias objetais e amorosas (FREUD, 1926/1996).

Para Freud (1912/1996), a falha no desenvolvimento da libido está associada exatamente às frustrações impostas pela realidade, podendo contribuir para a redução do valor erótico atribuído ao objeto. Nesses casos, as frustrações advindas da relação conjugal marcada pela violência contribuíam para a negação da sexualidade, mostrando um caminho aberto ao sofrimento neurótico de cada uma delas.

Chamava atenção a negação da própria sexualidade, como uma possibilidade de mascarar o desejo e a falta, algo que pôde ser observado nos atendimentos, ocasião em que a mulher elevava sua libido para sentimentos sublimados, esperando ter do marido o amor de um pai, o afeto e a companhia de um irmão, ao mesmo tempo em que recusava os compromissos sexuais presentes em uma união conjugal.

A negação da sexualidade parecia encontrar correspondência na idealização construída sobre o amor, como aparecia em suas falas: *Uma mulher não precisa só de sexo, a mulher gosta de ser amada, de ser respeitada, de um agrado e eu nunca tive isso* (HELENA). Laura dizia ter nojo do marido e aversão a qualquer aproximação cujo fim fosse sexual: *Ele me humilha, diz que eu não sou mulher, disse que eu virei homem, porque eu não quero ter mais nada com ele. Ele é o homem da minha vida, mas eu não suporto ele triscar em mim*.

O amor sem sexo, encarado como sublime, não serve de sublimação. Nesses termos, pode se falar apenas de uma satisfação parcial por meio do discurso insatisfeito, de um desejo

que permanece latente, esperando para se realizar, fazendo com que Helena se sentisse muito incomodada com a fala de suas amigas, quando diziam do seu desejo pelo marido.

A imagem de esposa, dedicada ao lar e ao marido, parecia se distanciar da puta – aquela que deseja e sente falta de sexo. Helena procurava deixar bem claro que não servia de puta ao desejo do marido: *Ele me ofereceu duzentos reais pra ter relação com ele, mas eu não aceitei, porque depois ele ainda ia me chamar de puta, eu ia estar caindo na cilada dele.*

Essa cisão em duas metades também era vivida na relação com o marido, descrito como se tivesse duas personalidades completamente opostas, *teria ele transtorno bipolar?* Perguntou Carla durante o atendimento. O que possibilitava a ela resguardar alguns aspectos positivos, isolando da sua figura os demais componentes negativos que ele encarnava nessa relação. Ao tratar as reações do marido como uma doença, também se eximia da culpa que por muito tempo era atribuída a ela, como responsável pelo comportamento destrutivo do marido.

Eu acho que ele tem transtorno bipolar, porque ele muda muito. Um dia ele tá bom, no outro ele critica todo mundo, para ele ninguém presta. Eu to vendo por esse lado, que ele tem problema. Eu me sinto melhor de estar entendendo ele, a culpa não é minha por ele ser assim. Eu falei para os irmãos dele. Eles estão até me entendendo mais agora, estão vendo as coisas que ele fazia comigo – ele era doente por ti – eles dizem isso (CARLA).

Essa cisão do marido em duas imagens também era efetivada por Laura: *Ele também é uma pessoa boa, não tem pessoa melhor do que ele, quando não bebe e usa droga.* Dessa forma, ela preserva o lado bom do marido, aquele que quando não está sob o efeito do vício é uma pessoa “maravilhosa”. Como nem sempre é assim, outrora recorre a argumentos religiosos para explicar a violência: *Parece que ele está endemoniado*, o que permite manter essa cisão, pois nessas condições não teria controle sobre si.

Para essas mulheres, o amor vem como experiência amarga, precipitadora de angústia e dor, nas palavras de Soler (1995, p. 93), trata-se de um sentimento que compreende a “mistura paradoxal de amor idealizante e de agressividade má, de propensão a degradar, a atormentar o próprio objeto da idealização”. Uma mostra inconciliável para elas, pois como dizia Helena, *quem gosta não fala as coisas que você fala, quem gosta não faz as coisas que você faz.*

Os sentimentos de hostilidade e raiva para com o marido apontam as contradições do amor e não a sua ausência, pois é o masculino que permite a manutenção do ideal amoroso. Desejam preservar o casamento e a condição de casada, contudo, para existir como esposa é

necessário que haja o marido. Frente à impossibilidade de perceber o cônjuge na sua totalidade, não se dão conta de que ele encarna uma pessoa, mas também sustenta um ideal.

Se a relação com o marido não corresponde mais ao ideal, a fonte narcísica seca, esvazia e põe em evidência o amor a sua outra face, doentio, mas ainda assim fantasiado, como objeto de satisfação, esperança de dias melhores, gratificação no plano afetivo e equivalência ao ideal de felicidade construído por cada uma delas. A não concretização do ideal permite a ele perpetuar-se no espaço das relações como um fenômeno sintomático, que, por isso mesmo, tem entre suas marcas a repetição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a experiência de mulheres com história de violência conjugal a partir de uma leitura que oferece centralidade ao amor permitiu constatar o quanto essa temática permanece viva na clínica psicanalítica. Seja no intuito de evitar a dor, ou em busca da felicidade, o amor gera angústia, mobiliza e domina grande parte da vida psíquica dessas mulheres, ocupando um lugar de destaque na compreensão da subjetividade.

As agressões decorrentes da violência conjugal imprimem uma forma de sofrer, a relação ganha *status* de sintoma que se repete e esconde uma verdade sobre o sujeito. Contudo, não são exatamente as agressões físicas que as fazem procurar ajuda, mas é a falta de amor, as humilhações e o desprezo que permitem começar a olhar para o próprio desejo, algo que pôde ser evidenciado a partir do estabelecimento da interface entre a relação amorosa e a violência.

Passados sete anos de vigoração da Lei Maria da Penha, vê-se uma realidade que ainda tem muita por ser transformada e que também convida a pensar o lugar da psicanálise nesse processo, a qual propõe uma nova leitura sobre o amor e a violência, trazendo à tona a realidade psíquica e a dor de existir que acompanha essas mulheres, impossibilitando-as, muitas vezes, de tomarem decisões, que não aquelas pactuadas na relação violenta.

São muitas as implicações subjetivas que influenciam a escolha do cônjuge e a manutenção de uma relação conjugal nesses moldes. Tais implicações vão da forma como as mulheres se apropriam dos valores sociais sobre o casamento, como espaço de realização e felicidade, até os elementos psicodinâmicos que se manifestam a partir da sua história familiar, evidenciados nos conflitos edípicos e na relação de amor estabelecida com as primeiras figuras parentais.

Destacam-se as identificações e projeções para com a mãe, cuja relação, na maioria das vezes expõe a ambivalência, por encobrir uma demanda de amor atualizada na relação com o marido, enquanto o pai coexiste como objeto do desejo, um desejo proibido e camuflado pelos desvios da libido que resultam na sua idealização, permitindo discorrer sobre o amor em referência ao desenvolvimento da libido.

O amor, enquanto libido é narcísico, pois ao amar o que se busca, na verdade, é ser amado. O retorno e gratificação para o Eu advém pela possibilidade de encontrar satisfação, tanto na relação afetiva como na realização de um ideal. Se o amor já não faz semblante e não

é recíproco, o gozo em sofrer, em permanecer casada por ser condição entendida como certa, oferece às mulheres um nome, um lugar, o reconhecimento de si a partir da manutenção de um ideal.

A cobrança de amor nunca abandonada pelo feminino passa a operar pela via reconhecimento. O amor, nesses casos, deixa de encarnar uma pessoa – o companheiro, por exemplo – e passa a encarnar um ideal. Na maioria das vezes o que sustenta a relação não é o amor ao marido, mas as ilusões construídas a partir da relação com o parceiro. Elas amam uma condição, a idealizam, e fecham os olhos para o seu fracasso, evidenciando que não há uma lógica racional capaz de orientar as ilusões criadas pelo amor.

Em um contexto social regulado por valores como liberdade, autonomia e variedade de escolhas, as idealizações sobre o amor e o casamento se mantêm na direção contrária, pois contribuem para a permanência da mulher nesse tipo de relação, cujo imperativo atende pelo nome de casada, mãe de família e boa esposa, em resposta aos modelos de feminilidade que ainda permanecem vigentes na cultura, como fetiche para o grande Outro social.

Tradicionalmente, os serviços de atenção e cuidado a essas mulheres têm se pautado numa ética fundada sobre o pensamento feminista, o qual trouxe avanços, mas nem sempre considera as singularidades, colocando a mulher num lugar de vítima, quase que exclusivamente. Como grande parte das políticas públicas, suas práticas de atendimento são orientadas a partir de critérios generalizantes e, portanto, apresentam lacunas significativas quanto à efetivação de uma proposta capaz de atender as singularidades dessas mulheres.

Daí decorre a importância de contar com um olhar psicanalítico sobre a questão, no intuito de ampliar a compreensão sobre o assunto e resgatar o sentido subjetivo presente nos discursos marcados pela violência. Nessa conjuntura, faz-se necessário pensar a ética da psicanálise e o seu lugar nesses espaços, considerando as possíveis contribuições oferecidas a partir da sua visão de mundo e do seu método.

Pesquisar a clínica com o método psicanalítico permite ao pesquisador relativizar suas concepções de mundo e de sujeito e formular contribuições metapsicológicas para a própria psicanálise. É pelo método que o pesquisador passa a levantar questionamentos, recriando a teoria e fornecendo novos direcionamentos para sua prática, entre o plástico e o estruturante, entre o novo que emerge na clínica e aquilo que é legitimado na teoria.

Se a elaboração das políticas públicas para mulheres é formulada em função de um coletivo, o atendimento oferecido pelos profissionais que atendem diretamente suas demandas deve ser pautado pela escuta das singularidades. Nenhuma proposta será efetiva se em determinadas circunstâncias não considerar o desejo da mulher e a sua história, para então

subvertê-la a partir de uma nova ordem, de uma nova economia pulsional e um novo discurso sobre o sofrimento.

A Psicanálise não tem respostas prontas, não define o lugar da mulher ou indica como deve proceder. Ao contrário, oferece oportunidade de autoria e de autonomia, relativizando o conceito de vítima e exigindo implicação frente ao sofrimento. Partindo do princípio que cada sujeito é um universo formado por significações plurais, a clínica comparece como um mundo de possibilidades que convidam a psicanálise a se fazer presente e recuperar o sentido especificamente humano na pesquisa.

O que se repete entre essas mulheres certamente é sua grande queixa: insatisfação na relação conjugal e dificuldade em romper com o vínculo estabelecido com o marido. No mais, são mulheres com histórias singulares, enredos próprios que assumem itinerários distintos em busca de uma resposta para a questão, pondo em evidência a necessidade de uma escuta diferenciada, que considere a historicidade do sujeito e o inconsciente.

A experiência do desamparo molda sua subjetividade e alimenta a condição de dependência frente o desejo do outro, o que vem a se manifestar na resistência em romper a relação violenta e evitar que se reviva da dor do desamparo. Há uma dificuldade observada nesse ponto que se manifesta de diferentes formas para cada uma dessas mulheres, sobre a qual se coloca em evidência o medo da separação.

Quando a violência se impõe em desfavor às trocas afetivas e à manutenção do ideal firmado sobre o casamento, vive-se uma perda narcísica, que ressoa como ameaça à imagem amada de si. Logo, romper com uma relação violenta não significa apenas decidir pelo fim do casamento, mas abdicar de algo maior, de um ideal internalizado cuja perda pressupõe a vivência de um empobrecimento narcísico.

As idealizações e valores que sustentam do elo conjugal são constituintes da subjetividade dessas mulheres e não podem ser modificados a partir de uma orientação educativa, pautada pela racionalidade. Uma mudança de lugar e de discurso frente ao sofrimento implica desejo e tempo – como é característico da clínica psicanalítica – exigindo uma escuta qualificada, capaz de promover a elaboração e ressignificação dessas questões.

A dificuldade das mulheres para sustentar uma decisão que resulte em rompimento acaba favorecendo o grande número de desistências. Elas abandonam o processo psicoterápico, quando não, sequer comparecem ao primeiro atendimento, o que se coloca como desafio para os profissionais, promovendo um repensar sobre as práticas que possa resultar num melhor trabalho de atenção a essas mulheres, pois a decisão de permanecer com o cônjuge não pode ser tomada como obstáculo para que se continue a intervir.

A demanda por denunciar o marido ou romper a relação precisa ser direcionada pelo desejo da mulher e não dos técnicos que oferecem atendimento. Contudo, mesmo que decidam permanecer com o cônjuge é possível fazer algo que venha a contribuir com o processo de mudança na relação com o outro, criando novas alternativas e vicissitudes para o desejo feminino.

Num cenário em que muitas mulheres, mesmo vivendo em meio aos ideais de liberdade da pós-modernidade e desfrutando de nível econômico elevado, persistem em se manter presas a um vínculo nefasto. Cabe que se continue a examinar a questão, não deixando de considerar os fatores aqui apresentados e todas as idiossincrasias retratadas no percurso de uma escolha amorosa perversa.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Fundação Perseu. *Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <http://www.fpa.org.br/o-que-fazemos/pesquisas-de-opiniao-publica/pesquisas-realizadas/pesquisa-mulheres-brasileiras-nos-es>. Acesso em: 28 ago. 2012.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ARÁN, Márcia. *O avesso do avesso: Feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v.22, n.2, p.70-77, jun. 2002.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL, Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Lei Maria da Penha Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006 – Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasília: A Secretaria, 2006a.

BRASIL, Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Norma Técnica de Uniformização: Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006b.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

_____. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPANÁRIO, Isabela. Questões sobre a psicopatologia do amor cotidiano. *Estudos de psicanálise* [online]. Aracajú, n.33, p. 55-60, jul. 2010.

CAON, José Luiz. Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v.10, n.1, 1997. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25655/000191386.pdf?sequence=1> Acesso em: 07 set. 2011.

CERRUTI, Marta; ROSA, Miriam. Em busca de novas abordagens para a violência de gênero: a desconstrução da vítima. *Revista Mal-Estar e Subjetividade* [online], v.8, n.4, p. 1047-1076, 2008.

CÔRTEZ, Gisele Rocha. Violência doméstica: Centro de referência Heleieth Saffioti. *Estud. sociol.*, Araraquara, v.17, n.32, p.149-168, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DRUMMOND, Cristina. Devastação. *Opção Lacaniana* [Online]. v. 2, n.6, p.1-14, 2011. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao.pdf. Acesso em: 15 de março de 2012.

ENRIQUEZ, Eugène. A construção amorosa. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, v.9, n.13, p.13-25, jun. 2003.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. *Revista Estudos Feministas* [online], Florianópolis, v.12, n.1, p.47-71, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21692.pdf>. Acesso em: 05 set. 2012.

FRANCISQUETTI, Paula. *Saúde mental e violência*: Considerações acerca do atendimento em saúde mental a mulheres em situação de violência, 2005. Disponível em: http://mulheres.org.br/documentos/saude_mental_e_violencia.pdf. Acesso em: 10 out. 2012.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905a). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.VII . Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.117-229.

_____. Fragmento da Análise de um caso de histeria (1905b). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.13-116.

_____. Cinco lições de psicanálise. (1910a). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.VII . Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.17-65.

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens: Contribuições à psicologia do amor I (1910b). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XI . Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 167-180.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor: Contribuições à psicologia do amor II (1912). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XI . Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 181-195.

_____. À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914). In: _____, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 95-131.

_____. Pulsões e Destinos da Pulsão (1915). In: _____, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 133-173.

_____. Uma dificuldade no caminho da Psicanálise (1917a). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XVII . Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.143-153.

_____. Luto e Melancolia (1917b). In: _____, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 99-122.

_____. O tabu da virgindade: Contribuições à psicologia do amor III (1918). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XI . Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.197-215.

_____. Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.191-218.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In: _____, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p.123-182.

_____. Psicologia de Grupo e análise do Ego (1921). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XI . Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.77-154.

_____. (1923a). Dois verbetes de enciclopédia. In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.253-270.

_____. O Eu e o Id (1923b). In: _____, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 13-92.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924a). In: _____, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 103-124.

_____. A dissolução do completo de Édipo (1924b). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.189-199.

_____. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.271-286.

_____. Inibições, Sintomas e Ansiedade (1926). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XX . Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.81-171.

_____. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: _____ *Obras Completas de Sigmund Freud*. v.XVIII . São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.13-122.

_____. Feminilidade (1933a). In: _____ *Obras Completas de Sigmund Freud*. v.XVIII . São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.263-293.

_____. Angústia e Instintos (1933b). In: _____ *Obras Completas de Sigmund Freud*. v.XVIII . São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 85-112.

_____. Projeto para uma psicologia científica (1950). In: _____ *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*: Edição Standard Brasileira. v.XX . Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.333-469.

FUKS, Lúcia Barbero. *Narcisismo e Vínculos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

GOMES, Isabel. Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. *Boletim de Psicologia*, v. LV, n. 123, p.177-188, 2005.

GRANT, Walkiria Helena. A mascarada e a feminilidade. *Psicologia USP* [online], São Paulo, v.9, n.2, p.249-260, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641998000200010>. Acesso em: 13 out. 2012.

_____. Considerações sobre a homossexualidade feminina. *Psychê*, v.6, n.9, p. 137-150, 2002.

GUERRA, Andréa. A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. *Ágora (Rio J.)* [online]. v.4, n.1, p. 85-101, 2001.

GUIMARÃES, Roberto Mendes; BENTO, Victor Eduardo Silva. O método do “estudo de caso” em psicanálise. *Psico*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 91-99, jan.-mar. 2008.

HADDAD, Gisela. *Amor e fidelidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

HERRMANN, Fábio. *Andaimes do real. Livro primeiro. O método da Psicanálise*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Uma aventura: A tese psicanalítica (Entrevista com Fábio Herrmann). In. SILVA, Maria Emília Lino da (coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas-SP: Papirus, 1993.

_____. *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. Pesquisando com método psicanalítico. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (org.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.43-83.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, p.115-138, jan.-jun. 2003.

JUNQUEIRA, Sandra. Desamor e desamparo no feminino. In. QUINET, A.; LIMA, J.; JUNQUEIRA, S.; SAFFI, T (Org.). *O amor e o divã: estudos psicanalíticos*. Joinvill: Letradágua, 2012, p.69-78.

KEHL, Maria Rita. A psicanálise e o domínio das paixões. In. Obra Coletiva. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Deslocamentos do feminino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LACAN, Jaques. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.238-324.

_____. Teoria da falta de objeto (1957). In *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente* (1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *O Seminário, Livro 8: A transferência* (1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise* (1970a). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

_____. Radiofonia (1970b). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.400-447.

_____. O Aturdido (1973a). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 448-497.

_____. *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda* (1973b). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *Televisão* (1974). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. *O seminário, livro 23: O sinthoma* (1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOWENKRON, Aurea Maria. Pesquisa Clínica na Psicanálise: Caminhos. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n.71, p.171-188, dez. 2006.

MARCOS, Cristina. Mãe e filha: da devastação e do amor. *Tempo psicanalítico*, v.43, n.2, p.269-284, 2011.

MENEZES, Lucianne. *Desamparo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MEZAN, Renato. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: SILVA, Maria Emília Lino da (coord.). *Investigação e Psicanálise*. Campinas-SP: Papirus, 1993.

MINERBO, Marion. Estratégias de investigação em Psicanálise. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (org.). *Pesquisando com método psicanalítico*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 85-94.

MOURA, Ana; NIKOS, Isac. Estudo de caso, construção do caso e ensaio metapsicológico: da clínica psicanalítica à pesquisa psicanalítica. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XIII, n. 140/141, p.69-76, 2000/2001.

NARVAZ, Martha. Masoquismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de Psicologia. *Psicologia Ensino & Formação*, v.1, n.2, p.47-59, 2010.

NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NERY, Maria da Penha; COSTA, Liana Fortunato. A pesquisa em psicologia clínica: do indivíduo ao grupo. *Estudos em psicologia*. Campinas, v.25, n.2, p. 241-250, 2008.

OLIVEIRA, Kátia Lenz César de. *Quem tiver a garganta maior vai engolir o outro*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PLATÃO. *O banquete*. Pará de Minas- MG: Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2003. Disponível em: http://www.virtualbooks.terra.com.br/freebook/didaticos/download/O_banquete.pdf. Acesso em: 10 out. 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. Voz no Amor. *Psicologia Clínica*. v.22. n. 2. Rio de Janeiro. p.169-177, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, n.16, p.115-136, 2001.

SCHAEFFER, Jacqueline. Do masculino e do feminino como co-construção de casal. *Jornal de Psicanálise*, v.42, n.76, p.107-119, jun-2009.

SILVA, Maria Helena. *A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas*. São Paulo: Escuta, 2002.

SOLER, Colette. *Variáveis do fim da análise*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SOUZA, Tharso. O lugar do desejo feminino frente à violência. *Reverso*, v.33, n.62, p.85-91, 2011.

TANIS, Bernardo. Solidão: Clínica e Cultura. In: HERRMANN, Fabio; LOWENKRON, Theodor (org.). *Pesquisando com método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 85-94.

VICENTE, Sônia. Amor Louco. *Cogito* [online]. Salvador, v.8, p.1-6, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cogito/v8/v8a05.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2012.